

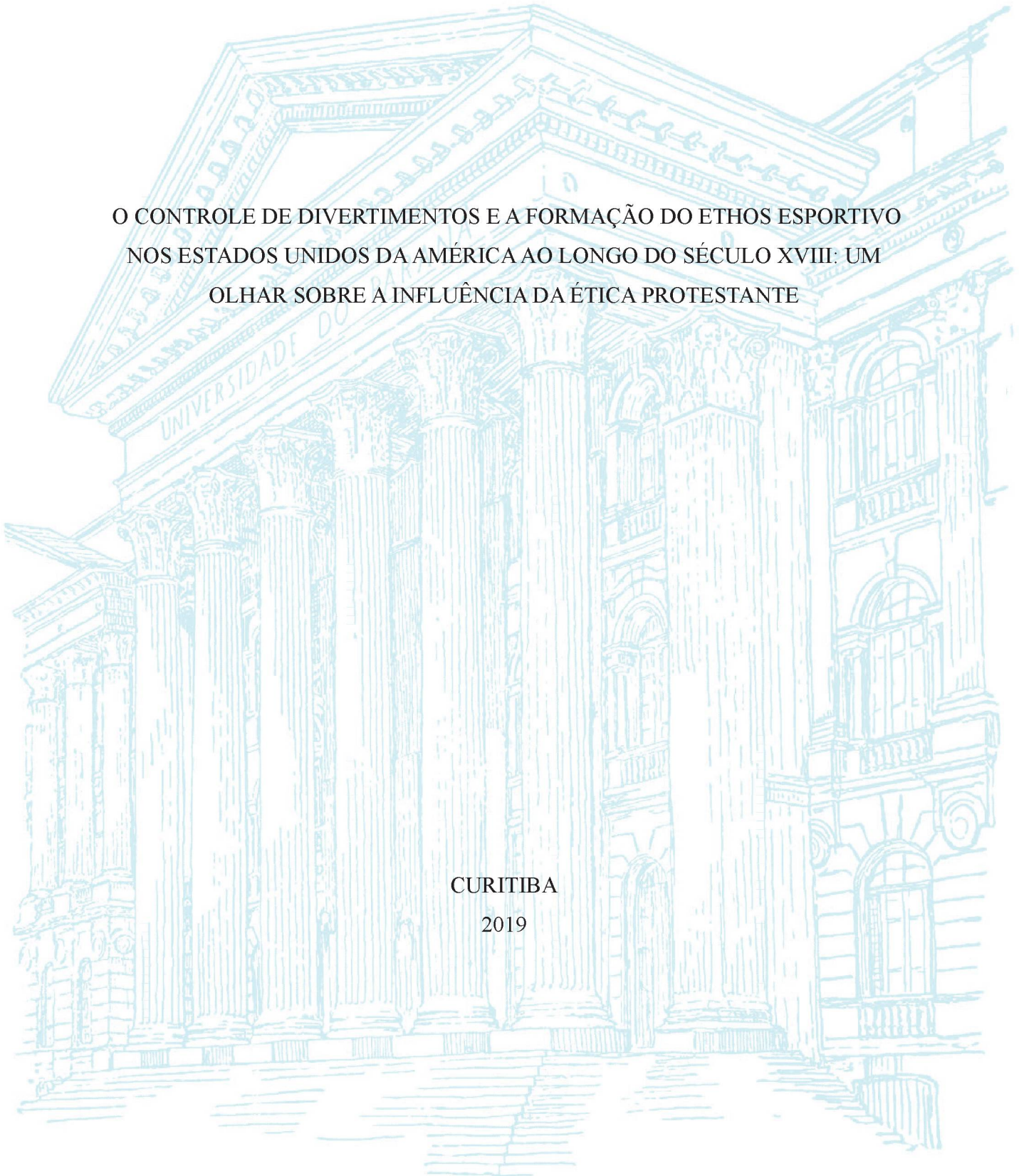
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NARAYANA ASTRA VAN AMSTEL

O CONTROLE DE DIVERTIMENTOS E A FORMAÇÃO DO ETHOS ESPORTIVO  
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA AO LONGO DO SÉCULO XVIII: UM  
OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA DA ÉTICA PROTESTANTE

CURITIBA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NARAYANA ASTRA VAN AMSTEL

O CONTROLE DE DIVERTIMENTOS E A FORMAÇÃO DO ETHOS ESPORTIVO  
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA AO LONGO DO SÉCULO XVIII: UM  
OLHAR SOBRE A INFLUÊNCIA DA ÉTICA PROTESTANTE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo João Sonoda-Nunes

CURITIBA

2019



Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Dulce Maria Bieniara – CRB/9-931)

Van Amstel, Narayana Astra

O controle de divertimentos e a formação do ethos esportivo nos Estados Unidos da América ao longo do século XVIII: um olhar sobre a influência da ética protestante. / Narayana Astra Van Amstel. – Curitiba, 2019.

105 p.: il.

Orientador: Marcelo Moraes e Silva

Coorientador: Ricardo João Sonoda-Nunes

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Esportes 2. Estados Unidos 3. Protestantismo 4. Ética religiosa I. Título II. Silva, Marcelo Moraes e III. Sonoda-Nunes, Ricardo João IV. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.08



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -  
40001016047P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **NARAYANA ASTRA VAN AMSTEL** intitulada: **O controle de divertimentos e a formação do ethos esportivo nos Estados Unidos da América ao longo do século XVIII: um olhar sobre a influência da ética protestante**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 21 de Fevereiro de 2019.

  
MARCELO MORAES E SILVA

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

  
RICARDO JOÃO SONODA NUNES

Avaliador Externo (UFPR)

  
EVELISE AMGARTEN QUITZAU

Avaliador Externo (UDELAR)

  
WANDERLEY MARCHI JÚNIOR

Avaliador Interno (UFPR)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e Nossa Senhora.

Aos meus pais e familiares.

À Fundação Araucária. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



## RESUMO

O presente estudo teve como principal objetivo verificar as influências da ética protestante no controle do corpo e seus divertimentos no contexto norte-americano no período de 1633 a 1791. Para tal, realizou-se uma pesquisa de cunho historiográfico amparada em fontes escritas pelo americano Benjamin Franklin, bem como conjuntos de leis produzidas tanto na Inglaterra quanto nas colônias americanas que ajudaram a compreender o contexto do corpo e seus divertimentos frente a moral protestante. Buscou-se entender como o *ethos* americano moldou divertimentos e demais práticas corporais para que se enquadrassem em atividades de cunho utilitarista, condizentes com a moral religiosa dos Estados Unidos da América do século XVIII. Observou-se uma rejeição inicial por parte da cultura protestante aos mais diversos divertimentos, tomando-os como ocupações frívolas do tempo que deveria ser destinado à vocação de fé ou a sobrevivência na colônia. Em um segundo momento, manifestou-se uma gradual aceitação de determinadas práticas de divertimento, imbuindo-as de valores morais condizentes com a fé puritana. Torna-se importante salientar que também surgiram evidências de um cuidado específico do corpo que permitia a prolongação da saúde, através de dietas, exercícios e privações controladoras do sono, alimentos e bebidas. Tais mudanças no tratar do corpo e seus divertimentos apontaram para um maior controle dos mesmos. Efeitos reflexos de uma maior racionalização da cultura americana, consequência da fé protestante majoritária nas colônias americanas. Como considerações finais, realizam-se aproximações dessa cultura física específica com a formação do esporte moderno dentro de uma ordem discursiva favorável a esse fenômeno.

Palavras-chave: História do Esporte; Estados Unidos da América; Benjamin Franklin; Ética Protestante.

## **ABSTRACT**

The present study had as main objective to verify the influences of the Protestant ethic in the control of the body and its amusements in the North American context in the period from 1633 to 1791. For this, a historiographic research was carried out supported by sources written by the American Benjamin Franklin, as well as sets of laws produced both in England and in the American colonies which helped to understand the context of the body and its amusements against Protestant morality. It sought to understand how the American ethos shaped amusements and other corporal practices to fit into activities of an utilitarian nature, in keeping with the religious morality of the United States of the 18th century. An initial rejection by the Protestant culture of the various amusements was observed, taking them as frivolous occupations of the time that should be destined to the vocation of faith or the survival in the colony. In a second moment, there was a gradual acceptance of certain practices of amusement, fulling them with moral values commensurate with the Puritan faith. It is important to notice that there was also evidence of specific body care that allowed for prolonged health through diets, exercise and deprivation that control sleep, food and beverages. Such changes in the treatment of the body and its amusements pointed to greater control of the same. Effects that came from a greater rationalization of the American culture, consequence of the protestant majority faith in the American colonies. As final considerations, approximations of this specific physical culture are made with formation of modern sport within a discursive order favorable to this phenomenon.

**KEY-WORDS:** History of Sport; United States of America; Benjamin Franklin; Protestant ethic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>MÉTODO E DESCRIÇÃO DAS FONTES</b>	13
<b>CAPÍTULO UM – A CULTURA PROTESTANTE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA</b>	19
1.1 Protestantismo na Inglaterra e nas colônias americanas – a formação de um <i>ethos</i> religioso específico	19
1.2 O discurso do corpo nas colônias americanas – as “virtudes” protestantes	32
1.3 A dimensão corporal no protestantismo americano	35
<b>CAPÍTULO DOIS: DIVERTIMENTOS CONTROLADOS – A ÉTICA DA UTILIDADE NA OBRA DE FRANKLIN</b>	48
2.1 As várias faces de Franklin – breves apontamentos biográficos	48
2.2 Virtudes infusas em um jogo – controle e utilidade nos divertimentos de Franklin	51
2.3 Em busca da utilidade – a justificação dos divertimentos	56
2.4 A moral do xadrez posta em xeque – o paradoxo do bem e mal expostos em um divertimento	59
2.5 – O corpo que aprende pelo movimento – preocupações pedagógicas em Benjamin Franklin	65
<b>CAPÍTULO TRÊS – NOÇÕES DE EXERCÍCIO FÍSICO, DIETA E SAÚDE NA PERSPECTIVA FRANKLIANA – O COMBATE AOS EXCESSOS E A DEFESA DA AUSTERIDADE</b>	72
3.1 Nada de errado em nadar – o valor da natação para Franklin	72
3.2 Dieta virtuosa e o combate aos excessos pecaminosos: o corpo equilibrado para Franklin	79
3.3 O corpo como residência do Espírito Santo – A “evangelização” da saúde	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	94
<b>REFERÊNCIAS</b>	99



## INTRODUÇÃO

A obra *Homo Ludens*<sup>1</sup>, do historiador holandês Johan Huizinga (2000), consiste em uma referência introdutória acerca das características conceituais dos elementos que compõem os divertimentos. Para o autor, o ato de se divertir seria uma atividade realizada tanto pelos seres humanos quanto pelos animais, tendo como qualidade unificadora a não-racionalidade do lúdico. Ao discorrer acerca de tal questão, Huizinga indica a impossibilidade de se determinar a origem dos divertimentos, visto que o ato de se entreter é anterior a própria história e é recorrente sua presença na natureza quando analisada nos mais variados seres vivos.

Entretanto, Huizinga aponta uma atividade moderna que particulariza-se por ser uma forma de jogo, porém marcada por características de organização técnica, complexidade científica, sistematização e regulamentação que a desvinculam dos aspectos lúdicos que formam o conceito original de jogo. Trata-se do esporte em sua acepção moderna. O esporte moderno, segundo apontam Vigarello (2008a; 2008b) e Marchi Júnior (2016), é entendido como um conjunto de práticas corporais institucionalizadas e de regras universais, com rastreamento do fenômeno em uma origem ocidental e inglesa ao final do século XIX, em que o mesmo espalhou-se pelos quatro cantos do mundo como alvo de mercantilização e espetacularização.

De acordo com Guttman (2004), existem sete critérios que norteiam a delimitação do objeto esporte em seu sentido moderno, diferenciando-o das práticas corporais realizadas em períodos anteriores ao século XIX: secularização, igualdade, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recordes. Moraes e Silva (2015) indica que, apesar de a modernidade compreender essas sete características como unificadoras de seu conceito, o esporte não parece se reproduzir de maneira igual pelas diferentes sociedades. Entre os motivos para essa diversidade, conforme lembra Marchi Júnior (2016), estão as características econômicas de cada local, a aceitação do esporte pelos diferentes grupos sociais de uma região, o papel da indústria cultural, a quantidade de capital público e privado investido, entre diversos outros possíveis influenciadores.

Uma possível evidência da afirmação supracitada seria o caso específico dos Estados Unidos da América. Overman (2011) indica que tal nação estabeleceu uma relação única com o esporte. Os americanos<sup>2</sup> conseguiram transformar praticamente qualquer divertimento e/ou jogo em uma

1 Publicada originalmente com o título “*Homo Ludens - vom Unprung der Kultur im Spiel*”, em 1938.

2 Cabe destacar que todos os povos nascidos na América do Sul, Central, México e Canadá, são considerados americanos, assim como aqueles nascidos nos EUA. Nesse sentido, toma-se a liberdade de se referir exclusivamente aos estadunidenses quando utilizar o termo “americanos”. Tal atitude está em consonância com Karnal (2007), que lembra que praticamente todos os povos da América não costumam se intitular americanos, e sim brasileiros, chilenos, canadenses, mexicanos, cubanos, etc; ao contrário dos estadunidenses, que se autodenominam americanos. Assim, justifica-se a escolha do termo “americanos” exclusivamente para se referir aos habitantes dos EUA.

atividade esportivizada nos moldes levantados por Guttmann (2004), racionalizando tais práticas de maneira sistemática, conforme evidencia a pesquisa de Overman (2011). Muitas delas ainda estão em processo de disseminação para além do território norte-americano, como é o caso do futebol americano (OVERMAN, 2011)<sup>3</sup> e o lacrosse (DELSAHUT, 2015).

Ao investigar a cultura estadunidense, em caráter histórico e sociológico, observa-se que na esfera específica dos esportes, tal país consolidou-se como produtor, consumidor e exportador de diferentes práticas esportivas (OVERMAN, 2011), tendo algumas sido inventadas pelos habitantes dessa nação e outras adaptadas de jogos já existentes de outras culturas (DULLES, 1965; DELSAHUT, 2015).

Todas essas características acima salientadas denotam a intensa relação que os americanos estabelecem com as práticas esportivas. Tal fenômeno foi possivelmente oriundo de processos sociais e históricos diversos, que parecem ter tido sua origem em diferentes possibilidades de explicação. Uma delas seria a colonização europeia, representada principalmente pelos ingleses, “criadores” do esporte moderno (LUCAS, 1968; GUTTMANN, 2004; OVERMAN, 2011).

Ao tratar do fenômeno conhecido como cristianismo muscular, Watson, Weir e Friend (2005) apontam suas manifestações em território inglês e americano, o que teria potencial de explicação da aceitação do esporte por sociedades majoritariamente protestantes, como é o caso dos EUA. Watson e colaboradores (2005) classificam o cristianismo muscular como um movimento iniciado na Grã-Bretanha na segunda metade do século XIX, que procurou entrelaçar ideais religiosos cristãos com uma cultura física<sup>4</sup> que valorizava a masculinidade, saúde, moralidade e patriotismo. Para tanto, enxergavam nas práticas corporais valores aplicáveis de forma útil à vida real na modernidade.

Dulles (1965), Lucas (1968), Vigarello (2008a; 2008b) e Overman (2011) elencam também, como fator de explicação para a consolidação do esporte moderno, o contexto da revolução industrial e do crescimento dos centros urbanos como fatores que exigiam exercícios vigorosos e ao ar livre para a população operária e estudantes, favorecendo as práticas esportivas e sua consolidação em países industrializados, tal como ocorreu nos EUA.

---

3 A afirmação de Overman acerca da popularidade e competitividade do futebol americano para fora dos EUA é posta em xeque quando nos deparamos com dados como os de Seifert (2016) que, em artigo jornalístico da ESPN, afirma já existirem mais de 80 federações desse esporte ao redor do planeta, bem como atletas de ligas estrangeiras sendo contratados para jogar na *National Football League*.

4 Cultura física é um conceito utilizado por Kirk (1999) para referir-se a um conjunto de práticas voltadas à manutenção, representação e regulação do corpo, sendo representadas em três práticas codificadas e institucionalizadas: o esporte, as recreações e os exercícios. No campo acadêmico brasileiro, a teoria tem sido aprofundada recentemente, sendo dividida em esporte, divertimentos (em um sentido mais amplo, para além de apenas recreações físicas) e ginástica (MORAES E SILVA; QUITZAU; SOARES, 2018; FURTADO; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2018).



Overman (2011) concorda com essa linhagem de pensamento, porém acrescenta os efeitos da lógica capitalista própria dessas culturas, inseridas em contextos de revolução industrial, que teriam aceitação facilitada ao esporte, visto ser uma atividade meritocrática, produtora de distinção e ascensão social, geradora de consumos, valorizadora do trabalho em equipe, entre outras características de possível associação no campo teórico. Já Guttmann (2004) enfatiza aspectos do esporte que possuem relação direta com a modernidade. Assim, tal atividade seria tanto formadora quanto produto de um contexto histórico que preconizava características já citadas anteriormente, tais como especialização de papéis, secularização, racionalização, burocratização, registro de recordes, quantificação e igualdade de chances. Os EUA, por ser uma sociedade que rompeu com o modelo colonial, gradualmente se dirigiu para um conceito de Estado Moderno (KARNAL, 2007; REMINI, 2009; TOTA, 2009) e que poderia aceitar mais facilmente uma atividade moderna como o esporte.

Por sua vez, Dulles (1965) apontou que as observações de Alexis de Tocqueville em sua clássica obra lançada em 1835, “Da democracia na América”, acerca dos americanos serem um povo que construiu muitas associações, clubes e entidades, acabou por predispor, segundo os argumentos do autor, um ambiente favorável à manifestação do esporte que se desenvolveria em tais entidades. Putnam (2001), em seu livro “*Bowling Alone: America's declining social capital*”, aponta como a ideia de associativismo da democracia estadunidense decaiu à medida que tecnologias de telecomunicação avançaram, utilizando como dados o pertencimento de americanos a clubes esportivos, indicando que, embora o associativismo democrático americano ainda seja uma característica marcante dessa sociedade, o mesmo tem se enfraquecido em décadas recentes<sup>5</sup>.

Com tantas demonstrações de como os EUA tiveram uma relação singular com os esportes, é natural alguém se indagar quais fatores históricos e sociais desencadearam esse casamento dos americanos com o fenômeno esportivo. A princípio, não seria de todo errado vincular, conforme apontam Lucas (1968) e Overman (2011), qualidades únicas do cenário americano com o esporte, tais como o pioneirismo de um sistema democrático moderno inspirador de revoluções na América Latina e Europa, um sistema econômico de capitalismo liberal, a colonização inglesa da qual se originaram os esportes modernos, a revolução industrial e o desenvolvimento dos grandes centros urbanos que exigiram uma população que praticasse exercícios vigorosos e ao ar livre, entre outros possíveis fatores.

---

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que o associativismo não é característica única dos americanos e nem mesmo fundada pelos mesmos, encontrando paralelos em diversas outras culturas do mundo. É possível destacar as associações esportivas inglesas (HUIZINGA, 2000; TAYLOR, 2013), bem como as associações ginásticas alemãs (QUITZAU, 2016). Tais modelos difundiram-se por todo o mundo ocidental.



Talvez essas sejam realmente as características com mais potencial de explicação em uma análise aligeirada. Entretanto, se uma reflexão mais aprofundada sobre a constituição histórica da nação americana for realizada, existem determinadas características morais oriundas de uma religião cristã protestante entre meados do século XVI até o final do XVIII que podem ter desencadeado a formação de um *ethos* esportivo na segunda metade do século XIX (DULLES, 1965; LUCAS, 1968; GUTMANN, 2004; OVERMAN, 2011). Maximilian Carl Emil Weber, um sociólogo de destaque no início do século XX, mais conhecido como Max Weber, foi autor do clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo”; concebeu a religião como uma das principais expressões da ação de um indivíduo nas sociedades modernas. Para esse pensador alemão, a ética religiosa é um importante elemento da construção dos valores morais de uma sociedade e que podem determinar todas as ações individuais cotidianas (WEBER, 2004). Nesse sentido, o esporte não estaria isento da influência de comportamentos de origem religiosa.

Esse elemento da análise weberiana foi bastante trabalhado por Overman (2011). O autor norte-americano apresenta em seu livro sete características de uma ética protestante que facilitaram a inserção do esporte na sociedade americana: 1) ascetismo mundano, no qual a abstinência medieval quase que exclusiva das ordens monásticas foi substituída por uma moral que estendia sua prática por toda a comunidade protestante; 2) racionalização, esta aplicada a todas as instituições sociais, governo, modos de comportamento, etc.; 3) estabelecimento de metas, de forma que todas as ações tomadas pelo indivíduo protestante precisavam comungar com a meta final de salvação pessoal; 4) autorrealização no mundo material, em que os protestantes, por meio da crença na predestinação da salvação, esforçavam-se no caminho vocacional, demonstrando progresso no plano terreno e garantindo a vitória na alçada espiritual; 5) individualismo, no qual a formação estamental dos grupos sociais no medievo foi gradualmente substituída pelo coletivo de indivíduos únicos e responsáveis por seu próprio destino<sup>6</sup>; 6) ética de trabalho, com os afazeres da vida rural medieval, tradicionalmente sazonais, a visão greco-romana de trabalho como sofrimento e de associação às classes escravizadas e estrangeiras, e a divisão católica de serviços espirituais bons e obrigações mundanas ruins foram gradualmente substituídos por uma valorização do trabalho secular para todos os grupos sociais; e 7) ética de controle do tempo, de maneira que, ao se controlar o tempo, ocorreria também o domínio do espaço (representado no próprio corpo, um estabelecimento comercial ou até mesmo a cidade). Assim, atribuem-se três imperativos morais ao tempo: que é bom, que deve ser preenchido com atividades produtivas e que todas as ações devem ser realizadas visando o futuro.

---

<sup>6</sup> De um ponto de vista teológico, a extinção de intermediários entre o Céu e a Terra exigia a manifestação do “Eu” como único determinante do sucesso espiritual (OVERMAN, 2011).

Tais características levantadas por Overman (2011) compõem uma análise que, a grosso modo e guardadas as devidas proporções, seguem o mesmo modelo teórico de Max Weber perante a temática de origem do capitalismo, quando o sociólogo alemão buscou explicar o porquê tal sistema econômico, que também se expressou como uma cultura do capital, só conseguiu se destacar após o crescimento de doutrinas que apresentavam uma forte ética de trabalho, vinculada a uma liberdade moral de acúmulo de lucros e investimento contínuo no próprio negócio, evitando gastos com divertimentos considerados perniciosos e alterando a rotina de trabalho. Através da religião, conforme lembra Weber (2004), os protestantes não só adotavam uma identidade social própria, como também a usavam como mecanismo de mudança de classe e posição social.

Para a relação entre esporte e ética protestante, Overman (2011) se vale do uso de diversas fontes historiográficas, tais como obras teológicas puritanas anteriores ao século XIX, que abordaram posicionamentos morais acerca de jogos e divertimentos, a relação de escolas e universidades confessionais americanas com os jogos que posteriormente se esportivizaram, evidências da ascensão do cristianismo muscular, pregações de pastores, depoimentos de atletas, treinadores, jornalistas, psicólogos e cientistas sociais, entre outras variadas formas de compreender o fenômeno.

Ao se amparar nas análises de Overman (2011) torna-se convidativo pesquisar o papel dos formadores de opinião dos Estados Unidos no tocante ao controle do corpo e seus divertimentos. Torna-se importante salientar que é nesse ponto em que determinados cuidados devem ser tomados em uma análise mais exaustiva. Afinal, o próprio Max Weber (2004) em suas pesquisas não pôde abordar todas as vertentes protestantes americanas<sup>7</sup>. Sendo assim, é evidente que a limitação temporal é a primeira obrigação de qualquer historiador. Sem esse cuidado, o pesquisador pode incorrer em erros básicos, tais como forçar o objeto de estudo a um formato de características e pressupostos teóricos que não condizem com a fonte trabalhada.

Para a confecção da presente dissertação de mestrado, estabeleceu-se como fontes os textos de Benjamin Franklin acerca do controle do corpo e seus divertimentos, bem como conjuntos de leis do período relativo e que tratavam da mesma temática. A primeira fonte abordada é de 1633 (*Declaration of Sports*<sup>8</sup>, da Inglaterra) e a última, de 1791 (A autobiografia de Benjamin Franklin). As duas primeiras fontes são conjuntos de leis e retrataram a moral vigente materializada em um controle do corpo e divertimentos em uma perspectiva legislativa, vinda de cima, na figura do Estado. Os escritos de Franklin, em um aspecto mais específico, retratam uma moral particular, de

---

7 Sua pesquisa concentrou-se em quatro versões do protestantismo, que melhor simbolizavam o ascetismo: calvinismo, pietismo, metodismo e anabatismo (WEBER, 2004).

8 Também referenciado na área como *Book of Sports*.



um indivíduo que vivia em uma sociedade puritana e, inserido em uma determinada ordem discursiva, defendia e/ou condenava certos comportamentos.

Weber (2004) se limitou a observar essencialmente as palavras do clérigo anglicano John Wesley e do empresário e político Benjamin Franklin como principais fontes. Esse último foi um filósofo que em muitos aspectos pareceu ter preparado o terreno filosófico do pragmatismo e utilitarismo americanos. A corrente filosófica do pragmatismo originou-se oficialmente com os pensadores William James<sup>9</sup> e Charles Sanders Peirce ao final do século XIX, e que possui como nome mais proeminente o filósofo John Dewey. Entretanto, Isaacson (2015) considera que as origens dessa escola filosófica residem nas contribuições de Benjamin Franklin. De uma forma mais ampla, conforme indica Nascimento (2010), o pragmatismo defende essencialmente a ideia de que a produção de qualquer tipo de conhecimento deve obrigatoriamente ligar-se a um resultado prático.

Já o utilitarismo, segundo aponta Sandel (2015) é uma linha de pensamento do campo da ética que atribui aos valores morais o bem-estar coletivo e das partes envolvidas, tendo caráter normativo. Desse modo, de acordo com o autor, uma ação terá sua utilidade deduzida de quanta felicidade ela produziu para os indivíduos. Tal teoria ética fora encabeçada por Jeremy Bentham (1748 – 1832) e John Stuart Mill (1806 – 1873), porém Isaacson (2015) afirma existirem também evidências do pragmatismo e utilitarismo nos textos de Franklin.

Por conta de ter escritos que fazem menção direta ao uso do corpo e seus divertimentos, bem como à sua conduta em relação à dieta e saúde, os escritos de Franklin parecem bastantes convidativos para análise. Ademais, o autor é considerado nome relevante para a cultura do associativismo americano (ISAACSON, 2015). Nesse sentido, torna-se evidente a influência frankliana na formação da democracia americana no período revolucionário<sup>10</sup>, sendo membro ativo

---

9 William James (1842-1910) e Charles Sanders Peirce (1839-1914) foram filósofos americanos conhecidos pela fundação da escola de pensamento do Pragmatismo (DEWEY, 2007). Para eles, a validade de uma ideia não podia desvincular-se de seus resultados práticos, suas consequências. Baseados no empiricismo, iam na contramão do racionalismo cartesiano que valorizava as ideias provenientes da razão. Para Peirce e James, os dados do conhecimento não podem se desvincular das experiências sensíveis que os obteram. Nesse sentido, uma ideia mental não poderia se desprender da experiência que a desencadeou. No entanto, é importante frisar, tal como o fez um dos herdeiros do pragmatismo, John Dewey (2007): não há em Peirce e James a intenção de criar uma filosofia de glorificação da ação pela ação, visto que o agir seria um intermediário, um instrumento para validar um conceito que se aplica à existência. No entanto, o pragmatismo é frequentemente criticado por atribuir a funcionalidade do pensamento a fins e interesses pessoais.

10 O período revolucionário americano trata dos movimentos de rebelião das colônias americanas frente ao domínio da coroa inglesa como metrópole (KARNAL, 2007). Num processo amplo que origina-se na vinda de puritanos descontentes com os conflitos religiosos na Inglaterra, dirigiam-se às colônias americanas para fundar uma nova sociedade. Entretanto, no século XVIII, a Inglaterra, tendo resolvido conflitos importantes com a França, tal como a Guerra dos Sete Anos, passou a “dar mais atenção” às suas treze colônias na América. O pacto colonial estreitou-se, proibindo-se a fabricação de determinados produtos e fechando o comércio da colônia estritamente com a metrópole. Para piorar, impostos sobre selos, documentos e até mesmo chá, passaram a gerar um aprofundamento da sensação de descontentamento da população americana. Organizaram-se congressos políticos nas colônias, em que exigia-se o retorno às condições antigas a que se vivia, mas a resposta da Coroa foi rígida, o que desencadeou a Guerra da Independência, de 1776 a 1783, com a vitória dos americanos (KARNAL, 2007).



na política, tanto em nível do estado e cidade em que vivia (Pensilvânia e Filadélfia), bem como na formulação dos documentos constitucionais criadores da nação norte-americana.

Ações de Franklin que justificam a investigação de seus textos como fontes historiográficas para compreensão do controle do corpo e divertimentos no século XVIII podem parecer um tanto desconhecidas e a princípio desconexas do objeto da presente pesquisa, mas um olhar cuidadoso a alguns aspectos podem ressignificar tal pressuposto. Uma delas é o local de honra que Franklin reserva no *Hall* da Fama da Natação como inventor de certos modelos de palmares e nadadeiras que são utilizadas em treinamento de natação até os dias de hoje (INTERNATIONAL SWIM HALL OF FAME, 2018). Ademais, Franklin também é membro de outro *Hall* da Fama, o do xadrez, por possivelmente ter sido um dos primeiros a escrever sobre esse jogo nos EUA (WORLD CHESS HALL OF FAME, 2018).

Ainda que limitado pela ordem discursiva do período, Franklin também se aventurava em conselhos médico-nutricionais, advogando a parcimônia nas refeições, o sono limitado a poucas horas, descansos curtos ao longo do dia, ervas para cura de males, exercícios físicos para longevidade, tais como os atos de caminhar, nadar e realizar levantamento de pesos leves após as refeições, bem como indicava a prática física como componente curricular das universidades americanas, entre outros elementos interessantes para a presente dissertação de mestrado, se considerar-se que o universo da cultura física se entrelaçava ao da saúde, especialmente quando pensa-se que ambas as coisas possuem relação de controle do corpo em aspectos variados.

Dessa maneira, justificado o uso de tais fontes, a presente dissertação de mestrado buscou responder a seguinte problemática investigativa: Como a ética protestante influenciou o controle do corpo e seus divertimentos nos Estados Unidos da América no período de 1633 a 1791? Nesse sentido, estabeleceu-se como objetivo geral da pesquisa: verificar como relaciona-se a ética protestante com aspectos de controle do corpo e seus divertimentos em um contexto norte-americano no período delimitado. Por sua vez, os objetivos específicos são os seguintes: a) analisar como a moral protestante exemplificava-se nas legislações do período relativas ao controle do corpo e seus divertimentos; b) investigar como uma lógica utilitarista presente na moral protestante implicou no controle de tais práticas. c) apresentar as noções que Benjamin Franklin atribuía as questões relacionadas ao corpo e aos exercícios físicos.

Cabe destacar que a perspectiva de “controle” adotada não pode se confundir com a que foi amplamente discutida pelo intelectual francês Michael Foucault (2002) quando analisou mecanismos de controle do corpo específicos aos do século XIX. Na presente pesquisa o conceito teórico de corpo que foi utilizado está manifesto na perspectiva do sociólogo Norbert Elias (1994a; 1994b, 2001), que retratou as maneiras que formas de autocontrole, supressão de impulsos e

emoções, bem como relações sociais de interdependência dentro de um grupo de indivíduos, acarretam em uma forma particular de civilidade dos costumes. Tais comportamentos podem parecer, quando em comparação ao de outros períodos, mais controlados. Essas características foram exploradas mais detalhadamente no decorrer dos próximos capítulos.

A dissertação em questão é composta de três capítulos. O primeiro situa o leitor na contextualização do *ethos* americano no período colonial e contemporâneo à Franklin. Destaca-se como fonte o documento *Declaration of Sports*, onde a pesquisa parece indicar que a vinda dos protestantes para as colônias não era apenas motivada por questões econômicas e/ou de liberdade religiosa, mas sim para que pudessem reger o uso do tempo livre e combater os divertimentos e ociosidades que gozavam de popularidade na Inglaterra. A evidência disso foi atestada por uma segunda fonte, as leis da colônia da Pensilvânia, em que regramentos para o tempo empreendido em divertimentos eram muito mais rígidos do que na metrópole europeia.

As leis da colônia da Pensilvânia, também conhecidas como *Blue Law* (Leis Azuis), foram esmiuçadas no segundo capítulo que caracterizou-se por apresentar um maior enfoque na figura do próprio Benjamin Franklin, aqui representado como um indivíduo que cresceu e viveu a maior parte de sua vida em um meio povoado de protestantes. Dessa forma, representa-se o pensamento frankliano como produto da ordem discursiva que o mesmo estava inserido. Seus escritos, nesse sentido, eram dirigidos para essa população religiosa. Entretanto, pela leitura de seus textos, parece ser ambíguo nos valores que concede aos divertimentos: havia os que condenava como qualquer outro calvinista moralista, e os que glorifica, como se fossem instrumentos para uma vida melhor. Um breve comentário também é dirigido ao Franklin pedagogo, preocupado com a formação universitária de sua colônia, em que defendia a inclusão de práticas físicas no currículo dos alunos de uma instituição que idealizara para o progresso de sua comunidade.

O terceiro e último capítulo trata das atividades a que um indivíduo, que desejava se salvar e ao mesmo tempo ser uma boa pessoa na sociedade, deveria se ocupar de forma útil. Inicia-se o capítulo explorando a discussão sobre os textos de natalidade de Franklin, atividade considerado útil e saudável, e em seguida foram analisados suas considerações sobre a dieta do corpo bem controlado. Aqui foram cruzadas as informações que se dispunham na ordem discursiva do período, aonde uma saúde começava a ser pensada e discutida, distanciando-se dos parâmetros medievais e aproximando-se cada vez mais de concepções modernas.

## **MÉTODO E DESCRIÇÃO DAS FONTES**

Ao empreender uma pesquisa de cunho historiográfico, torna-se necessário o alicerçamento em material empírico. Day e Vamplew (2016), indicam que o uso de fontes para um historiador é a pedra angular para determinar o que será analisado. Para tal empreitada, conforme salientam os autores, é imprescindível que esteja-se a par dos tipos de documentos e os métodos que serão utilizados para categorizá-los.

Por se tratar de um estudo historiográfico, destacam-se como fontes primárias de amparo para a confecção da presente dissertação os textos de Benjamin Franklin e legislações que remetiam ao controle do corpo e seus divertimentos no período analisado (1633 a 1791). Dessa forma, selecionou-se para análise os seguintes documentos:

- 1) *Dialogue between Franklin and the gout* (Diálogo entre Franklin e a gota): escrito em 1780 por Benjamin Franklin como uma peça cômica, em que o próprio autor se encontra num diálogo com sua doença de gota, que o afligiu ao final da vida. O texto retrata sua angústia pelo tempo desperdiçado com atividades sedentárias (inclusive o xadrez que tanto gostava) e que provocaram seu quadro de saúde deteriorado. A versão analisada é a disponibilizada pelo site *Bartleby*: <https://www.bartleby.com/109/3.html>
- 2) *On the moral of Chess* (A moral do xadrez): escrito por Benjamin Franklin e publicado no periódico *The Columbian Magazine* de dezembro de 1786, consiste em um ensaio que apresenta as virtudes morais que podem ser extraídas da prática de enxadrismo, bem como expõe os comportamentos éticos a serem adotados pelos jogadores na condução de uma partida. Disponível *online* na plataforma Google Books em:  
[https://books.google.com.br/books/download/Chess\\_Made\\_Easy.pdf?id=Lf9dAAAACAAJ&hl=pt-BR&output=pdf&sig=ACfU3U2uINaD0IATZcd2CV5JNqU6uk54gA](https://books.google.com.br/books/download/Chess_Made_Easy.pdf?id=Lf9dAAAACAAJ&hl=pt-BR&output=pdf&sig=ACfU3U2uINaD0IATZcd2CV5JNqU6uk54gA)
- 3) *The art of swimming rendered easy; with directions to learners* (A arte de nadar tornada fácil; com diretrizes para aprendizes), original de 1790. Aqui, Franklin aponta os benefícios da natação para a saúde e segurança das pessoas, encarando-a como uma atividade útil para todos aprenderem. Encontra-se gratuitamente *online* na *National Library of Scotland*:  
<https://deriv.nls.uk/dcn23/1086/7940/108679407.23.pdf>



- 4) *The autobiography of Benjamin Franklin* (A autobiografia de Benjamin Franklin): escrito dos principais acontecimentos da vida de Franklin sob sua própria perspectiva, publicado em 1791. Disponível em:  
<https://books.google.com.br/books?id=RP05AAAACAAJ&hl=pt-BR&num=13>
  
- 5) *Poor Richard's Almanack* (Almanaque do Pobre Ricardo): uma das mais famosas publicações de Franklin, consistiam em edições anuais repletas de ditados, anedotas e conselhos dados por Franklin sob o pseudônimo de Richard Saunders. A data de cada publicação é variada. A fonte utilizada é uma compilação de todos os volumes feita em 1999, por Jon Craft. As publicações originais ocorreram a partir de 1732, estendendo-se por diferentes períodos ao longo de sua vida. Encontra-se *online* em:  
[http://www.unsv.com/voanews/specialenglish/scripts/2010/11/07/0040/Poor\\_Richard%27s\\_Almanack\\_by\\_Franklin\\_Benjamin.pdf](http://www.unsv.com/voanews/specialenglish/scripts/2010/11/07/0040/Poor_Richard%27s_Almanack_by_Franklin_Benjamin.pdf)
  
- 6) *Proposals relating to Education of Yourh in Pensilvania* (Propostas relacionadas a educação da juventude da Pensilvânia): folheto de Benjamin Franklin publicado na Filadélfia em 1749, defendeu uma educação de nível superior diferenciada para a colônia da Pensilvânia. Destaca-se a inclusão de exercícios físicos como componente curricular, ainda no século XVIII. Disponível na base de dados da *National Historical Publications and Record Comission*: <https://founders.archives.gov/documents/Franklin/01-03-02-0166>
  
- 7) *Great body of law* (Grande corpo de leis): aprovado em 1682, consiste em uma autêntica constituição de leis para a colônia da Pensilvânia em que Estado e religião andam lado a lado na ordenação da vida dos colonos. Será referida ao longo da dissertação como *Blue Law*. Tal fonte é acrescentada à pesquisa por contribuir na contextualização do período a que Franklin escrevia. Sua família originava-se de colonos que viviam sob as rígidas leis puritanas, e isso não era diferente para a própria época de Franklin, embora nota-se algumas aberturas ocorrendo em relação a permissividade de determinados divertimentos, tal como será explorado na pesquisa. Encontra-se *online* no *Pennsylvania Historical and Museum Comission*:  
<http://www.phmc.state.pa.us/portal/communities/documents/1681-1776/great-law.html>

- 8) *Declaration of Sports* (Declaração dos Esportes), de 1633: manifesto do Rei Charles e posteriormente complementado por seu sucessor, Rei James, em relação aos “esportes leais e exercícios honestos” que todo cidadão inglês teria direito de praticar, ainda que encontrasse descontentamento das classes puritanas. Outro escrito que não pertence a autoria de Franklin mas que igualmente contribui para compreender o contexto dos divertimentos e sua relação com a moral religiosa no cenário inglês. Pode ser encontrada no seguinte endereço:

<https://history.hanover.edu/texts/engref/er93.html>

De tais fontes extraíram-se referenciais tanto em defesa quanto em condenação aos divertimentos, tensionando-os com pontos de vista conflitantes à formação de um *ethos* de controle de tais atividades, como é o caso das *Blue Law* (Leis Azuis), conjunto de leis criadas por parlamentares majoritariamente puritanos nos EUA e que continham condenações a diversos divertimentos nas colônias americanas.

Para facilitar a visualização do conjunto de fontes, pode-se lançar um olhar para o Quadro 1, que apresenta-as de forma mais sistematizada:

**Quadro 1. Principais fontes – Sistematizado pelo autor**

Fonte	Ano	Nº de páginas	Motivo de inclusão para análise
<i>On the moral of Chess</i> , escrito por Benjamin Franklin	1786	2	Apresenta modos de comportamento em partidas de xadrez e utilidades desse jogo
<i>The art of swimming rendered easy; with directions to learners</i> , escrito por Benjamin Franklin	1790	24	Ensina os benefícios da natação, suas aplicações práticas e consequente utilidade
<i>Dialogue between Franklin and the gout</i> , escrito por Benjamin Franklin	1780	3	Peça escrita por Franklin ao final de sua vida, na qual condena o tempo que “desperdiçou” jogando xadrez
<i>The autobiography of Benjamin Franklin</i> , escrito por Benjamin Franklin	1791	398	Apresenta interesse pela democracia, associativismo, xadrez, natação, frugalidade, etc.
<i>Proposals relating to Education of Yourh in Pensilvania</i> , escrito por Benjamin Franklin	1749	12	Proposta de um novo currículo para o ensino superior na Pensilvânia, com exercícios físicos como componentes.
<i>Poor Richard's Almanack</i> : escrito por	O primeiro almanaque foi	193	Há escritos que defendem racionalização, ética de

Franklin sob o pseudônimo de Richard Saunders	publicado em 1732.		controle do tempo, ética de trabalho e outras virtudes análogas ao protestantismo, bem como conselhos no âmbito da saúde e exercícios.
<i>Great body of Law</i> , conjunto de leis aprovadas por William Penn	1682	8	Conjunto de leis produzidas por legisladores da Pensilvânia, dedica regras acerca do uso do corpo, jogos e divertimentos
<i>Declaration of Sports</i> , do Rei Charles (1618) e também do Rei James (1633, versão final)	1633	3	Manifesto do Rei Charles e posteriormente de seu sucessor James a respeito das práticas esportivas “leais”, bem como os exercícios “honestos”.

Para elucidação da pesquisa, tomou-se como ponto de partida a historicização do contexto no qual Franklin estava inserido, apresentando a constituição social, a moral vigente, os grupos que compunham as colônias e metrópole, e quais eram as perspectivas principais em relação ao corpo e divertimentos no período de 1633 a 1791. Mais do que fazer história apenas testemunhando os dados constatados nas fontes, é preciso, conforme adverte Le Goff (1994), fazer uma história que explique e questione o que se apresenta aos olhos do pesquisador.

Os referenciais de análise da pesquisa consistiram em amparos tanto da História como da Sociologia. George Vigarello, Steve Overman, Allen Guttmann e Norbert Elias foram os principais autores utilizados para compreensão das fontes.

George Vigarello é um pesquisador francês conhecido por obras direcionadas usualmente para compreender as evoluções em relação às formas de ver e usar o corpo a partir da modernização das sociedades, em que aponta as rupturas e continuidades referentes aos aspectos corporais. Suas pesquisas podem contribuir para amparar as análises para o período trabalhado.

Norbert Elias, sociólogo alemão, destacou-se ao longo de sua carreira acadêmica por aprofundar a compreensão acerca dos processos sociais de civilidade dos costumes, na clássica obra em dois volumes “*Über den Prozeß der Zivilisation*” (O processo civilizador), de 1939. O método da sociologia figuracional eliasiana permitiu ao autor dedicar um olhar para a formação dos Estados Nacionais do contexto europeu ao fim do período medieval. Elias apontou o surgimento de complexas redes de interdependência social que gradualmente incutem a supressão de impulsos violentos e comportamentos ofensivos, originando um fenômeno conhecido como “processo civilizatório” ou “civilidade dos costumes”. Junto com Eric Dunning, teceu análises importantes para a compreensão do esporte moderno perante as transformações sociais no tocante à intolerância da violência, de maneira que os jogos violentos gradualmente adentraram processos de regramento e institucionalização que os tornaram atividades civilizadas e com “descontroles” controlados de



limiares de agressividade, euforia e engajamento. Amparar a presente pesquisa em Elias permitiu ampliar a discussão dos jogos considerados ruins pelos protestantes, visto que alguns divertimentos pareciam ser rejeitados por conta de sua violência descontrolada.

Allen Guttman, historiador americano do esporte, é conhecido por sua obra “*From ritual to record: the nature of modern sports*”, de 1978, em que defendeu a tese da existência de uma gama de características específicas do esporte moderno que o diferem das demais práticas corporais de períodos antigos. Em sua linha de discussão, Guttman aponta um processo de secularização da sociedade que afetou os jogos, incutindo-os de características modernizantes que os tornaram práticas únicas ao fim do século XIX. De influência weberiana, Guttman apresenta elementos sólidos para embasar análises acerca dos processos de modernização que os divertimentos da América sofreram.

Steven Overman, sociólogo americano também de linhagem weberiana, compreende o esporte como fenômeno moderno tal como os autores acima citados. Entretanto, acrescenta a religião protestante como elemento fundamental desse processo de modernização dos divertimentos, de maneira que defende que formas racionalizadas de jogos e divertimentos acabaram por criar o esporte tal como se conhece atualmente. Suas argumentações para a relação entre religião e esporte são pedra angular dessa pesquisa, permitindo compreender como o indivíduo protestante nega determinados divertimentos e comportamentos corporais mas que abraça outros que considere bons em sua jornada para a salvação.

Ao trabalhar com tais autores no decorrer da pesquisa, buscou explorar como o *ethos* protestante relaciona-se com o controle do corpo e seus divertimentos. O primeiro capítulo busca compreender tal meio social, tanto na Inglaterra como em suas colônias americanas, sempre indicando como esse meio enxergava, utilizava e alterava as formas de divertir e usar o corpo.



## CAPÍTULO UM – A CULTURA PROTESTANTE NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Nem todos os colonizadores que vieram para a América procuravam ouro ou outras formas de ganhos materiais. Um grande número veio em busca de liberdade religiosa (REMINI, 2009, p.13 – tradução livre)<sup>11</sup>.

### 1.1 Protestantismo na Inglaterra e nas colônias americanas – a formação de um *ethos* religioso específico

Estudar a formação dos EUA sem compreender a influência das diversas seitas protestantes que formaram a cultura americana é um elemento a ser evitado na presente pesquisa. O termo “protestante”, que foi frequentemente utilizado ao longo da dissertação, mereceu cuidado no uso. De maneira disseminada, segundo aponta Weber (2004), refere-se às novas interpretações religiosas oriundas do religioso alemão Martinho Lutero. No entanto, o empreendimento, tanto teológico quanto político por parte de Lutero, conhecido historicamente como Reforma Protestante, acabou por difundir diversos desdobramentos a partir do século XVI, como por exemplo, a origem do calvinismo em Genebra. Aquino (2013) lembra que, na perspectiva católica, a ruptura de Henrique VIII com Roma também foi uma forma de protestantismo. No entanto, Karnal (2007) lembra que a Igreja Anglicana preservou boa parte da tradição católica romana. Dentro da Inglaterra, o grupo dos puritanos defendiam uma continuidade do rompimento com a tradição católica dentro do anglicanismo, exigindo uma reforma mais profunda da Igreja Inglesa.

Para além da religião, também é imprescindível compreender a situação inglesa durante a colonização da América do Norte<sup>12</sup>. Estudar a colônia sem saber como a metrópole se comportava seria uma falha grave na contextualização geral. A Inglaterra era um país que desde o século XIV construía sua noção de nacionalidade à custa de conflitos internos e externos. Inicialmente, a Guerra dos 100 anos (1337-1453) contra os franceses, bem como a Guerra das Rosas (1455-1485) entre as famílias *York* e *Lancaster*, em que se disputou a coroa

---

11 *Not all the settlers who came to America searched for gold or other forms of financial gain. A great number came in pursuit of religious freedom.*

12 Por motivo de proximidade com o objeto de estudo, não foi do interesse a historicização das colônias francesas, espanholas e holandesas na América do Norte. Ciente de que essas três grandes nações à época possuíram territórios como Flórida, Lousiana, Nova Holanda, entre tantos outros, optou-se em se deter ao contexto inglês, que transpirava particularidades mais influentes na constituição de uma ética protestante e sua relação com o controle do corpo e seus divertimentos.

por mais de três décadas, contribuíram para a formação de uma noção do que era “ser um inglês” (KARNAL, 2007).

Tais embates aconteceram em temporalidades bastantes próximas e acabaram por provocar sérios problemas econômicos ao reino inglês, devido aos gastos com confrontos, a perda de vidas tanto nos exércitos quanto na população comum, entre outros tantos fatores. Compreender tais embates ajudaram a entender o desejo da burguesia inglesa em construir um Estado forte, que impedisse a continuidade dos conflitos (KARNAL, 2007; REMINI, 2009). Porém é possível se indagar o porquê da burguesia só ter se organizado politicamente para exigir mudanças políticas nesse período e não anteriormente.

Tal fato decorre de fatores variados. Um deles seria o enfraquecimento da nobreza feudal, decorrente dos confrontos pelos quais o reino atravessou (KARNAL, 2007). Ademais, como lembrado por Marx e Engels (2011), a revolução agrícola na Inglaterra contribuiu no fortalecimento da burguesia. Campbell (1983) conta que as evoluções tecnológicas no campo, tais como a rotação de culturas e o descanso de uma parte da terra para recuperação do solo contribuíram para um excedente de produção, que era então vendido, gerando capital. A burguesia, ao estar em um momento favorável de crescimento, necessitava de um governo centralizado, que padronizasse leis, moeda corrente e tributos, além da segurança proporcionada por um exército. Através de um monarca que centralizasse o poder para si, seria possível romper com o feudalismo. Elias (2001) e Weber (2004) indicam que o intuito da burguesia era a consolidação de um Estado Moderno e racionalizado, favorável à sua classe social.

Aquino (2013) argumenta que foi nesse contexto que ocorreu a ascensão da dinastia *Tudor*. Henrique VIII moldou a reforma política à custa de uma reestruturação religiosa, rompendo com a Igreja Católica e fundando o anglicanismo. O afastamento de Roma deu poder ao monarca, principalmente na questão de se ter territórios agregados, antes pertencentes ao clero católico. Já entre a população inglesa crescia o número de indivíduos religiosos que também protestavam contra o catolicismo, porém não apoiavam a nova igreja de Henrique VIII (KARNAL, 2007; REMINI, 2009; TOTA, 2009). Tais indivíduos eram conhecidos como puritanos e defendiam uma radicalização da fé em quesitos como ascese, valorização das

escrituras em detrimento da tradição, fim do celibato entre os sacerdotes, entre outras características (AQUINO, 2013)<sup>13</sup>.

Com a morte de Henrique VIII, subiu ao poder seu filho Eduardo VI, que tinha apreço pelo calvinismo. Seu reinado foi curto devido a uma doença terminal, sendo sucedido por Maria I, rainha que queria o retorno do catolicismo à Inglaterra (AQUINO, 2013). Para isso, empreendeu duras repreensões contra os protestantes. Após sua morte, foi sucedida por Elizabeth I, anglicana, que novamente buscou remover o catolicismo de seu reino e firmar a Igreja Anglicana. Por falta de sucessores, a dinastia Stuart da Escócia assumiu a coroa. Nesse período, as mudanças provocadas pela Revolução Agrícola e os primórdios da Revolução Industrial com as manufaturas têxteis causaram o processo de criação de *enclosures* (cercamentos) nas terras que antes eram de uso comum dos servos no período medieval. Sem campos para seu sustento, os servos migravam para cidades como Manchester, Liverpool e Londres, à procura de emprego nas fábricas, o que posteriormente estabeleceu as condições para a formação dos grandes centros urbanos industriais. Enquanto a burguesia e nobreza enriqueciam na dinastia Stuart, o número de miseráveis crescia desproporcionalmente (KARNAL, 2007).

Tal situação facilitou manobras políticas empreendidas pelo general Oliver Cronwell, um puritano inglês que juntou forças armadas para depor o rei Carlos I, criando o evento conhecido como Revolução Puritana. Tal período foi marcado pelos protestantes no poder da Inglaterra. Entretanto, após sua morte, ocorreu um retorno da dinastia Stuart com Carlos II. Este ficou no poder até 1685, o qual foi sucedido por Jaime da Escócia, que era um católico. Logo em seguida, segundo relata Karnal (2007), a Revolução Gloriosa de 1688, protagonizada por Maria II e Guilherme de Orange dos Países Baixos, marcou o fim do absolutismo inglês e inaugurou o formato inglês mais próximo do atual, no qual o monarca tem figura de chefe de estado e não mais como um comandante de governo.

Todos esses embates ajudam a compreender o porquê tantos indivíduos decidiram embarcar em navios e viajar por mais de três meses rumo a uma nova vida, desconhecida, cercada de natureza selvagem e índios. As colônias americanas, que começaram a receber os primeiros visitantes interessados em se assentarem e construir uma nova sociedade começaram já em 1607, com a colônia da Virgínia iniciada pela Companhia de Londres. O

---

13 Aparentemente pouco discutido acerca desse assunto foi a conturbada relação dos puritanos com os divertimentos praticados pelos anglicanos, o que desencadeou muitos conflitos na época. Tal temática será explicitada mais adiante.



quadro abaixo demonstra quais eram as 13 colônias, seus períodos de fundação e os grupos responsáveis pelo empreendimento.

**Quadro 2:** As 13 colônias originais. Retirado de Karnal (2007, p.37).

Nome	Fundada por	Ano
Virgínia	Companhia de Londres	1607
New Hampshire	Companhia de Londres	1623
Massachussets (Plymouth)	John Mason e outros separatistas puritanos	1620-1630
Maryland	Lord Baltimore	1634
Connecticut	Emigrantes de Mass	1635
Rhode	Island Roger Williams	1636
Carolina do Norte	Emigrantes de Virginia	1653
Nova York	Holanda	1613
Nova Jersey	Barkeley Carteret	1664
Carolina do Sul	Nobres Ingleses	1670
Pensilvânia	William Penn	1681
Delaware	Suécia	1638
Geórgia	George Oglethorpe	1733

Como foi descrito por Karnal (2007), a colônia de Massachusetts foi fundada em 1620 por peregrinos que vieram da Inglaterra a bordo do navio Mayflower. Remini (2009) salienta que a trajetória desse grupo em meio a tantos colonizadores destaca-se por suas motivações, que se resumiam principalmente pela busca por liberdade religiosa. Outros modos de se explicar a imigração para a América residiam na superpopulação que assolava a Inglaterra. Marx e Engels(2011) indicam que a falta de trabalho tanto na zona rural quanto urbana, na qual o processo de êxodo rural acarretava em excesso de indivíduos disponíveis para trabalhar nas fábricas têxteis, gerando mão de obra com salários baixos, eram importantes elementos a serem tomados em conta no período.

As mudanças acarretadas pela gradual mudança da vida no campo para as cidades se deu por diversos motivos. Entre eles, destaca-se a política de *enclosures*, esmiuçadas por Marx e Engels (2011). Basicamente, trataram-se de expropriações de terra antes cultivadas por camponeses em regime de servidão nos feudos. Devido às inovações no uso da lã pela indústria têxtil e o consequente aumento do preço da mesma, os senhores feudais expulsavam seus antigos servos de suas terras e passaram a focar na produção de lã.



O prelúdio da revolução que criou as bases do modo de produção capitalista ocorreu no último terço do século XV e nas primeiras décadas do século XVI. Uma massa de proletários absolutamente livres foi lançada no mercado de trabalho pela dissolução dos séquitos feudais. (...) Embora o poder real, ele mesmo um produto do desenvolvimento burguês em sua ânsia pela conquista da soberania absoluta tenha acelerado violentamente a dissolução desses séquitos, ele não foi, de modo algum, a causa exclusiva dessa dissolução. Ao contrário, foi o grande senhor feudal que, na mais tenaz oposição à Coroa e ao Parlamento, criou um proletariado incomparavelmente maior tanto ao expulsar brutalmente os camponeses das terras onde viviam e sobre as quais possuíam os mesmos títulos jurídicos feudais que ele quanto ao usurpar-lhes as terras comunais. O impulso imediato para essas ações foi dado, na Inglaterra, particularmente pelo florescimento da manufatura flamenga de lã e o consequente aumento dos preços da lã (MARX e ENGELS, 2011, p.965).

Sem terras para cultivo e com dificuldades para conseguir emprego nas cidades inglesas, os grupos protestantes se viam acuados pelo pesadelo da miséria generalizada. (KARNAL, 2007). Torna-se plausível supor que os conflitos religiosos entre anglicanos, católicos e puritanos também podem ter influenciado na formação de obstáculos para o livre emprego nas cidades, de maneira que os proprietários dos meios de produção poderiam dar preferência aos seus irmãos de fé e negar trabalho aos seus adversários religiosos. De fato, tendo em vista tantas dificuldades, arriscar-se a morar no Novo Mundo, conforme lembram Remini (2009) e Tota (2009), não parecia tão ruim para os que adentravam tal empreitada, visto que a vida na Europa estava bem difícil.

Pela vida nas colônias apresentar as dificuldades inerentes às de um território desconhecido, tais como conflito com os nativos, natureza selvagem, clima diferenciado, suprimentos controlados e reduzidos e a falta de um Estado centralizante, pode-se afirmar que o tempo destinado a divertimentos era limitado muitas vezes pela busca por sobrevivência (DULLES, 1965). Ao ocupar-se em conseguir alimentos, seja na pescaria, caçada e/ou comércio, não era possível dedicar-se a passatempos. Ao menos não com a intenção deliberada de se divertir, conforme adverte Struna (1988).

Ainda assim, cabe destacar que dados acerca dos divertimentos desse período são divergentes entre alguns pesquisadores. Enquanto Dulles (1965) advoga a falta de tempo como limitação para a prática de divertimentos, Struna (1988) aponta que certos passatempos ainda permaneceram na cultura protestante no início da vida colonial. Struna (1988) chega a afirmar que, na colônia de Jamestown, os cidadãos ocupavam em média quatro horas do dia

ao trabalho e o resto era densamente preenchido por ócio e divertimentos tais como pescarias, caçadas, conversas, etc<sup>14</sup>.

Ciente disso, se levar em conta que Dulles (1965) defendia a presença de um obstáculo da vida colonial extremamente difícil como limitador das práticas de divertimento, é compreensível afirmar que, tanto nas colônias ao sul, majoritariamente anglicanas, quanto nas nortistas, em sua maioria protestante, leis foram destinadas a coibir e proibir os divertimentos e consequente controle do tempo livre dos colonizadores. O bem-estar de uma comunidade colonial exigia que todos os indivíduos dedicassem o máximo de si em suas tarefas diárias. Nesse sentido, segundo indica Dulles (1965), ocupar-se com bilhar ou boliche em uma taverna podia ser visto com maus olhos pela moral vigente daquela época.

Entretanto, é válido levantar um questionamento: se o tempo nas colônias era limitado pelas atividades inerentes ao desbravamento e à consolidação da vida nesses novos territórios, qual era necessidade de uma lei que limitasse práticas de divertimentos? Para responder a isso, é conveniente trabalhar com as pesquisas de Dulles (1965) e Overman (2011). Ambos relatam que, apesar do imenso tempo despendido na sobrevivência em território hostil, existiam momentos “livres”. Nos campos, local em que a vida agrária estabelecia um regime de trabalho um tanto distinto da cidade em relação aos horários, era comum um indivíduo trabalhar de 3 a 4 dias alternando com períodos de relativa folga. Torna-se evidente que nos períodos de colheita esse quadro se alterava, exigindo-se trabalho na lavoura praticamente todos os dias. Esse modelo de regime de trabalho é classificado por Max Weber (2004) como “tradicional”, antecedente ao sistema capitalista de trabalho. Segundo ele, alternavam-se períodos de intenso labor com outros de relativa ociosidade.

Dessa forma, se considerar que haviam períodos livres no modelo tradicional de trabalho, a moral protestante vislumbrava tanto no labor quanto no ócio a realização espiritual do indivíduo que buscava sua salvação. Era necessário que todo tempo fosse destinado ao resguardo espiritual de alguma forma. Os divertimentos, nesse sentido, pareciam não auxiliar na redenção do indivíduo e nem indicavam uma forma de contribuição para a comunidade (DULLES, 1965; OVERMAN, 2011). Torna-se natural pensar, portanto, que quando

---

14 Como as fontes da presente pesquisa não puderam indicar materialmente quem estava mais preciso em relação a isso, seja os que alegavam a dificuldade hábil de se praticar divertimentos em colônias ainda em formação, seja os que indicavam a presença de passatempos entre os primeiros colonizadores, optou-se apenas por destacar tal divergência entre os autores, visto que ambos são referências na temática.

protestantes legislaram sobre a ocupação do tempo nas colônias, estabeleceram repreensões ao considerado mal uso de seus momentos livres.

Ademais é importante voltar-se os olhares para a metrópole. Como relata a *Declaration of Sports*, documento inglês do Rei Charles de 1618 e expandida pelo seu sucessor, Rei James, em 1633, a Inglaterra já havia refletido sobre o uso dos momentos de não-trabalho, principalmente os relativos aos dias religiosos e sabáticos. Após frequentar a Igreja, era comum a muitos indivíduos ocuparem-se de atividades de divertimento. Entretanto, parece que os movimentos puritanos articulavam uma proibição de quaisquer atividades desse tipo em vários condados. Sobre isso, pronunciou-se o governo, na figura do Rei:

Nosso querido pai de abençoada memória, ao voltar da Escócia, vindo de Lancashire, descobriu que seus súditos eram impedidos de praticar recreações legítimas aos domingos, após findadas as orações do entardecer e dias santos; ele então prudentemente considerou que, se esse tempo fosse tirado de seu povo, o sujeito mais fraco, que trabalha duro toda a semana, não teria recreações para refrescar seu espírito; e depois de seu retorno, viu ainda que seus súditos leais, em todas as outras partes de seu reino, sofriam na mesma condição, embora talvez não no mesmo grau: e, portanto, em sua sabedoria real, publica-se uma declaração a todos os seus queridos súditos a respeito dos esportes lícitos para serem utilizados em tais ocasiões (INGLATERRA, 1633, p.1 – tradução livre)<sup>15</sup>.

Percebe-se aqui que alguns termos utilizados chamam a atenção e merecem destaque:

a) os divertimentos considerados legítimos e lícitos; b) seu uso para alívio do trabalho semanal e revitalização do espírito; e c) o impedimento de muitos súditos, por todo o reino, de praticarem tais divertimentos. Cabe inicialmente questionar: quem os impedia e porquê? A respeito disso, a lei clarifica que pretende:

(...) repreender alguns puritanos e determinadas pessoas; e tomamos a ordem de que a prática desonesta de punição proibitiva e ilegal não devesse ser usada por nenhum deles, daqui em diante, contra nossas boas pessoas, ao usarem suas recreações legítimas e exercícios honestos aos domingos e outros dias santos, depois do sermão ou serviço da tarde. Descobrimos agora que dois tipos de pessoas, as quais o país está muito infectado, sendo eles os papistas e puritanos, que têm maliciosamente criticado e caluniado tais procedimentos justos e honrosos (INGLATERRA, 1633 - tradução livre)<sup>16</sup>.

15 *Our dear father of blessed memory, in his return from Scotland, coming through Lancashire, found that his subjects were debarred from lawful recreations upon Sundays after evening prayers ended, and upon Holy-days; and he prudently considered that, if these times were taken from them, the meaner sort who labour hard all the week should have no recreations at all to refresh their spirits: and after his return, he further saw that his loyal subjects in all other parts of his kingdom did suffer in the same kind, though perhaps not in the same degree: and did therefore in his princely wisdom publish a declaration to all his loving subjects concerning lawful sports to be used at such times.*



Percebe-se que haviam “exercícios honestos”, “procedimentos justos e honrosos” de acordo com a moral inglesa, representada pelo rei no anglicanismo<sup>17</sup>, desde que respeitado o tempo reservado para as atividades religiosas nos missais e dias santos. Mesmo assim, também nota-se que dois grupos, os papistas e puritanos, desejavam estabelecer uma nova moral que condenasse tais divertimentos. Aqui é fundamental formular as seguintes perguntas: quais eram tais divertimentos? Por quê eles tanto pareciam ser prejudiciais e passíveis de crítica por parte dos religiosos mais extremistas? O final do texto da lei reservava espaço para conceituá-los:

(...) depois do fim dos serviços religiosos, que nossas boas pessoas não sejam perturbadas, dificultadas ou desencorajadas de qualquer recreação legal, como a dança, seja homens ou mulheres; arco e flecha para homens, pulos, saltos<sup>18</sup> ou qualquer outro tipo de recreação inofensiva, nem de jogos de Maio<sup>19</sup>, cervejadas<sup>20</sup> e danças Morris<sup>21</sup>; e o estabelecimento de levantamento de mastros e outros esportes em geral; assim como o mesmo deve ser tido em tempo oportuno e conveniente, sem impedimento ou negligência do serviço divino; e que as mulheres tenham permissão para decorarem as igrejas de acordo com o costume antigo delas (INGLATERRA, 1633, tradução livre)<sup>22</sup>.

16 (...) *rebuke some Puritans and precise people, and took order that the like unlawful carriage should not be used by any of them hereafter, in the prohibiting and unlawful punishing of our good people for using their lawful recreations and honest exercises upon Sundays, and other holy days, after the afternoon sermon or service. We now find that two sorts of people wherewith that country is much infected, we mean Papists and Puritans, have maliciously traduced and calumniated those our just and honourable proceedings.*

17 Vale lembrar que no anglicanismo daquele período o rei tinha poder de liderança na Igreja Anglicana, semelhante ao papa na Igreja Católica Romana (KARNAL, 2007; AQUINO, 2013).

18 Os verbos utilizados na lei foram “*leaping*” e “*vaulting*”; o primeiro pode ser entendido como pulos comuns, porém quando utiliza-se “saltos” para o segundo é porquê acredita-se referir-se à ação de ginástica de saltar os “*vaults*”, estruturas de mesas, também conhecidas no Brasil como selas ou cavalos de ginástica moderna. Tendo em vista a distância temporal entre a prática da ginástica moderna e o que era executado na Inglaterra no período da lei, pode-se apenas supor que trata-se de algum tipo de salto sobre cercas, cavalos, muros, selas, pessoas, ou seja, obstáculos que poderiam ser utilizados para o divertimento de saltar.

19 Jogos praticados no Dia de Maio, uma celebração europeia popular.

20 No original *Whitsun-Ales*, trata-se de uma festividade religiosa conhecida no Brasil como Domingo de Pentecostes, em que o povo divertia-se com brincadeiras, jogos e muita bebida alcoólica (BREWER, 2001).

21 Trata-se de uma espécie de dança folclórica, praticada a mais de 500 anos por toda a Inglaterra, inicialmente dominante do meio masculino e recentemente aberta às mulheres (FEDERAÇÃO MORRIS, 2018), trajados em roupas típicas ao som de música celta ou similares. Apesar da Federação de dança Morris atribuir sua origem inglesa, outras fontes indicam uma origem indo-europeia de difícil datação, tendo influências ciganas e mouras. Uma variação, popular na Espanha, é a dança mourisca. Também pode referir-se a uma dança com espadas (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2018).

22 (...) *after the end of divine service our good people be not disturbed, letted or discouraged from any lawful recreation, such as dancing, either men or women; archery for men, leaping, vaulting, or any other such harmless recreation, nor from having of May-games, Whitsun-ales, and Morris-dances; and the setting up of May-poles and other sports therewith used: so as the same be had in due and convenient time, without impediment or neglect of divine service: and that women shall have leave to carry rushes to the church for the decorating of it, according to their old custom;*

Tal passagem é fundamental para ter uma noção do que eram alguns dos divertimentos aceitáveis pela moral anglicana e os que eram condenados pela opinião puritana. Arquearia e levantamento de mastros eram atividades tipicamente masculinas na Inglaterra medieval (BREWER, 2001). Já na dança parece não ser um problema para o Rei que sua prática ocorresse entre homens e mulheres conjuntamente. A presença do álcool é notada nas cervejadas, o que poderia provocar certo descontrole a depender do quanto fosse ingerido. Ainda assim pode-se inferir que eram considerados necessários para “refrescar o espírito<sup>23</sup>” do trabalhador que se esforça toda semana, como afirma o próprio documento.

De acordo com Brewer (2001), tais cervejadas, no original *Whitsun Ale*, seriam a abreviação de “*white sunday*”, domingo branco. Entretanto, as fontes do autor indicam que era comum o termo *Whitsun Ale* referir-se a outras festas religiosas regadas à cerveja, por isso opta-se por referir simplesmente à cervejadas de maneira genérica. Similar a estas festas eram as *Clerck Ale*, *Church Ale*, *Middlesummer Ale* e *Scot Ale*. Os divertimentos praticados eram variados de acordo com cada período, mas poderiam incluir competições de contar mentira, jogos de dados, briga de ursos e touros, entre muitos outros, bem como os já citados anteriormente na *Declaration of Sports*.

Os Jogos de Maio citados na fonte eram festividades de comemoração da chegada da primavera, preenchidos por divertimentos, competições e banquetes fartos. Sabe-se que as origens dos Jogos de Maio são da Roma Antiga, local em que era comum cantar e dançar em homenagem a deusa Flora em comemoração à fertilidade (BREWER, 2001). Entretanto a festividade acabou por ser adaptada pelo cristianismo, permanecendo o hábito dos divertimentos, ainda que condenados por alguns clérigos. Segundo Brewer (2001), era comum os jogos de Maio consistirem em arquearia, levantamento de mastros e dança Morris como atividades principais, tal como apontado na fonte selecionada para análise.

Sendo tais festividades de origem pagã, apresentavam divertimentos regados à bebida e danças entre homens e mulheres. Sendo assim, é plausível entender o questionamento e

---

23 Na época em que *Declaration of Sports* foi promulgada em 1633, as concepções cartesianas de corpo e alma do francês René Descartes ainda deviam estar em estágio de maturação em sua mente, e, com certeza, longe de serem discutidas na filosofia. A primeira edição de *Discours de La Methode; Suivi Des Meditations Metaphysiques* só seria publicada em 1693. As noções defendidas por Descartes influenciaram a visão de um corpo mecânico “animado” por uma alma, ou parafraseando Vigarello (2008a), um fantasma em uma máquina. Para antes disso, o corpo e alma eram entendidos como intimamente integrados (VIGARELLO, 2008a), tal como na visão tomista. Quando o rei refere-se a um espírito que se refresca quando se diverte, é provável que esteja referindo-se a essa unidade de controle que integra o corpo, mediando as ações mas também sendo influenciado por elas.



crítica por parte dos puritanos na época, motivados a purificar os costumes. Mas o posicionamento da Coroa em relação a tal reivindicação de reforma religiosa foi causada apenas pensando em um “direito a diversão” dos súditos? Uma leitura mais aprofundada da lei indica que não:

O relato desta crescente reivindicação entre eles (os súditos) nos deixou ainda mais tristes, quando ouvimos com nossos próprios ouvidos a queixa geral de nosso povo, de que eles foram impedidos de toda recreação legal e exercícios na tarde de domingo, após o término de todo serviço divino, o que não pode deixar de produzir dois males: dificulta a conversão de muitos, o que irritará muito aos sacerdotes, tendo que persuadir de que nenhuma alegria ou recreação honesta seja lícita ou tolerável em nossa religião, que geraria um grande descontentamento no coração do nosso povo, especialmente naqueles que porventura estão prestes a se converterem. O outro inconveniente é que essa proibição impede o povo comum e medíocre de usar tais exercícios que permitem tornar seus corpos mais capazes para a guerra, quando nós, ou nossos sucessores, tivermos ocasião de usá-los; e no lugar dos exercícios, coloca-se a bebedeira suja e a embriaguez, produzindo uma série de discursos improdutivos e descontentes em suas cervejarias. Afinal, quando as pessoas comuns terão permissão para se exercitar, se não nos domingos e dias santos, vendo que devem aplicar seu trabalho e ganhar a vida em todos os dias úteis? (INGLATERRA, 1633 - tradução livre)<sup>24</sup>.

Tal passagem é de valor inestimável para entender que a preocupação de os súditos poderem se divertir envolvia diferentes fatores. Um deles seria a conversão religiosa dos novos fiéis. A outra seria a preparação de seus corpos para as guerras com exercícios e passatempos bélicos, que privilegiassem o vigor físico, fenômeno antes restrito apenas às classes militares e que a partir do século XV parece direcionar-se como uma preocupação para todo o povo de uma nação (VIGARELLO, 2008a), tendo em vista a formação dos Estados Modernos. Se o discurso puritano fosse adotado, a Coroa inglesa presumia que nem todos os súditos seriam capazes de adotar o regime ascético. Ademais, poderiam eventualmente acabar por se divertirem apenas com as bebidas em tavernas, gerando um problema social. Nesse sentido, para o anglicanismo, proibir os divertimentos seria um passo em direção a ruína da

24 *The report of this growing amendment amongst them made us the more sorry, when with our own ears we heard the general complaint of our people, that they were barred from all lawful recreation and exercise upon the Sunday's afternoon, after the ending of all divine service, which cannot but produce two evils: the one the hindering of the conversion of many, whom their priests will take occasion hereby to vex, persuading them that no honest mirth or recreation is lawful or tolerable in our religion, which cannot but breed a great discontentment in our people's hearts, especially of such as are peradventure upon the point of turning: the other inconvenience is, that this prohibition barreth the common and meaner sort of people from using such exercises as may make their bodies more able for war, when we or our successors shall have occasion to use them; and in place thereof sets up filthy tipplings and drunkenness, and breeds a number of idle and discontented speeches in their ale-houses. For when shall the common people have leave to exercise, if not upon the Sundays and holy days, seeing they must apply their labour and win their living in all working-days?*



própria igreja, além de um enfraquecimento da nação para futuras guerras e uma entrega do povo à bebedeira e à revolta com a proibição.

Vale ressaltar que a lei insistia que as atividades religiosas deveriam ter preferência em relação aos divertimentos. Existiam também avisos de que não se praticassem divertimentos perigosos, portando armas letais, bem como as brigas de touros e ursos. Ao final, mas não menos importante, ressalta-se a proibição do boliche, um jogo considerado ilegítimo e condenável (INGLATERRA, 1633). Tal como exposto por Guttmann (2004), o processo de associação entre os divertimentos com as questões religiosas ainda era confuso e misturavam-se com relativa frequência.

O documento *Declaration of Sports* também deixava claro a todos os reformistas que, se fosse da vontade deles continuarem com a discriminação, crítica e perseguição da prática de jogos, divertimentos e “exercícios leais”, estariam então sujeitos à lei inglesa, pelo crime de desafio à autoridade (INGLATERRA, 1633). Tal disputa entre anglicanos e puritanos acerca de tais práticas pode parecer mera divergência religiosa, todavia de acordo com Sul (2000), foi um dos motivos que levou puritanos a imigrarem para as colônias na América do Norte, em busca de uma liberdade de costumes devocionais que não encontravam na Inglaterra. Em certo sentido, pode-se afirmar que uma das motivações puritanas era a de justamente poderem controlar o corpo e seus divertimentos da forma que bem entendessem, sem a interferência direta da Coroa.

Colônias como a de Virgínia, uma das primeiras a se estabelecer na América do Norte, apresentava restrições aos jogos de cartas e dados, punia a embriaguez e exigia a observância dos dias sabáticos, no qual a ocupação com atividades religiosas proibia investir tempo para divertimentos (DULLES, 1965; OVERMAN, 2011). Massachusetts e Connecticut proibiram carteados, apostas com dados, boliche e atividades similares, fossem elas em público e/ou na residência (DULLES, 1965). A Nova Inglaterra, predominantemente calvinista, adotou medidas semelhantes. Em alguns lugares, tal como Massachusetts, até mesmo a dança e o consumo de tabaco receberam atenções legislativas. Companhias de teatro não eram bem recebidas em muitos lugares, como foi o caso de Boston, em que a corte parlamentar da cidade acreditava que não seria bom para a localidade perder tempo com tal divertimento e que isso poderia promover a preguiça (DULLES, 1965).

Outro fator de explicação para uma inicial rejeição aos divertimentos nas comunidades coloniais americanas reside em um potencial conflito de grupos, como explica Dulles (1965).

Para o autor, os indivíduos membros das seitas protestantes originavam-se de segmentos sociais mais baixos, que rejeitavam os prazeres da vida como uma forma de protesto aos nobres, que dispunham de tempo. Já que os pobres eram ocupados demais e não tinham meios para desfrutar dos divertimentos dos grupos mais abastados, era mais simples à sua moral condenar tais práticas de ociosidade. Dulles (1965) salienta ainda que tal situação se repetiu por ocasião da Revolução Americana contra a coroa inglesa, em que existem registros de condenações aos divertimentos originados na Europa por serem antipatrióticos. Movimento que impulsionaria, posteriormente, segundo aponta o autor, a adaptação de jogos ingleses como rúgbi e críquete para formatos considerados estadunidenses, tais como o beisebol e o futebol americano.

Embora o controle da ocupação de tempo em atividades consideradas frívolas devesse se aplicar a todos os dias da semana, a fiscalização e a interdição eram maiores nos dias sabáticos (DULLES, 1965; OVERMAN, 2011). Qualquer caminhada ou passeio, bem como caçadas e pescarias, estavam banidas dos dias do Senhor nas colônias da Nova Inglaterra. Dulles (1965) indica que existem registros de punições contra casais que ficavam sentados à beira de uma árvore num domingo. O autor aponta que orientava-se ter menos tolerância com crianças que já tivessem ultrapassado sete anos e estivessem se ocupando de atividades que desperdiçassem tempo.

Para Sul (2000), os puritanos entendiam o *Sabbath* como um dia exclusivo à meditação, oração e leitura da palavra, não existindo espaço para divertimentos. O espaço entre a igreja e a residência de um indivíduo eram toleráveis na prática de uma caminhada, porém nada mais além disso, ou se incorreria em pecado. De um ponto de vista utilitarista, o autor indica que condenar os divertimentos não era apenas por causa do prazer envolvido nessas atividades. Sul (2000) demonstra que a dicotomia trabalho/descanso era marcada por seis dias da semana que deviam ser destinados à produção e um dia para o descanso, de acordo com os planos da divindade. Assim, o *Sabbath* era também para recuperar energias para a produtividade do resto da semana e não para se cansar com brincadeiras consideradas inúteis. As noções de recuperação das energias através divertimentos, fenômeno que começa a se formar a partir do século XVIII na Europa (VIGARELLO, 2008a), ainda não estava consolidada e, portanto, não se manifesta nesse momento preliminar em terras norte-americanas.

Dulles (1965) afirma que tal restrição aos dias sabáticos não era uma invenção puritana. Sul (2000), argumenta que a intenção de controle desses dias já vinha desde a Inglaterra elisabetana, quando os puritanos começaram a ganhar poder político e exigiam que sua moral tivesse força de lei. Para o autor foi justamente nesse sentido que o documento *Declaration of Sports* surgiu com força de lei, visando mediar os conflitos entre puritanos e anglicanos na Inglaterra. Para Sul (2000), a lei suprimia as intenções puritanas de querer controlar culturalmente a sociedade inglesa, dando força à coroa e igreja anglicana. Inclusive, o autor considera a publicação de *Declaration of Sports* como uma das causas da posterior guerra civil da Revolução Puritana. Portanto, observa-se aqui uma tentativa puritana de obter o controle dos divertimentos por vias políticas na Inglaterra e por seu fracasso, tentariam o fazer posteriormente quando vieram para a América do Norte.

No entanto, salienta-se que, mesmo com uma série de interdições, havia espaço para festividades ocasionais nas Colônias. A famosa celebração de *Thanks giving*, o “Dia de Ação de Graças”, envolvia danças sempre regadas à muita comida e bebida, momento no qual comemorava-se a fartura das colheitas (DULLES, 1965; TOTA, 2009; OVERMAN, 2011).

Dulles (1965), aponta que as tavernas americanas, principalmente nas cidades, eram tratados como antros de resistência aos controles do corpo e divertimentos e por isso eram ambientes mal vistos pela moral vigente. O autor indica que práticas como *gander pulling*, *bull baiting*, *bear baiting*, *rat baiting*, *badger baiting*<sup>25</sup>, briga de galos e cães, todos esses conhecidos na língua inglesa como *blood sports* (esportes sangrentos), eram bastante comuns nas colônias norte-americanas; jogos de cartas e tabuleiros gozavam de certa popularidade, embora vistos como “perda de tempo” pela moral religiosa.

Logo, percebe-se que os jogos físicos e outros divertimentos estavam presentes desde o início da colonização. Entretanto, devido a todo o contexto explicitado da imigração dos puritanos ser influenciada justamente por uma rejeição a tais atividades, não é de causar estranhamento que as colônias tivessem uma moral condenatória a essas práticas. Ao tentar identificar quais eram os divertimentos do período delimitado de 1633 a 1791, defrontou-se com a dificuldade de enumerá-los de maneira categórica, tamanha a diversidade de práticas.

---

25 Os termos em inglês referem-se respectivamente à: 1) Também conhecido como *goose pulling*, tratava-se de um divertimento que envolvia conduzir um cavalo enquanto arrancava-se uma ave presa a traves acima do cavaleiro; 2) Um tipo de divertimento no qual touros eram colocados para enfrentar vários cães; 3) Semelhante ao anterior, mas com ursos no lugar dos touros. Era mais popular nas colônias do norte; 4) Consistia em um divertimento no qual ratos eram dispostos em uma arena e cães competiam entre si para definir qual pegaria mais ratos em menor tempo. 5) Semelhante ao anterior, mas no lugar de ratos usava-se texugos.



As fontes, bem como os referenciais que os amparam, indicaram jogos de dados, bilhar, boliche, *blood sports*, tabuleiros, danças, o nadar, adivinhações, saltos, corridas a pé e/ou a cavalo, lutas, jogos de pontaria tais como dardos, flechas e tiros, caçadas, pescarias e carteados. Cabe destacar também divertimentos como cantorias, bebedeiras, assistir a peças de teatro e *hobbies* artesanais diversos. Todas essas atividades permitiam a ocupação do tempo livre nas colônias americanas.

Portanto, para que torne-se mais claro o que se pretende ao elencar tamanha diversidade de ocupações em diversões buscou-se amparo em Gems, Borish e Pfister (2017, s.p. - tradução livre):

Jogos e danças, atividades físicas, performances e movimentos culturais sempre existiram em todas as sociedades. Sob análise minuciosa, nós observamos que o mundo multifacetado dos jogos e esporte possuem padrões culturais específicos, e do século XIX em diante uma forma específica de cultura física desenvolveu-se na Inglaterra. Isso seria o esporte moderno, que caracteriza-se por uma (teórica) igualdade de oportunidades e uma orientação para a performance e competição<sup>26</sup>.

Dessa forma, entende-se o esporte moderno como rompimento com determinadas práticas de divertimentos, por apresentar características próprias. Tudo que veio antes de sua manifestação ao fim do século XIX seriam jogos e divertimentos. Ainda assim, desde o século XVI, como apontado por Vigarello (2008a), existem rupturas também nas formas de se jogar e usar o corpo em práticas físicas. Tendências de apaziguar impulsos violentos, reger as competições, utilizar o jogo visando atender metas que não apenas a de diversão. Tal processo era uma forma de controle que será melhor explorada nos capítulos posteriores. Apenas deseja-se salientar que a linha demarcatória do que caracterizava os divertimentos do período delimitado era ampla e englobava diversas práticas, tal como as citadas no decorrer do presente capítulo.

## 1.2 O discurso do corpo nas colônias americanas – as “virtudes” protestantes

Pretende-se aqui debruçar na ordem discursiva do período. O que se pode inferir da vinda dos imigrantes às terras americanas é que toda uma bagagem cultural foi trazida às colônias. Mais do que meras condutas morais, os processos teológicos permeavam o

26 *Games and dances, physical activities, performances and movement cultures have always existed in all societies. On closer scrutiny, we detect that the multifaceted world of sport and games has culture specific patterns, and from the nineteenth century onward a specific form of physical culture developed in England. This was modern sport, which is characterized by the (theoretical) equality of opportunity and an orientation toward performance and competition.*

imaginário puritano, produzindo desdobramentos culturais que moldariam a cultura americana em diversos sentidos.

A maioria da sociedade americana, especialmente em sua região norte, estava alinhada com a ideologia calvinista no que refere-se às concepções de corpo, vivenciando comportamentos ascéticos e valorizando as conquistas metafísicas. Betts (1968, p.2 – tradução livre) resume bem o modo de pensar predominante nas colônias americanas nos séculos XVI e XVII: “(...) enraizados na ética protestante, acreditava-se que jogos inocentes poderiam facilmente transformarem-se em divertimentos frívolos”<sup>27</sup>. Scholes (2017) salienta que essa visão contrastava com a visão da Coroa Inglesa e da Igreja Anglicana, que por meio do documento *Declaration of Sports*, perpetuada pelos monarcas James e Charles, desautorizava a prática de determinados divertimentos e jogos nos dias sabáticos, porém os permitia de maneira geral.

Os diferentes estrangeiros que vieram ao Novo Mundo<sup>28</sup>, vindos de regiões nas quais hoje correspondem a Inglaterra, Espanha, França e Alemanha, trouxeram em sua bagagem cultural atividades como briga de galo, jogos de dados, cartas e xadrez. Contudo, a visão teológica protestante era predominante na América e condenava esses passatempos. No intuito de enfatizar o trabalho duro e a ausência de divertimentos inúteis para sua salvação, tais práticas eram obscurecidas, negligenciadas e perseguidas legalmente (SCHOLES, 2017). Dulles (1965) e Overman (2011), indicam que os novos habitantes das colônias precisavam, portanto, assimilar a cultura condenatória dos divertimentos, nem que para isso fosse necessário o uso de leis contrárias a tais práticas.

Mesmo com uma moral protestante predominando em boa parte das colônias, existiram divergências: o sul do território inglês, de maioria anglicana, possuía uma aristocracia rural escravocrata que dispunha de mais tempo livre e conseqüentemente, acabava por aproveitá-lo em divertimentos como caçadas e pescarias (BETTS, 1968). Dulles (1965) argumenta que o clima, mais quente que o norte, também era mais convidativo às práticas corporais ao ar livre. Por fim, como já salientado, o anglicanismo era mais tolerante aos divertimentos do que seus irmãos puritanos, como já visto nas disputas ocorridas na Inglaterra durante a publicação da *Declaration of Sports*. Segundo Karnal (2007), tais diferenças entre o

27 (...) *gospel of work was rooted in the Protestant ethic; it was believed that innocent play was too easily turned to frivolous amusement*

28 A terminologia aplicada aos estudos historiográficos acerca das Grandes Navegações e colonizações por vezes refere-se ao Novo Mundo como a compreensão total tanto da América do Norte, quanto Central e Sul. No presente estudo preferiu-se referir-se diretamente às colônias da América do Norte quando utilizado tal termo.

norte e o sul só seriam parcialmente superadas após a Guerra da Secessão Americana, de forma que características sociais do norte, principalmente na questão moral, se tornarão preponderantes sobre a cultura sulista.

Outro aspecto relevante a ser salientado na ordem discursiva do contexto analisado era a importância que os americanos pareciam dar para a filosofia. O pensador francês Tocqueville (2000), ao analisar a cultura americana pós-independência, indicou que os americanos da época, dentre os povos civilizados, seriam os que menos se interessavam pela filosofia, não possuindo nenhuma escola filosófica de relevância. No entanto, todo americano parecia possuir um método específico de pensar acerca das coisas. Eram extremamente individualistas na maneira de usar sua razão, utilizando o conhecimento como forma de estudos para melhorar as coisas. Para o autor, era o povo que menos estudava qualquer filosofia mas que melhor seguia o método de Descartes, racionalizando todas as suas atividades. Por serem extremamente racionalistas, Weber (2004) aponta que os americanos preenchiem tal filosofia em todos os aspectos de seu cotidiano, ou seja, nas relações sociais, trabalho, família, leis, escolas, igreja, tudo gradualmente se submeteu a processos de racionalização na cultura americana.

Assim, ao encontrar individualmente, dentro de si, uma noção de mundo, os americanos parecem criar uma forma de conduta e costumes próprios, extremamente racionalista e com uma visão desencantada do mundo. Dessa forma, a percepção de Tocqueville acerca do racionalismo exacerbado da cultura americana foi confirmada posteriormente por Max Weber (2004) em seu entendimento acerca dos processos de desencantamento do mundo.

Em relação ao uso do corpo, Betts (1968), mostra que a maior parte dos pensadores calvinistas da Nova Inglaterra concordavam entre si que os apetites da carne costumavam transformar os divertimentos em atividades perigosas para o desenvolvimento espiritual e, portanto, condenavam-nas abertamente. No entanto, a população em geral não parecia seguir a risca os preceitos religiosos desses teóricos. Betts (1968) encontra indícios de grupos que formaram sociedades de pescadores na Filadélfia em 1732 e estudantes, em Massachusetts, nadando como maneira de descanso das aulas. O autor afirma que, de maneira generalizada, militares por todas as colônias praticavam tiro ao alvo e corridas de cavalo. Indica ainda nomes famosos, além do próprio Benjamin Franklin, que recomendavam as práticas corporais



como elementos úteis para uma vida melhor. Foi o caso de Thomas Jefferson<sup>29</sup>, que propunha duas horas diárias de exercícios que variassem entre a caminhada e a equitação.

No século XVIII, com a popularização dos escritos de Rousseau, principalmente acerca da educação do jovem Emílio, passou-se a gradualmente reservar um espaço para práticas corporais no contexto europeu e posteriormente na América. Uma visão romantizada da educação libertadora das massas foi aplicada em solo americano, em que uma associação com a ideologia puritana passou a presumir que a escola deveria contribuir no controle dos impulsos e desejos. Estaria aberto o espaço para entrada de noções pedagógicas de importantes pensadores europeus como Rousseau, Kant, Guts Muths, Salzmann e Pestalozzi na educação americana (BETTS, 1965).

Cabe destacar que a cultura americana ia lentamente sendo permeada por essas novas percepções de corpo advindas do contexto europeu. É presumível que consequentemente novos olhares aos divertimentos também estavam sendo produzidos, bem como a forma de controlá-los, prescrevê-los e interditá-los. No entanto, as condições favoráveis e desfavoráveis à tais práticas indicam um paradoxo que merece ser melhor explorado. É o que será tratado a seguir.

### 1.3 A dimensão corporal no protestantismo americano

A cultura americana não pode ser compreendida sem dedicar uma reflexão sobre a cultura protestante<sup>30</sup>. De fato, mesmo com uma diversidade de etnias (ingleses, holandeses,

29 Thomas Jefferson (1743-1826) foi um influente político americano, 3º presidente dos EUA. Entre seus principais feitos estão a participação na criação da declaração de independência das colônias americanas e a compra da Louisiana. Cristão protestante, enxergava com maus olhos o fenômeno da industrialização inglesa, na qual percebia uma diferença de classes muito evidente; preferia um país de Estado descentralizado e com pequenos produtores virtuosos e autossuficientes ditando os rumos da economia (KARNAL, 2007).

30 Pode parecer um tanto audacioso da pesquisa utilizar o termo “protestantismo” para fazer referência a uma gama tão variada de religiões que apresentam diferenças teológicas enormes entre si. Entretanto, deseja-se aplicar aqui o método sociológico de Max Weber de “tipo ideal” (WEBER, 2004), em que estabelece-se um construto mental próximo ao conceito que pretende-se referir. Tendo em vista que qualquer definição, por mais precisa que seja, continuará distante de seu aspecto real, Weber sugere que a sociologia tenha como ferramenta o estabelecimento de parâmetros conceituais para que se obtenha um ponto de partida. Tais parâmetros seriam pontos em comum em determinados fenômenos que, ao serem generalizados, permitem a visualização do objeto a ser estudado. Portanto, quando cria-se um “tipo ideal” de protestantismo para analisar, está generalizando o protestantismo como uma fé que rompe com o catolicismo; adota uma interpretação bíblica baseada na razão individual e não na que foi construída pela Tradição da Igreja; acreditam apenas nas escrituras como guia para a fé (*sola scriptura*), sem depender das instruções do Magistério Católico; descartam os sacramentos como etapas necessárias para a salvação; rejeitam a adoração a Virgem Maria e os santos, de maneira que tomam apenas Cristo como o interventor para a salvação (WEBER, 2004; AQUINO, 2013). Ainda assim, tais características não passam de generalizações próprias do “tipo ideal” utilizado e, portanto, podem encontrar amplas variações na realidade prática.

franceses e espanhóis), grupos religiosos (puritanos, católicos e anglicanos) e sociais distintos empreendendo a colonização do Novo Mundo, o predomínio numericamente era protestante. Como afirma Dulles (1965), as exigências de um ambiente hostil parecia obrigar todos os indivíduos a aderirem a uma ética de trabalho contínua e condenatória aos divertimentos. Com os perigos da falta de alimentos, estiagem, ataques de animais ferozes e tribos indígenas hostis, a falta de estruturas institucionais pareciam demandar muito trabalho e pouco espaço para divertimentos. Tal costume deveria tender ao seu desaparecimento com o rápido desenvolvimento das cidades americanas, entretanto alguns autores apontam que seria um comportamento perdurante nos EUA até os dias atuais (DULLES, 1965; OVERMAN, 2011)<sup>31</sup>. Algo deveras contrastante com a Inglaterra, que ao contrário de sua colônia na América, tinha um ambiente muito mais favorável aos jogos e divertimentos, conforme salienta Huizinga, acerca da origem dos jogos e divertimentos modernos (2000, p.141):

(...) não há dúvida que a estrutura da vida social inglesa lhe foi altamente favorável, com os governos locais autônomos encorajando o espírito de associação e de solidariedade, e a ausência de serviço militar obrigatório fornecendo ocasião para o exercício físico, além de impor sua necessidade. As formas da organização escolar agiam no mesmo sentido e, finalmente, a geografia do país e a natureza do terreno, predominantemente plano e oferecendo em toda a parte os melhores campos de jogo nos prados comunitários, os *commons*, também tiveram a maior importância. Foi assim que a Inglaterra se tornou o berço e o centro da moderna vida esportiva.

Nesse sentido, ao contrário dos que viviam na Inglaterra, os primeiros colonizadores da América do Norte condenavam divertimentos e a ocupação do tempo livre com atividades recreativas. Claro que existiam exceções. Dulles (1965) lembra que datas como o Dia de Ação de Graças e festividades religiosas eram caracterizados por danças e jogos regados a banquetes junto aos povos indígenas ou entre seus pares. No entanto, tais eventos parecem ter sido exceções ao duro cotidiano da vida colonial do século XVI. Estabelecidos em um território ainda desconhecido, cercados por tribos nativas nem sempre amistosas, animais ferozes e separados pelo Oceano Atlântico de muitos objetos, costumes e organização que a civilização europeia os fornecia anteriormente, o dia a dia de um peregrino no Novo Mundo demandava praticamente toda sua energia na proteção, construção e manutenção de sua vida (DULLES, 1965; LUCAS, 1968; OVERMAN, 2011).

31 Para Overman (2011), os americanos na atualidade, principalmente os de religião protestante, teriam dificuldades mentais de se abrirem para a diversão. Obsessão pela vitória, sentimentos de culpa na derrota, perfeccionismo, aversão ao ato de jogar ou competir apenas por diversão, seriam algumas das características psicológicas levantadas por Overman.

Com uma estruturação mais elaborada da vida colonial e o advento dos centros urbanos nas colônias, aumentou-se a complexidade de interdependência e relação social entre os indivíduos, que passavam a dispor de um pouco mais de tempo para empregar na ociosidade. Práticas de jogos e divertimentos oriundos do Velho Continente passaram aos poucos a ganhar popularidade na sociedade americana. Como aponta Berryman (1974), gozavam de imensa popularidade atividades como briga de galos e cães, o *bull* e *bear beating*<sup>32</sup>, os tiros a ratos e pássaros, entre outras práticas. Os *blood sports* envolviam apostas, brutalidade, diminuição da sensibilidade humana ao sofrimento alheio e, talvez o mais destacado, a perda de tempo, algo tão caro à ética protestante na sociedade americana (BERRYMAN, 1974; OVERMAN, 2011).

Cabe aqui uma breve delimitação do que seria a ética protestante. Tal conceito é normalmente associado ao termo empregado pelo sociólogo alemão Max Weber (2004). Ao tentar propor novas explicações para a origem do capitalismo moderno, discordando das teorias de Marx e Engels (2011), a obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” buscou compreender como uma cultura religiosa, pautada em costumes e crenças que direcionavam uma forma de agir específica, acabaram por produzir um ambiente favorável ao capitalismo.

Weber (2004) elaborou sua hipótese em relação aos efeitos da religião sobre o modo de vida dos indivíduos e seus resultados na economia, tendo observado preliminarmente que, em sua época, países pluriconfessionais costumavam apresentar um maior número de protestantes representantes da mão de obra qualificada e/ou até mesmo proprietários de grandes concentrações de capital e empresas. As estatísticas religiosas a que Weber teve acesso demonstravam que os protestantes diferenciavam-se na escolha de formação universitária em relação aos irmãos católicos. Os primeiros estavam mais concentrados em cursos voltados à prática empresarial/industrial, e os demais preenchiam com maior frequência os cursos de formação humanística. Para o sociólogo alemão, a Reforma Protestante na Idade Média proporcionou algum tipo de efeito social que culminou nessas diferenciações no período moderno.

Ao buscar retratar tais efeitos sociais, Weber (2004) atentou-se para o fato que a Reforma Protestante destruiu a hierarquia eclesiástica no modo de vida dos crentes,

---

32 Tratavam-se de confrontos entre cães, em superioridade numérica, contra touros e ursos. Tais atividades vieram a ser proibidas posteriormente, tanto na Inglaterra quanto em suas colônias.



extinguindo os sacramentos responsáveis pela salvação dos católicos. No entanto, isso não significou o desaparecimento de uma estrutura de controle espiritual e moral. Muito pelo contrário, novas condutas preencheram aspectos da vida protestante que incidiram no campo político, familiar, trabalhista, entre outras esferas. Pode-se citar como exemplo disso o domínio de Oliver Cromwell na Inglaterra durante a Revolução Puritana, de maneira que até o vestuário da população foi controlado de forma centralizada pelo estado policial, restringindo roupas luxuosas, extravagantes e/ou consideradas indecentes para os costumes puritanos (HILL, 1990), além da já comentada perseguição aos divertimentos praticada pelos puritanos, tal como exposta na *Declaration of Sports* de 1633.

Outro sentido, muito importante nos textos de Weber (1997), é a menção a expressão puritana na economia, formando o capitalismo moderno. O sociólogo, ao partir de sua reflexão acerca da ação social, em sua clássica obra *Conceitos sociológicos fundamentais*, indica diferentes tipos de ações sociais, sejam elas racionais, tradicionais ou afetivas. Tendo tais conceitos dispostos como ferramentas para análise, Weber (1997) estudou como as ações religiosas dos protestantes incidiam num *ethos* social favorável ao desenvolvimento do capitalismo.

Ao esboçar a formação cultural do capitalismo em seio protestante, a sociologia weberiana abriu as portas para uma série de estudos que procuraram compreender melhor o campo de ação dessa moral (OVERMAN, 2011). Para tal, foram realizadas pesquisas nas áreas de psicologia e sociologia (WAGNER, 1964; MIRELS; GARRET, 1971; GREENBERG, 1977), apontando características que descrevessem o comportamento protestante nas mais diversas esferas da vida. Entre elas, cita-se o asceticismo, racionalidade, repressão de impulsos e desejos carniais, perfeccionismo, sentimento de anti-diversão, controle emocional, comportamentos próprios do trabalho que ampliam-se para fora da ocupação que o indivíduo exerce, frugalidade, industrialidade, individualismo, aversão à rituais e tradicionalismos, busca por realização pessoal e competitividade (OVERMAN, 2011).

Com tantos atributos, Overman (2011) resolveu compilá-los em sete características que, unificadas, traduzissem a essência do agir protestante, os quais ampliam-se para a vida privada e pública do indivíduo que apresenta tal moral. As sete “virtudes” protestantes são assim elencadas: 1) asceticismo mundano; 2) racionalização; 3) comportamento voltado ao estabelecimento de metas; 4) autorrealização; 5) individualismo; 6) ética do trabalho; e 7) ética de controle do tempo.

A primeira “virtude” protestante, o asceticismo, pode ser conceituado como um autocontrole intenso, com tendência a reprimir os desejos pessoais. Num contexto protestante, trata-se de uma certa forma de “barganha” com a divindade, visto que a graça proviria da obediência irrestrita a Deus (OVERMAN, 2011). Numa perspectiva que remonta ao estoicismo grego e ao cristianismo agostiniano, o asceticismo cristão encara o corpo como um meio para o pecado e um impeditivo da salvação do espírito (MARCONDES, 1997).

Durante o período medieval, os ascetas estavam concentrados em sua maioria nas ordens monásticas da Igreja Católica, com suas variações beneditinas, franciscanas, carmelitas, etc. (AQUINO, 2013). Em certo sentido, costuma-se perceber uma dupla moral no cristianismo católico, de forma que existiria um estilo de vida cristão que seria considerado “bom, mas não perfeito”. Esse seria o praticado pelos leigos, que vivenciam o cristianismo, porém não na mesma intensidade dos monges. Esses seriam conformem lembram Le Goff e Truong (2006), praticantes de costumes mais radicais no controle do corpo, sujeitando-se a jejuns, celibatos, regimes de oração e trabalho caritativo em uma forma muito mais evidente e acentuada que os leigos.

Após a reforma protestante, as práticas ascéticas radicais não se limitavam mais aos monges. Um bom protestante também deveria viver uma vida de negação dos prazeres. Ademais, ao contrário do asceticismo católico, que era extramundano, voltado para uma salvação fora do mundo, os protestantes enxergavam no ativismo de todos os membros de sua comunidade religiosa uma forma de salvação. Weber (2004) indica que a vocação, anteriormente destinada ao sacerdócio, estendia-se para todos os protestantes, demandando disciplinamento e ação no lugar de contemplação. Dulles (1965) e Overman (2011) reforçam que atividades que distraíssem o fiel desse caminho, tal como alguns divertimentos, deveriam ser banidas da comunidade protestante.

Bednar (2009) lembra que *Askesis* é uma palavra grega que significa “exercício”. O termo ascetismo costuma ser designado para definir práticas e exercícios de abstenção de prazeres e condução de um estilo de vida racional, meticulosamente planejado para atender um objetivo maior. Para Bednar (2009), se fosse necessário resumir todas as variações culturais possíveis de ascetismo presentes no ocidente, poder-se-ia dizer que consiste em: 1) negar valores inferiores, prazeres e outras coisas consideradas danosas; 2) abraçar preceitos superiores, adotando uma construção de valores e habilidades consideradas apropriadas para o desenvolvimento do indivíduo.

Uma conceituação mais específica sobre o ascetismo é encontrada em Weber (2004, p. 56):

A ascese cristã, sem dúvida, abrigou em si, tanto na manifestação exterior quanto no sentido, elementos extremamente variados. Mas no Ocidente ela carregou sim, em suas formas mais avançadas através da Idade Média, e em vários exemplos já na Antiguidade, um caráter racional. Nisso repousa a significação histórico universal da conduta de vida monástica ocidental em seu contraste com o monasticismo oriental — não em seu conjunto, mas em seu tipo geral. Em princípio, já na regra de São Bento, entre os monges cluniacenses e mais ainda entre os cistercienses e, finalmente, da forma mais peremptória, entre os jesuítas, ela se emancipara seja da fuga do mundo desprovida de plano de conjunto, seja da virtuosística tortura de si. Tornara-se um método sistematicamente arquitetado de condução racional da vida com o fim de suplantar o *status naturae*, de subtrair o homem ao poder dos impulsos irracionais e à dependência em relação ao mundo e à natureza, de sujeitá-lo à supremacia de uma vontade orientada por um plano, de submeter permanentemente suas ações à autoinspeção e à ponderação de sua envergadura ética, e dessa forma educar o monge — objetivamente — como um operário a serviço do reino de Deus e com isso lhe assegurar—subjetivamente — a salvação da alma.

Destaca-se a questão da condução racional da vida levantada por Weber, demonstrando que já existia um vínculo entre a “virtude” do ascetismo com a racionalização. Sabe-se que o ascetismo é uma característica anterior ao próprio cristianismo, apresentando exemplos na Antiguidade greco-romana, como nos filósofos estoicos, que valorizavam o autocontrole, a austeridade e a submissão (MARCONDES, 1997), e que se prolonga com o cristianismo, que adota uma postura platonista de rejeição do mundo material e também de seus prazeres.

Para Weber (2004), quatro modalidades protestantes (calvinismo, pietismo, metodismo e anabatismo) adotaram interpretações teológicas em que o mundo não era mais desprezado da mesma maneira que pelos católicos. Enquanto a ascese radical antes da reforma era praticamente exclusiva aos monges, após a reforma protestante esse quadro se alterou, visto que a conduta de privações se estendeu a todo fiel que desejasse estar entre os eleitos para a salvação.

Weber (2004) interpreta que a doutrina da predestinação de Calvino alegava que determinados indivíduos já estariam salvos e deveriam cumprir seu chamado vocacional. O sucesso nessa vocação era indicativo da garantia da salvação. Fator que, segundo Weber, acabou por permitir um *ethos* favorável ao advento do capitalismo. O acúmulo de riquezas e a noção de progresso não eram mais condenados. Assim, enquanto a ascese católica seria extramundana e preocupada com o mundo superior (porém ainda mantendo uma ligação



terrena com o mundo material através da Igreja), a protestante seria intramundana, ou seja, através da radicalização do processo de desencantamento do mundo, não haveriam mais rituais e elementos sacramentais de ligação do indivíduo com a divindade, como havia entre os católicos. Afinal, para ocorrer a salvação, seria preciso adotar a postura cristã e ainda se dedicar à sua vocação, que agora podia ser uma atividade mundana, tal como um alfaiate ou um ferreiro, e não mais monástica.

O encaixe entre a ascese protestante intramundana com o capitalismo foi tão forte que passou a incorporar o meio social dos países protestantes que, como Weber (2004) observou, eram as nações com maior desenvolvimento econômico e industrial. Assim, para o sociólogo alemão, ao contrário do que foi formulado por Marx e Engels (2011), a ascensão do capitalismo não estava necessariamente condicionada à forma de organização dos meios de produção da sociedade, pois haviam indícios de uma influência de costumes religiosos.

A segunda “virtude” protestante levantada por Overman (2011, p. 63) é a racionalização, que consiste em um “(...) processo em que a ação humana torna-se gradativamente sujeita ao cálculo, mensuração, padronização e controle”. Reformistas como Lutero, Knox e Calvino pregavam que, na relação entre o ser humano e a divindade, não poderiam existir intermediários e a observância exclusiva das escrituras bíblicas e da fé (*sola scriptura* e *sola fide*) seriam os elementos da salvação. Tal teologia acaba por excluir rituais e tradições em um processo mais longo, provocando o que Max Weber chamaria de desencantamento do mundo<sup>33</sup>:

O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não dar trela ao aparecimento da *superstition*, isto é, da confiança em efeitos salvíficos à maneira mágico sacramental. Não havia nenhum meio mágico, melhor dizendo, meio nenhum que proporciona essa graça divina a quem Deus houvesse decidido negá-la (WEBER, 2004, p.96).

Ao estabelecer uma relação com o divino que não se explica mais pela tradição, necessitava-se de justificativas amparadas pela razão. Overman (2011) indica que toda a fé protestante passou a se basear exclusivamente em normas, preceitos e condutas calculadas, sistematizadas e quantificadas que trouxessem uma ordem interna a esfera individual. O autor ainda lembra que, por consequência dessa valorização exacerbada do racionalismo, a vida pública das comunidades protestantes também foi bastante afetada. Nas instâncias políticas,

---

<sup>33</sup> *Entzauberung*, no original em alemão.

nepotismos e favoritismos deveriam ser substituídos pela meritocracia. Na produção industrial, a divisão de trabalho do economista Adam Smith, um protestante presbiteriano escocês, demonstrava como a eficiência na linha de produção aumentava a riqueza da fábrica. Overman (2011) aponta que a medida que a racionalização crescia, vinha atrelada a ela um pragmatismo e um materialismo que moldariam a modernidade.

A obsessão pela técnica correta, evidenciada nas análises de Herbert Marcuse (1967), em seu livro “A ideologia da sociedade industrial”, demonstram como o pensamento científico foi determinado em sua essência pela racionalização. No mesmo sentido acerca da presença da razão permeando diferentes ambientes da sociedade moderna, Weber (2013) relembra, em sua obra “O que é a burocracia”, o quanto as instituições burocráticas são, em si, unidades projetadas racionalmente. A organização jurídica, a nomeação para cargos públicos, o formato das unidades de administração, o processo político, entre outros tantos exemplos. Nada na modernidade parecia escapar de alguma forma da burocracia, seja em maior ou menor grau.

Nas instituições esportivas tal processo de racionalização não foi diferente. Associações, clubes, federações, confederações, o Comitê Olímpico Internacional, todos estão sujeitados a processos de burocratização. Guttmann (2004) lembra que as regras e formas dos esportes são em si jogos com alto grau de racionalização, gerando um paradoxo; embora sejam atividades não-utilitárias e, portanto, mais lúdicas do que outras atividades do cotidiano, apresentam estruturação racional em suas regras, no comportamento e treinamento dos atletas, comercialização, etc. (GUTTMANN, 2004; OVERMAN, 2011), o que gera o conflito entre lúdico e sério.

A terceira “virtude” protestante, o comportamento de estabelecimento de metas, complementa a lógica das duas “virtudes” anteriores. Em um estilo de vida ascético e racionalizado, em que a meta final seria a salvação individual, toda ação requer um juízo de valor acerca de seu efeito, determinando se é bom ou ruim para a elevação do espírito. Dessa maneira, tanto o trabalho quanto o divertimento não seriam condenáveis por si só, mas sim por seus efeitos. Como expõe Overman (2011, p. 69 – tradução livre), ao tratar da forma como colonizadores puritanos entendiam os jogos e divertimentos:

(...) trabalhar é bom se rende frutos (...). Jogos podem ser bons ou ruins dependendo do seu efeito no indivíduo e na sociedade. Se o jogo atrapalha o *Sabbath*, leva às pessoas à luxúria ou absorve-as em hábitos de preguiça, é ruim.

Mas se o jogo proporciona descanso e recreação que permitem ao indivíduo retornar ao trabalho com energia renovada e refrescada, então é bom<sup>34</sup>.

As ações dos indivíduos em situações simples tenderiam a serem relacionadas diretamente com seus resultados imediatos. Por exemplo, descansar para obter energia, angariar disposição para poder caçar e conseguir alimento, e assim segue o raciocínio. No entanto, em sociedades mais complexas, os meios e fins de uma ação distanciam-se (ELIAS, 1978; WEBER, 2004; OVERMAN, 2011). Nesse sentido, motivações transcendentais são utilizadas para justificar ações antes consideradas neutras. O indivíduo protestante, na busca pelo domínio de si e do mundo, direciona sempre suas ações para metas de salvação pessoal, agindo como um instrumento da divindade. Todas as ações humanas então se tornam neutras e são classificadas valorativamente de acordo com sua intenção final.

Tal “virtude” protestante é de suma importância para compreender como se deu posteriormente o controle dos divertimentos. Como não podiam impedir eficientemente que todos indivíduos se abstivessem de tais práticas, deveria se conceder um *status* de importância para a atividade. Tal fenômeno estava atrelado ao desenvolvimento estrutural das colônias americanas, em que a formação das cidades e a melhoria das condições de vida da população em geral permitiam que a luta por sobrevivência, antes presente no cotidiano, se abrandasse. Afinal, uma colônia mais segura abria espaço para maior tempo livre e, conseqüentemente, uma maior presença de divertimentos (DULLES, 1965; OVERMAN, 2011).

Nesse sentido, a inclusão de valores morais na educação da juventude, a utilidade dos exercícios físicos para a saúde e recuperação de energia, entre outras características comuns ao controle dos divertimentos, parece ser um tanto orientada por essa terceira “virtude” protestante, potencializando a compreensão da importância dada a cultura física. Pode ser encontrada assim uma fonte de explicação para associações como a *Boy Scouts*<sup>35</sup> e *YMCA*<sup>36</sup>,

---

34 *Work was good if it bore fruit (...) Play could be either good or evil depending upon its effects upon the individual and the community. If play disrupted the Sabbath, led people to lust, or engrossed them in slothful habits, it was evil. But if play provided rest and recreation so as to allow the individual to return to his or her vocation refreshed with renewed energy, then it was good.*

35 *Boys Scouts*, também conhecido no Brasil como escoteiros mirins, é uma instituição fundada pelo inglês Robert Baden-Powell na Inglaterra em 1907. Tinha como propósito educacional o desenvolvimento moral, intelectual e físico de jovens, através de atividades ligadas à natureza e que resgatassem a masculinidade na juventude inglesa (PRYKE, 1998).

36 *Young Men's Christian Association*, conhecida no Brasil como Associação Cristã de Moços, é uma instituição protestante de origem inglesa, fundada em Londres em 1844, que tornou-se conhecida por vincular a divulgação evangélica com a prática esportiva, disseminando-se por todo o mundo (ZALD; DENTON, 1963).



instituições que, através da cultura física transmitiam valores do interesse de grupos na sociedade americana.

A segunda metade do século XIX, na Europa e América do Norte, foi marcada por um alvorecer de clubes esportivos e instituições escolares, que utilizavam da cultura física para fins variados, como a formação de cidadãos, afastamento de jovens da delinquência, respeito à autoridade, gastar o “excesso de energia”, saúde, entre outras tantas motivações. Tais objetivos, embora variados, comungam entre si a “virtude” do estabelecimento de metas. Uma prática racionalizada dos divertimentos passa a ser justificada, seja para recuperação e inclusão social, fortalecimento da nação, masculinização da juventude, evangelização, interação, atividade pedagógica ou entretenimento no tempo livre para recuperação do corpo fadigado pelo trabalho (VIGARELLO, 2008a). Supera-se o problema dos divertimentos como ocupações frívolas quando se submetem a uma meta superior (OVERMAN, 2011).

A quarta “virtude” protestante, autorrealização, origina-se, segundo aponta Overman (2011), na distinção criada (principalmente pelos calvinistas) para promover uma diferenciação em relação aos pares católicos e anglicanos. O autor salienta que na interpretação de Calvino, a máxima de que muitos são chamados, porém bem poucos são escolhidos, representava a identificação protestante com a predestinação. Overman (2011) salienta ainda que, ao desprezar o *status* obtido por classe social ou família, característica das sociedades com estruturas políticas nobiliárquicas/aristocráticas, os protestantes interessavam-se mais pelas ações de cada indivíduo. O berço e o local de nascimento não importavam tanto, mas sim o que o indivíduo fez ao longo de sua vida em prol de sua salvação pessoal e da comunidade. O autor indaga que na esfera dos jogos, a derrota representava uma analogia com a vida. Perder uma competição era também ser derrotado na salvação. Vale lembrar que, para os primeiros calvinistas, o sucesso material e financeiro era indicativo da graça divina. Portanto, um indivíduo que sofresse derrotas em jogos estaria, em certo sentido e guardada as devidas proporções, se destituindo da salvação.

A quinta “virtude” protestante, o individualismo, tem sua origem diretamente na Reforma Protestante (OVERMAN, 2011). Como Lutero e Calvino aboliram intermediários entre o indivíduo e Deus, tais como sacerdotes, sacramentos e a própria Igreja, restava apenas o “eu” como protagonista da salvação. Nesse sentido, a composição medieval de grupos foi gradualmente substituída pela composição de indivíduos em busca do encontro de sua vocação para salvação pessoal. Para Tocqueville (2000), a democracia americana instilava, em

suas próprias instituições, a valorização dos indivíduos, expandindo a noção de democracia para diferentes esferas da sociedade estadunidense. Como a teologia calvinista propunha a salvação de apenas alguns poucos, gerava-se competitividade e busca por autorrealização entre os indivíduos, pautadas em morais ascéticas, racionais e com o estabelecimento de objetivos claros e bem definidos.

Os divertimentos e jogos nas sociedades americanas serão posteriormente uma área rica para cultivo da cultura do individualismo, que alcançará seu ápice nos esportes modernos. Para as instituições religiosas que regiam essas atividades, tal como foi a *YMCA*, não havia conflito na cooperação entre os objetivos próprios do indivíduo com os de sua equipe, se no final ambos convergissem para a vitória, traduzindo-se em uma metáfora para a salvação pessoal e coletiva (OVERMAN, 2011). Assim, apesar de originar-se em um sentido religioso, o individualismo converge-se para atividades materiais no protestantismo, seja em empreendimentos financeiros ou nos jogos, divertimentos e esportes.

A sexta “virtude” protestante, a ética do trabalho, permeia a cultura oriunda da Reforma pela teologia da vocação estendida a todos os fiéis. Ao contrário da interpretação católica acerca das “boas obras” atreladas a fé como um dos caminhos para a salvação, o indivíduo protestante deveria trabalhar em sua própria área profissional, fosse ela ligada à religião ou não, atendendo sua vocação, dando o melhor de si. Era uma atitude virtuosa, auto-recompensante, extensão do ascetismo, constituindo assim novas condutas perante o mundo de trabalho (OVERMAN, 2011).

A forma como o ato de trabalhar era visto e compreendido no ocidente foi construída historicamente pela mistura de diferentes culturas ao longo do tempo. Como explicam Marcondes (1997) e Overman (2011), na Grécia Antiga o ato laboral era atitude inferior, própria para estrangeiros e escravos. No Judaísmo antigo, o livro de Gênesis retrata a penalidade pela queda de Adão e Eva, em que a desobediência contra Deus os obrigava, bem como a todas as suas futuras gerações, a trabalharem na terra pra adquirirem seu sustento. No medievo, a Igreja enxergava o labor como expiação dos pecados da carne e meio para educação espiritual, embora tal visão não tenha muita popularidade fora dos mosteiros. Overman (2011) aponta que foi a partir da Reforma Protestante que o trabalho foi ressignificado, estendendo-se a todo o corpo de fiéis, que acabaram por dividir seu cotidiano entre a dicotomia de trabalho e descanso para recomposição das energias.

Tal perspectiva refletiu nos divertimentos das colônias americanas, em que até as atividades prazerosas estavam alinhadas com a vocação laboral. O próprio Benjamin Franklin deu um exemplo interessante. Na sua famosa história de experiência com relâmpagos para estudos da eletricidade, remeteu-se ao fato de empinar uma pipa durante o procedimento científico (FRANKLIN, 1791; ISAACSON, 2015). Menos conhecido e não menos importante foram suas descobertas acerca de correntes marítimas em suas viagens de navio, bem como suas experiências com copos de cristal preenchidos com água, que acarretaram na invenção do instrumento musical conhecido como harmônica de vidro, aparelho este que de tanta popularidade chegou a ser utilizado por Mozart na Europa (FAGLIONI, 2017). Fosse em um passeio de navio, empinando uma pipa ou divertindo-se com instrumentos musicais, Franklin apareceu frequentemente mesclando um trabalho sério (invenção de aparelhos, descobertas científicas) com algum tipo de divertimento. Já que o mero prazer de um passatempo não era justificável pela moral da sua época, bastava atrelá-lo a uma ocupação séria que a atividade se ressignificava, tornando-a aceitável.

Ao remeter um olhar minucioso para os elementos da cultura física, pode-se traçar paralelos do chamado vocacional protestante de árdua dedicação à atividade que empreende. Como não existia espaço para prazeres e brincadeiras no tocante à salvação, todo protestante deveria imbuir uma ética de trabalho nas atividades externas a esfera laboral. Para Overman (2011) é isso que caracteriza a seriedade que os americanos atualmente empreendem em seus divertimentos. Embora o esporte moderno surja com características de amadorismo, foram os valores do profissionalismo que se estabeleceram, com uma lógica de trabalho (leia-se treinamento), especialização, rendimento, esforço pessoal e coletivo.

Uma relação com o chamado vocacional da ética de trabalho também é exemplificada dramaticamente no filme *“Chariots of Fire”*, “Carruagens de Fogo” em português, obra de 1981 do diretor Hugh Hudson e premiada com o Oscar. Produção na qual o protestante escocês Eric Liddel encara seu ato de correr com uma ligação direta a sua espiritualidade, cultivada nas práticas físicas. Tal filme é, aliás, uma fonte ilustrativa que, apesar da liberdade poética oriunda de uma produção cinematográfica, torna-se interessante para encarar, de maneira disseminada, como a ética protestante configurou os esportes ao fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, a sétima “virtude” protestante, a ética do controle de tempo, apresenta o conceito das mudanças que o protestantismo provocou no entendimento da passagem do



tempo. Em prol da salvação como norte de toda ação, o indivíduo protestante passou a regular a contagem do tempo cada vez mais precisamente, dividindo-o em frações cada vez menores. O controle mais eficiente do passar de minutos e segundos proporcionou mudanças diretas na lógica de trabalho, sistematizando e especializando ainda mais o processo de produção (OVERMAN, 2011). Tarefas fora do meio de trabalho também acabaram por se sujeitar à ética de controle do tempo. Overman (2011) divide o tempo na sociedade moderna em cinco categorias principais: 1) tempo destinado ao trabalho especializado para produção; 2) tempo para manutenção individual; 3) tempo de consumo; 4) tempo cultural (espiritual, acadêmico, etc.); e 5) tempo livre. Com tal divisão racional o autor acredita que o protestantismo moldou as ações dos indivíduos para que, de maneira eficiente, fosse possível trabalhar em prol da salvação pessoal.

Todas as “virtudes” acima elucidadas indicam como uma cultura religiosa perpassa sobre diferentes aspectos da vida humana, transformando-a e produzindo novos hábitos e costumes. Os jogos, divertimentos, passatempos, esportes e demais elementos da cultura física parecem ter sido “transformados” dentro de tal moralidade. A princípio, como já explicado anteriormente, uma condenação às diversas práticas comuns do tempo livre foi realizada em várias colônias americanas. Entretanto, trata-se de uma análise inicial. Cabe agora um olhar cauteloso sobre Benjamin Franklin para verificar se as condenações eram generalizadas e absolutas ou se existiam mecanismos oriundos da própria ética protestante que permitiam interpretações distintas.

## **CAPÍTULO DOIS: DIVERTIMENTOS CONTROLADOS – A ÉTICA DA UTILIDADE NA OBRA DE FRANKLIN**

### **2.1 As várias faces de Franklin – breves apontamentos biográficos**

Nascido no dia 17 de janeiro de 1706 em Boston e falecido em 17 de abril de 1790 na Filadélfia, Benjamin Franklin ocupou seus 84 anos de vida com afazeres dos mais diversos. De produtor de velas na firma do pai a político influente na Filadélfia, Franklin atravessou ocupações como impressor (jornais, almanaques, livros e até papel-moeda), inventor, funcionário público, diplomata, embaixador, constituinte, escritor, jornalista, editor e representante colonial (FRANKLIN, 1791; ELIOT, 1937; ROBERTS, 1991; ISAACSON, 2015).

Como cientista e inventor, destacou-se principalmente pela produção dos primeiros modelos de para-raios, oriundos de sua pesquisa com tempestades, marcadamente conhecidas pelas histórias do empinamento de pipas em noites chuvosas infestadas de relâmpagos. Foi também de sua patente o “fogão Franklin”, responsável por diminuir a fumaça dentro das residências, bem como os óculos bifocais que misturam dois tipos de lentes (ROBERTS, 1991; ISAACSON, 2015). Embora menos conhecido por isso, também foi responsável pela elaboração de cartas marítimas acerca das correntes marinhas da chamada Costa do Golfo, região que compreende a geografia do Golfo do México e que atravessa a costa leste americana em direção ao Atlântico Norte. Na medicina, aventurou-se em teorias acerca das formas de contágio da gripe. Em seus escritos eram constantes os conselhos para a saúde (ROBERTS, 1991; ISAACSON, 2015), tal como será analisado no terceiro capítulo da presente dissertação.

Franklin foi fruto de uma educação calvinista, tendo em vista que sua família e comunidade na qual crescera terem sido dessa orientação religiosa. No entanto, durante a maior parte de sua vida, declarou-se um deísta<sup>37</sup> (ISAACSON, 2015). Cabe destacar que não

---

37 O deísmo, fruto do iluminismo, origina-se no século XVII e consiste em uma “(...) filosofia religiosa que despreza o sobrenatural, o dogma religioso e a ideia de textos religiosos relevantes” (THEORARIS, 2014, p.353). A maior parte dos deístas creem que a razão humana é o atributo máximo para confirmação da existência do divino, em que a experiência da natureza indicaria sua presença. Sua ausência de rituais e tradições na relação com o sobrenatural é a razão de seu declínio e dá forças para o ateísmo moderno se fundamentar (VARTANIAN, 1949).

era nos mesmos moldes dos deístas europeus, lembrados principalmente na figura de Diderot<sup>38</sup>, mas um deísmo frankliano por assim dizer, pois era essencialmente pragmático e utilitarista em sua crença acerca do divino. Para Franklin, acreditar na existência de uma entidade suprema e atenta à humanidade era algo útil para a sociedade em geral, pois as virtudes valorizadas por esse ser superior formariam a moral que embasaria uma vida em comunidade. Como o deísmo clássico acreditava que a entidade superior não se importava com as ações humanas e relegava à natureza o papel de controle da criação divina (AQUINO, 2013), Franklin enxergava nessa teologia um pressuposto para surgir um relativismo moral que poderia ser prejudicial para a sociedade (ISAACSON, 2015). Ao mesmo tempo, não concordava com o calvinismo no qual foi criado, que alegava uma predestinação do recebimento de Graça para alguns poucos eleitos, pois isso implicaria na desqualificação das boas obras, que Franklin tanto acreditava serem o ponto forte das religiões (ISAACSON, 2015). Pode-se dizer que o deísmo de Franklin, portanto, englobava tanto o que ele considerava bom (leia-se útil) no deísmo clássico, com alguns valores do puritanismo calvinista, rejeitando o que considerava ruim (leia-se inútil, não-prático) nas duas teologias.

Por sua atuação como inventor e político defensor da democracia, um economista francês, Jacques Turgot, teria dito que Benjamin Franklin foi o indivíduo que “(...) arrancou o cetro dos tiranos e o raio dos deuses” (ISAACSON, 2015, p. 476). De fato, Franklin é lembrado frequentemente por atuações um tanto distintas entre si, tal como a política e as ciências da natureza. Na presente pesquisa, destaca-se o Benjamin Franklin que se ocupou em escrever sobre o corpo, seu controle e seus divertimentos. Franklin dedicou textos ao xadrez e a natação, bem como teceu comentários sobre um controle austero do corpo em suas dietas, fontes que foram consultadas, revisitadas e reinterpretadas na presente dissertação de mestrado.

Outras indicações diretas de Benjamin Franklin com atividades corporais passam por sua atuação no sistema educacional americano do século XVIII, quando um dos biógrafos de

---

38 Denis Diderot (1713-1784), nascido na França, é conhecido como filósofo e escritor, tido como um dos principais nomes do iluminismo francês. Junto com Jean D’Alembert foi responsável pelo movimento cultural do enciclopedismo francês (SCRUTON, 2007). A Enciclopédia das Ciências, Artes e Profissões, publicada entre 1750 e 1780, foi uma coleção de 35 volumes, de autores como Diderot, D’Alembert, Arouet, Rousseau, Helvétius, Buffon, Voltaire e Montesquieu, e tinha como principal objetivo englobar todo o conhecimento racional existente até então. Ao tomarem a razão como única interpretação aceitável da realidade, atacavam os dogmas e doutrinas do catolicismo. Tal movimento defendia uma “moral natural” (AQUINO, 2013), em que não existiam conceitos fixos e fechados à discussão. Essa corrente de pensamento foi uma das principais formas de ataque no campo intelectual à Igreja, vista pelos autores da Enciclopedia como instituição intolerante.



Franklin, Walter Isaacson (2015, p. 48), relatou sua cogitação em abrir uma escola de natação<sup>39</sup> na Pensilvânia e ensinar as pessoas a nadarem no Novo Mundo, aspiração que acabou sendo desestimulada por aconselhamento de amigos próximos.

Outra situação direta que cabe citar foram os planos de Franklin acerca de criar uma universidade americana que fosse menos teórica e mais pragmática, na qual, além dos conteúdos curriculares competentes à formação teórica da época,“(...) seriam promovidas as virtudes terrestres; os estudantes viveriam com simplicidade, temperança e frugalidade e seriam frequentemente exercitados em correr, saltar, lutar e nadar.” (ISAACSON, 2015, p.37) Tal instituição de ensino acabou concretizada e atualmente é conhecida como a Universidade da Pensilvânia<sup>40</sup>.

Um artigo do pesquisador em história do esporte, John Nauright (2014), da Universidade North Texas (EUA), afirma que Benjamin Franklin trouxe em 1760 um livro de regras de críquete para os EUA. Embora o autor não indique a fonte, caso seja confirmada tal informação, agrega-se ao histórico de Franklin um outro elemento no seu possível envolvimento com o estabelecimento de uma cultura física na América do Norte do século XVIII. A inserção de um manual com regramentos para uma determinada atividade é um indício que não pode ser ignorado quando estuda-se a temática do controle de divertimentos no período analisado.

Passadas as relações diretas, é possível realizar um aprofundamento na ética protestante de Franklin, no qual sua moral indicava uma nova forma de trabalho, estudo, divertimento e relação com o povo que se formava na época. Essas noções são mais sutis e precisam de uma análise aprofundada para interpretação de escritos como o *Almanaque do Pobre Ricardo*, publicação de Benjamin Franklin que chegou a ser mais vendida que a própria Bíblia nas 13 colônias (ISAACSON, 2015, p. 90). Tratam-se de textos lançados regularmente

---

39 Ressalta-se que a natação da época ainda não era semelhante à atividade que temos na atualidade. Pode-se afirmar que Franklin a enxerga como uma atividade própria para, principalmente, manter a segurança de indivíduos que possam vir a cair em um rio e correrem risco de afogamento. A natação moderna, por sua vez, é mais polissêmica, tendo significação em esportes de rendimento, sobrevivência em meio aquático, atividade física, lazer, etc.

40 Em inglês *Univeristy of Pennsylvania*, ou simplesmente *Penn*, é uma famosa universidade americana. Originalmente concebida por George Whitefield em 1740 como uma escola caritativa, o projeto não foi concluído por falta de investimentos. Coube a Benjamin Franklin, em 1749, angariar recursos para a fundação da instituição. Na época, a maior parte das faculdades destinava-se a formação de indivíduos voltados ao ministério cristão. Franklin apresentou uma proposta inovadora para o período, com um currículo mais próximo do que hodiernamente é conhecido nos EUA como “*liberal arts*”. Tal currículo distanciava-se dos estudos religiosos e tendia à modernização, focando no serviço público, negócios e administração (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 2019).

que traziam ditados populares de linguagem acessível e que exprimiam a mais pura forma de agir de um puritano em relação às características como frugalidade, empreendedorismo, dedicação ao serviço comunitário em prol da sociedade, ascetismo, racionalização, eficiência como obrigação moral, entre outras qualidades que criam condutas e comportamentos específicos na sociedade americana do século XVIII. Filosoficamente, algumas relações entre tais discursos poderiam ser analisadas para compreender se seria possível influenciarem a formação de um ambiente favorável ao controle do corpo e divertimentos nos EUA, formato esse de controle que envolve regramentos, institucionalização, uso de valores morais, entre outras características, que posteriormente contribuem para o desenvolvimento do fenômeno moderno conhecido como esporte.

Longe de querer estabelecer uma relação de causa-efeito entre Benjamin Franklin e o fenômeno esportivo moderno, o que parece se destacar com uma análise primária do autor é que o mesmo estava inserido em uma ordem discursiva que parecia condenar em vários sentidos os corpos e seus divertimentos. Porém, no período analisado, praticavam-se alguns passatempos que não eram vistos como ruins ou imorais, ao menos na perspectiva de Franklin. Para não demonstrar conflito com a moral vigente, o cientista americano teria buscado encontrar alguma utilidade e valores práticos às atividades lúdicas que lhe agradavam. Para tal, o próximo tópico buscou realizar uma análise mais aprofundada de seus textos e do contexto em que escrevia.

## **2.2 Virtudes infusas em um jogo – controle e utilidade nos divertimentos de Franklin**

Antes de apontar os enunciados favoráveis de Franklin a determinados elementos da cultura física, é necessário primeiramente indicar uma possível contradição nos seus escritos em relação ao ato de se divertir. Aparentemente o autor condenava o tempo “desperdiçado” em atividades como jogos, como pode ser visto no texto *Settling Down* presente em sua biografia (FRANKLIN, 1791). Nesse texto Franklin afirmou que não gastava tempo em tavernas, jogos e divertimentos: “Ler era o único divertimento que eu me autorizava. Eu não gastava nenhum tempo em tavernas, jogos ou brincadeiras de nenhuma natureza (FRANKLIN, 1791, p.81 - tradução livre)”<sup>41</sup>.

---

41 *Reading was the only amusement I allow 'd myself. I spent no time in taverns, games, or frolics of any kind*

Haviam também conselhos dados à população em geral em *Poor Richard Almanack* (FRANKLIN, 1732), momento no qual retratou que o jogo era algo que diminuía a saúde e ambição<sup>42</sup>. Existem diversas outras passagens nas quais condenava diversões que em sua opinião nada de útil acrescentam a vida dos indivíduos (FRANKLIN, 1791, p.136 – tradução livre):

Deveria ser considerado abusivo um governo que cobra de seu povo um décimo de seus ganhos para que seja empregado em seus serviços. Mas a preguiça nos cobra muito mais, se considerarmos tudo que é gasto na indolência absoluta, com o que se investe em ocupações ociosas ou divertimentos que nada acrescentam. A preguiça traz essas doenças, encurtando a vida<sup>43</sup>.

Em outro capítulo de sua biografia, intitulado *Early Life*, Franklin mostrou um arrependimento do período de juventude em que gastou tempo em excesso indo às peças de teatro e outros divertimentos, desperdiçando o dinheiro que ganhava trabalhando (FRANKLIN, 1791, p.63 – tradução livre):

Imediatamente comecei a trabalhar em Palmer, depois em uma famosa gráfica em Bartholomew Close, e ali continuei por quase um ano. Era muito empenhado, mas gastei, junto com Ralph, boa parte dos meus recursos indo a peças de teatro e outros lugares de diversão. Juntos gastamos toda as minhas moedas. (...) Esta foi outra das grandes erratas da minha vida, que eu gostaria de corrigir se fosse viver de novo<sup>44</sup>.

Com tantas críticas aos momentos de ociosidade, pode parecer que Franklin se recriminasse por ocupar o tempo com divertimentos, preferindo uma vida ascética e sem permissões para sentir prazer. A leitura parecia ser a atividade tolerada como divertimento, mas provavelmente porquê tinha utilidade para o desenvolvimento intelectual. Das poucas vezes que afirma ter frequentado ambientes de diversão, demonstrava um profundo arrependimento.

A postura de Benjamin Franklin estava em consonância com a moral protestante que preponderava na maior parte das colônias americanas do período, em que o puritanismo correspondia a fé majoritária, tal como já foi demonstrado amplamente no capítulo anterior. O

42 Tais trechos são trabalhados no terceiro capítulo dessa dissertação.

43 *It would be thought a hard Government that should tax its people One-tenth part of their TIME, to be employed in its service. But Idleness taxes many of us much more if we reckon all that is spent in absolute sloth, or doing of nothing; with that which is spent in idle employments or amusements that amount to nothing. Sloth, by bringing on diseases, absolutely shortens life*

44 *I immediately got into work at Palmer's, then a famous printing-house in Bartholomew Close, and here I continu'd near a year. I was pretty diligent, but spent with Ralph a good deal of my earnings in going to plays and other places of amusement. We had together consumed all my pistoles (...). This was an other of the great errata of my life, which I should wish to correct if I were to live it over again.*



desprezo à ociosidade e a ocupação do tempo com divertimentos na colônia da Pensilvânia, em que Franklin cresceu, tinha como corpo de leis a *Blue Law*, conjunto de regras a serem seguidas por todos os habitantes da região. Jable (1974) as classificou como uma proposta realizada por conselhos legislativos, organizados pelo governador *quaker* William Penn em 1680 e postas em vigor em 1682. Existiam artigos de lei direcionados diretamente ao controle de comportamentos relacionados aos divertimentos:

E que seja promulgado pela autoridade supracitada que qualquer um que introduzir ou frequentar, nessa província, tais esportes rudes e tumultuosos, bailes de máscaras, *bullbait*s e brigas de galo, serão devidamente responsabilizados como rompedores da paz e terão como pena, pelo menos, dez dias de prisão, realizando trabalhos forçados pesados, ou pagarão a multa de vinte xelins. (PENSILVÂNIA, 1682, p.4 – tradução livre)<sup>45</sup>.

Cabe destacar aqui que os divertimentos considerados “perturbadores” da ordem não eram apenas as práticas consideradas violentas, como também certas danças e atividades rudes para o padrão de comportamentos da época. Portanto, não era apenas uma tendência civilizatória no sentido de diminuir os impulsos de agressividade e ampliar o controle da violência, tal como explicitado por Elias e Dunning (1992). Existia uma referência aos esportes “rudes e tumultuosos”, bem como os bailes. Além das práticas citadas o documento prossegue em suas restrições:

(...) se qualquer pessoa for condenada por jogar cartas, dados, loterias ou outros jogos e esportes de natureza vã ou maligna, deverá pagar, por delito, a quantia de cinco xelins, ou sofrer prisão sob regime de trabalhos forçados pesados (PENSILVÂNIA, 1682, p. 5 – tradução livre)<sup>46</sup>.

Tendo em vista a moral materializada na *Blue Law*, o contexto filadelfense a que Franklin inseria-se era o de uma moral bastante rígida com jogos de azar, danças, práticas violentas, bailes e bebedeiras. Essa ordem discursiva indicava que o remédio prescrito era o de privação da liberdade sob trabalhos forçados, capazes de reeducar o corpo transgressor para a vida em sociedade. Em certo sentido, tais ações seriam uma versão americana do processo de civilização dos costumes que se efetuava desde a Europa no século XV, com a

45 *And be it further Enacted by the Authority aforesaid that whosoever shall introduce into this Province or frequent Such rude and Riotus Sports & practices as Prized or Stage Plays Masks Revells Bulbait Cock fightings with such Like being convicted thereof shall be reputed and fined as Breakers of the Peace and Suffer at Least tenn days Imprisonment in the house of Correction at hard Labour or forfeit twenty Shillings.*

46 *(...) if any Person be Convicted of Playing at Cards Dice Lotterys or Such Like Enticing Vaine and Evill Sports and Games Such persons shall for Every Such offence pay five shillings or suffer five Days imprisonment at hard Labour in the House of Correction.*

origem das sociedades de corte na França e com o parlamentarismo, que foi tão bem relatado por Norbert Elias.<sup>47</sup>

A ociosidade, tão rejeitada pela moral local, também se mostrava evidente no pensamento de Franklin. O mesmo considerava que o tempo era algo precioso e que não deveria ser perdido com práticas inúteis, apenas para diversão e/ou satisfação pessoal. Uma de suas cartas, escrita em 1732 sobre o pseudônimo de Celia Single, elencava uma série de indivíduos que apresentam comportamentos indesejáveis e condenáveis do ponto de vista moral:

Várias vezes vi em seu jornal reflexões sobre nós, mulheres, por conta de ociosidade e extravagância, mas não me lembro de ter visto nem uma vez tais versões sobre os homens. Se estivéssemos dispostas a ser censoras, poderíamos fornecer exemplos suficientes. Eu poderia mencionar o Sr. Billiard, que perde mais do que ganha na mesa verde, e estaria preso há muito tempo, se não fosse por sua diligente esposa. Mr. Hustlecap, que, a cada dia de mercado, pelo menos, e muitas vezes durante todo o dia, deixa o seu negócio pelo barulho da *half-coin*<sup>48</sup>, num certo beco; ou o Sr. Finikin, que tem sete ternos diferentes de roupas finas e usa uma peça todos os dias, enquanto sua esposa e filhos estão em casa seminus; O sr. Crownhim, sempre sonhando com o tabuleiro de damas, e que não se importa com a maneira que o mundo tem tratado sua família, de forma que ele prefere só se dedicar ao jogo; Sr. Totherpot, o taberneiro; Mr. Bookish, o leitor sempre duradouro; Sr. Tweedledum, e vários outros, que são muito diligentes em qualquer coisa além de seus próprios negócios (FRANKLIN, 1844, p.538)<sup>49</sup>.

Acerca dessa tradução, é preciso ressaltar que os nomes próprios utilizados por Franklin são sátiras, trocadilhos ou simples joguetes de palavras. Por exemplo, seu pseudônimo que escreveu a carta analisada era de Celia Single, cuja tradução em português

47 Análises acerca de tais processos de civilização dos costumes são efetuadas mais adiante na dissertação. Para mais informações acerca dos processos de civilização dos costumes nos contextos da França e Inglaterra, ver *O processo civilizador* (ELIAS, 1994a; 1994b) *A sociedade de corte* (ELIAS, 2001) e *A busca da Excitação* (ELIAS e DUNNING, 1992).

48 Aqui nova dificuldade de tradução: supõe-se que Franklin esteja referindo-se ao jogo *Shove Half Penny*, um divertimento aparentemente muito popular nos *pubs* ingleses entre os séculos XV e XIX (THE ONLINE GUIDE TO TRADITIONAL GAMES, 2019). Parece tratar-se de uma competição que envolvia precisão no lançamento de moedas em um tabuleiro de madeira, no qual as mesmas deveriam cair em determinados espaços que davam pontuações diferentes. Ao vencedor cabia recolher todas as moedas lançadas por si e por seus adversários. Pode-se supor que, ao menos na época que Benjamin Franklin escrevia, considerava-se um jogo de azar e devia ser, pelo tom da escrita, algo moralmente condenável.

49 *I have several times in your paper seen reflections upon us women for idleness and extravagance, but I do not remember to have once seen such animadversions upon the men. If we were disposed to be censorious, we could furnish you with instances enough. I might mention Mr. Billiard, who loses more than he earns at the green table, and would have been in jail long since, had it not been for his industrious wife. Mr. Hustlecap, who, every market-day at least, and often all day long, leaves his business for the rattling of half-pence, in a certain alley ; or Mr. Finikin, who has seven different suits of fine clothes, and wears a change every day, while his wife and children sit at home half naked ; Mr. Crownhim, always dreaming over the chequer-board, and who cares not how the world goes with his family, so he does but get the game ; Mr. Totherpot, the tavern-haunter ; Mr. Bookish, the ever lasting reader ; Mr. Tweedledum, and several others, who are mighty diligent at any thing besides their proper business.*



seria Celia Solteira. Tal procedimento era uma constante na escrita frankliana, visto que quando escrevia em jornais na Pensilvânia, frequentemente assinava com o pseudônimo Silence Dogood (Silêncio Fazbem) (ISAACSON, 2015). No trecho acima reproduzido, encontra-se vários nomes que originalmente tinham uma intenção de satirizar, tal como Sr. Billiard (Sr. Sinuca), o taverneiro Totherpot (do verbo *tottering*, cambalear; Vira-Copos) e Sr. Bookish (refere-se a alguém que adora ler livros, principalmente os complexos; Rato de Biblioteca). Frente a incapacidade linguística de traduzir mantendo a fluidez e intencionalidade humorística desse trecho, optou-se por preservar o original.

Contudo, o ponto principal da passagem reproduzida é a influência da moral protestante nos enunciados de Benjamin Franklin. Cabe lembrar, conforme apontado no capítulo anterior, que essa privação de práticas recreativas, que se traduz também em um ascetismo, configura-se como a primeira “virtude” protestante levantada por Overman (2011). A ascese parecia comungar também com a sétima “virtude” aqui trabalhada, a ética de controle do tempo. Benjamin Franklin, por mais de uma vez, citava o tempo como algo a se perder ou ganhar. No *Poor Richard's Almanack* (1732), um de seus primeiros ensinamentos era o de que tempo é dinheiro, ou seja, algo que poderia ser empreendido, investido, mas que se mal utilizado tornava-se o instrumento de condenação do indivíduo na sociedade.

Apesar de condenar alguns divertimentos abertamente, Franklin parecia não ter problemas com outros, tais como xadrez e o nadar. Isso se deve ao fato de ele não as enxergar como meras brincadeiras e sim atividades sérias. Esse processo de inserção de seriedade aos elementos lúdicos já foi algo explorado exaustivamente por autores como Huizinga (2000), Guttman (2004) e Overman (2011) e parece estar fortemente associado aos processos de maior racionalização de práticas de jogo e de divertimentos ocorridos nas sociedades secularizadas. Características como racionalização e controle permeavam, na perspectiva frankliana, atividades como o xadrez e a natação e poderiam ter potencial de explicação para o fato de não serem atividades consideradas inúteis em sua moral, como será observado nas fontes exploradas mais adiante. Acima de tudo isso, existia uma constante defesa de justificativas utilitárias para as atividades, os quais também foram alvo de análise da presente dissertação de mestrado.

Além dessas, também pode remeter-se à fala de Nauright (2014), que conta que Franklin trouxe da Inglaterra o primeiro manual de regras de críquete para as colônias americanas no século XVIII. Ora, um indivíduo que se empenhou a instituir um jogo como



esse, nas terras em que vivia, não poderia ser contrário ao mesmo. Entretanto, já observou-se que ele era contrário ao ócio e as atividades que o preenchem. Benjamin Franklin frequentemente se gabava de evitar frequentar bares e/ou se perder em jogos e divertimentos frívolos, como já comentado anteriormente. O que poderia haver de diferente no críquete se comparado às outras diversões comuns aos bares e tavernas da Filadélfia?

### 2.3 Em busca da utilidade – a justificação dos divertimentos

Ao tentar estabelecer condições para uma prática organizada de críquete, Benjamin Franklin acabou por enxergar um valor útil nessa atividade. O utilitarismo seria a condição *sine qua non* dentro do processo de justificação dos jogos na ordem discursiva do período em questão. Sua utilidade inicialmente justificava-se na recuperação do vigor físico despendido no trabalho laboral. Todavia, existiam uma ampla rede de interdições, pois não eram admitidos divertimentos que fossem de natureza violenta, de apostas, bailes e similares. Pontos que inclusive foram observados pelo próprio Max Weber (2004, p. 152):

(...) os puritanos defendiam sua peculiaridade mais decisiva: o princípio da conduta de vida ascética. Na verdade, aliás, a aversão do puritanismo ao esporte não era uma questão simplesmente de princípio, mesmo entre os *quakers*. Apenas devia servir a um fim racional: à necessária restauração da potência física. Já como simples meio de descontrair e descarregar impulsos indisciplinados, aí se tornava suspeito e, evidentemente, na medida em que fosse praticado por puro deleite ou despertasse fissura agonística, instintos brutais ou prazer irracional de apostar, é evidente que o esporte se tornava pura e simplesmente condenável. O gozo instintivo da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, o inimigo da ascese racional, quer se apresentasse na forma de esporte grã-fino ou, da parte do homem comum, como frequência a salões de bailes e tabernas.

Tendo por base a análise de Weber, nota-se que não bastava a uma atividade ser praticada por classes abastadas. Os “esportes grã-finos” jogados pelos ricos, não necessariamente era algo que moralmente seria aceito pelos protestantes norte-americanos. Os divertimentos precisavam estar, necessariamente, atrelados a uma ação motivada por fins racionais e utilitários, tal como a sociologia das ações sociais de Weber explorou.

Ao voltar novamente os olhares ao críquete, é um inconveniente que Nauright (2014) não tenha indicado em seu quadro referencial de onde retirou a informação de que Benjamin Franklin trouxe o manual de regras desse esporte. Fato que impede de se analisar do ponto de

vista histórico tal colocação<sup>50</sup>. Caso seja concreto tal evento, é importante destacar que a vinda de um manual de regras remetia diretamente à “virtude” da racionalização, em que a padronização das atividades ajudavam a tornar o críquete uma atividade organizada e consequentemente mais aceitável de se praticar por grupos protestantes. O críquete teria então seu potencial de restauração das forças físicas para o trabalho concretizado em uma atividade racionalizada, livre de apostas e isenta de brutalidade, tal como Weber explorou na colocação supracitada.

Além dessa perspectiva de análise do críquete, é útil empreender-se um olhar mais desenvolvido sobre a condenação de certos divertimentos e a valorização desse jogo no contexto europeu. Richard Holt (1996), ao pesquisar o contexto inglês, indica que comparado ao boliche ou outras atividades, o críquete transmitia um sentimento nacional de “britaniedade”. Tratava-se, segundo o autor, de um jogo de pertencimento cultural do povo inglês. Isso se devia ao fato de ser praticado por uma elite que alimentava a figura do *sportsmen*, o cavalheiro praticante de esporte. Além disso, a clara diferença entre a necessidade de força no boliche e a valorização da técnica no críquete o diferenciava como uma atividade mais nobre e, portanto, a que deveria ser almejada como tipo ideal de prática. É possível que todas essas características tenham permeado o imaginário de Franklin e foi o que lhe motivou a trazer tal prática para os Estados Unidos. Entretanto, sua aceitação pela sociedade americana acabou por se materializar numa drástica modificação.

Dulles (1965) destaca que, após a independência perante a metrópole inglesa, o críquete foi duramente criticado pelos novos patriotas americanos, que o consideravam um resquício de dominação cultural por parte dos ingleses sobre os americanos. Acerca disso o autor salienta que o beisebol se consolida no lugar do críquete, justamente por atender um anseio patriótico de substituição de divertimentos ingleses por jogos que fossem puramente americanos, sistematizando assim uma identidade nacional norte-americana. Superar o domínio colonial não seria suficiente apenas no campo das batalhas contra o exército inglês.

---

50 Em um esforço para de alguma forma atestar o conteúdo de tal informação, a pesquisa em meios eletrônicos apontou, no site de memória de beisebol da *Major League Baseball (Baseball Memory Lab)*, informação semelhante à de Nauright (2014): Benjamin Franklin, em 1754, teria trazido da Inglaterra uma cópia do livro de regras desse esporte, formalizando o jogo na América do Norte. O *site* indica que as fontes de tal informação provém de um livro de 1951, *A century of Philadelphia cricket*, de John A. Lester, um ex-jogador de críquete que atuou em clubes da região entre 1897 e 1908. Infelizmente nossa pesquisa não obteve acesso à obra para verificar seu conteúdo. O site da *MLB Memorial*, da mesma forma, também não pode comprovar a história envolvendo Franklin, mantendo-a aberta à discussão na historiografia esportiva (BASEBALL MEMORY LAB, 2019).

Havia um sentimento patriótico de substituir as atividades aristocráticas da Inglaterra por jogos burgueses, com características próprias que a distinguissem de suas práticas originais do além-mar.

Na análise supracitada de Max Weber, o puritanismo queria romper com as atividades consideradas “grã-finas”, ou seja, esportes que não fossem compatíveis com a cultura de classe protestante e que ainda estavam associados à aristocracia da metrópole. Nesse sentido, o críquete estaria fadado à ser readaptado pela cultura puritana, adquirindo um formato que atendesse às exigências de restauração das forças físicas próprias para o labor. Quando se observa a dinâmica diferente entre beisebol e críquete, isso se torna mais evidente, visto que o beisebol é uma atividade muito mais veloz e intensa que o críquete, tal como exposto por Howat (1994).

Foi devido a tais questões que Dulles (1965) classificou o formato do beisebol como uma derivação americana do críquete inglês. As alterações nos materiais utilizados, nas regras do jogo e até na figura dos praticantes estavam contextualizadas em uma tentativa de profundo distanciamento da metrópole. Era uma maneira clara de criar uma atividade totalmente americana e, portanto, mais patriótica. Prática física de pertencimento, forma de se criar uma noção de comunidade e nacionalidade através de um determinado jogo.

É possível que Franklin, em suas diversas visitas à Inglaterra, tenha assistido ao jogo do críquete como uma atividade que nascia dentro da sociedade inglesa. A valorização da técnica, do trabalho em equipe e do intenso permear de uma moral dentro do críquete (HOWAT, 1994) podem ter influenciado Franklin a observar esse jogo com um olhar diferenciado de outros divertimentos que o mesmo condenava como passatempos inúteis. O críquete, nesse sentido, poderia ser um elemento da cultura física com potencial de atribuir características que se encaixam bem com a moral protestante na América.

Howat (1994, p.4 – tradução livre) argumenta que a relação do protestantismo com o críquete era muito conturbada, pois o mesmo era visto como um jogo inglês sem utilidade e que por isso ainda não casava com a moral protestante: “Não seria através da ociosidade que se construiria uma sociedade industrial (...) O críquete compartilhava da condenação geral de atividades sem valor utilitário em uma sociedade que arava os sulcos do Novo Mundo”<sup>51</sup>.

---

51 *Not by idleness would an industrious society be created (...) Cricket shared in the general condemnation of activities which had noutilitarian value in a society ploughing the furrows of a New World*



Acerca dos argumentos acima expostos, entende-se que Benjamin Franklin, ao trazer o manual de críquete para a América do Norte, acabou por tentar introduzir um jogo racionalizado, regrado, ou seja, uma prática mais utilitária e civilizada. Seu uso como divertimento estaria justificado por ser uma atividade controlada. Entretanto, como observado, o críquete posteriormente acabou por se transformar em um jogo que também atendia aos novos anseios da classe puritana americana, surgindo dessa forma o beisebol. Todavia, não foi somente sobre esse jogo que Benjamin Franklin dedicou sua atenção. O xadrez também foi uma atividade que o intelectual americano explorou em alguns de seus escritos.

#### **2.4 A moral do xadrez posta em xeque – o paradoxo do bem e mal expostos em um divertimento**

Terminada a análise do críquete, passa-se então para a análise relativa ao xadrez. Os escritos de Benjamin Franklin acerca desse jogo são poucos, mas podem ter sido muito influentes nos Estados Unidos do século XIX<sup>52</sup>. Em relação ao xadrez, ao ler o texto “*On the Moral of Chess*,” observa-se que Franklin defendeu a tese que o referido jogo de forma alguma seria apenas um mero divertimento, elencando três grandes virtudes que deveriam ser cultivadas por aqueles que quisessem se dedicar ao xadrez. As capacidades elencadas pelo intelectual americano eram as seguintes:

1) A primeira potencialidade seria a da previsão. Capacidade na qual as consequências dos atos eram levadas em conta na questão da futuridade. Questão que se evidencia na citação a seguir: “Se eu mover essa peça, quais serão as vantagens e desvantagens em minha nova situação?” (FRANKLIN, 1786, p. 19 – tradução livre)<sup>53</sup>;

---

52 É complexo mensurar a importância de curtos textos de um escritor famoso para a história do xadrez e a difusão desse jogo no além-mar. Entretanto, o *World Chess Hall of Fame* concedeu um local de honra à Franklin por suas contribuições na difusão da modalidade em 1999, não só nos EUA, mas também pelo *Moral of Chess* ter sido o primeiro livro de xadrez publicado na Rússia, em 1791. (WORLD CHESS HALL OF FAME, 2018). Ademais, o presidente da *United States Chess Federation*, em 2001-2003, John McCray, dedicou um artigo em que apresenta todas as contribuições de Franklin para a implementação desse esporte na América. Segundo dados da Federação, o nome de Franklin foi o primeiro a ser rastreado como jogador de xadrez nos EUA, em uma passagem de sua biografia, datada de 1733 (MCCRAY, 2007; FRANKLIN, 1791).

53 *If I move this piece, what will be the advantages or disadvantages of my new situation?*

2) A segunda capacidade era a da circunspecção, pois através do olhar ao tabuleiro e às jogadas do adversário, Franklin aprendia a melhor observar e considerar as perspectivas e circunstâncias das coisas (FRANKLIN, 1786);

3) A terceira aptidão a ser desenvolvida seria a da cautela, visto que ao considerar as regras do xadrez, em que ao se tocar uma peça é obrigado que esta seja movimentada e, quando um deslocamento foi feito, não se deve querer trocá-lo por outro que lhe agrade mais. Sendo assim, Franklin defendia que esse jogo ensinava a virtude de agir com cuidado e paciência (FRANKLIN, 1786).

Ao identificar as três grandes virtudes ensinadas pelo xadrez, Benjamin Franklin instilava uma utilidade prática ao xadrez, em consonância com sua filosofia utilitarista. O jogo aqui retratado auxiliava Franklin em suas metas a serem atingidas, isto é, o de um indivíduo mais cauteloso, observador e visionário, atributos que o mesmo considerava bons e que também eram valorizados pela ordem discursiva na qual o intelectual americano estava inserido. Pode-se refletir também que o acréscimo de virtudes morais a um jogo é fruto de um processo racionalizante de justificação para uma atividade que Franklin gostava de fazer. Para não ser moralmente condenado por seus semelhantes, o pensador norte-americano apontava virtudes no jogo do xadrez para que o mesmo se tornasse uma atividade útil, que lhe renderia bons frutos, sendo assim algo digno de ocupar em seu tempo livre. Evidencia-se assim as “virtudes” que Overman (2011) levanta sobre o estabelecimento de metas e do racionalismo e sua relação com o protestantismo americano.

Além dessas três virtudes principais que o xadrez proporcionava, o pensamento frankliano atribui a esse jogo a capacidade de não se desencorajar perante situações aparentemente ruins, a possibilidade de sempre procurar recursos e ter sempre a esperança de mudanças favoráveis (FRANKLIN, 1786). Aqui se tem uma nova inserção de categorias virtuosas a um jogo, em sintonia com as “virtudes” de racionalismo e estabelecimento de metas levantados e comentados por Overman (2011).

Ademais, Franklin advogava que o respeito às diversas condutas no andamento das partidas tornavam o praticante de xadrez um indivíduo melhor. Ao ver no intelectual norte-americano o ato de atribuir a um passatempo, como o xadrez, a possibilidade de despertar na condição humana valores essenciais à formação de caráter, questiona-se se Franklin foi um

dos pioneiros dos futuros movimentos de cristianismo muscular do século XIX, que enxergavam nos esportes o potencial pedagógico e de florescimento das características desejadas por um cristão<sup>54</sup>. Para além disso, salienta-se que o ato de respeitar condutas era uma forma de autocontrole, no sentido adotado por Elias (1992; 1994a; 1994b; 2001), e quem não seguisse as regras do jogo seria considerado um indivíduo incivilizado e descontrolado.

Ademais, cabe frisar que o xadrez é um jogo intelectual. O historiador francês Georges Vigarello (2008a, p.353), quando trata dos jogos que eram costumeiramente alvos da crítica moral, percebe a distinção de três tipos:

O primeiro é aquele no qual a principal parte cabe ao espírito ou à habilidade, como são os jogos de xadrez, de damas, a péla. O segundo consiste unicamente no azar, como o jogo de dados, de cartas (...) O terceiro, que é um misto, depende em parte da perícia e em parte do azar, como o pique, o triunfo (jogo de cartas), o jogo de gamão.

No sentido exposto pelo historiador francês é evidente que o xadrez, por ser um jogo de “espírito”, de habilidade intelectual, teria uma facilidade de aceitação pelo julgamento moral da sociedade. Porém, não poderia ser um xadrez que envolvesse prazer infrutífero e apostas, que fosse descontrolado ou tivesse qualquer outra atribuição que pudesse destruir sua capacidade de produzir as almejadas virtudes. Ademais, ressalta-se que Benjamin Franklin não enxergava com bons olhos um outro jogo de tabuleiro de natureza intelectual, o jogo de damas, tal como já demonstrado em fonte citada anteriormente (FRANKLIN, 1844). Sendo assim, destaca-se que a atribuição de valores positivos por parte do intelectual americano não foi ampliada para outros divertimentos similares ao xadrez. Pelo menos até onde a materialidade das fontes elencadas aqui apontaram.

A segunda parte do texto “*On the moral of Chess*” apresenta as condutas e as virtudes civilizadas que deveriam ser seguidas pelos praticantes:

(...) se seu adversário demora para jogar, você não deve apressá-lo, ou expressar qualquer desconforto em seu atraso. Você não deve cantar, assoviar, olhar para seu relógio, pegar um livro para ler, bater os pés no chão ou os dedos na mesa, ou qualquer outra coisa que atrapalhe sua atenção. Pois todas essas coisas desagradam;

54 Segundo Watson *et al.* (2005), o cristianismo muscular, formulado no século XIX, defendia essencialmente a ideia de que a participação em atividades esportivas orientadas poderia contribuir no molde do caráter e na aprendizagem de valores, muitas vezes enaltecendo características de vigor masculino, desejáveis à mocidade do referido período.



elas não mostram sua habilidade de jogar, mas sim sua artilosidade e grosseria (FRANKLIN, 1786, p. 22 – tradução livre)<sup>55</sup>.

O autocontrole do corpo durante o jogar xadrez é evidente em tal passagem. Através das contribuições de Elias (2001), que analisou os manuais de civilidade da Europa pré-moderna e observou que a educação dos costumes e comportamentos desejáveis pressupunham justamente a existência de uma sociedade grosseira e incivilizada e que carecia de tais ensinamentos, a tendência é imaginar o mesmo para o caso de Benjamim Franklin. Se o intelectual americano prescrevia que não se deveria cantar, assoviar, bater os pés no chão ou realizar qualquer outro comportamento indesejado, é de supor que isso ocorria quando indivíduos se punham a jogar xadrez. Atitudes desagradáveis, comportamentos indesejáveis de corpos ainda não educados, que denotavam a falta de civilidade e que deveriam ser evitados e interditos a qualquer custo. Era preciso pedagogizar o ato de jogar xadrez, tornando-o repleto de costumes mais regrados e controlados, que respeitassem o adversário e que conseguissem manter o corpo comportado por mais que as horas demandassem ao organismo a vontade de se movimentar. Dessa forma, através de um divertimento como xadrez, seria possível educar o corpo, controlando-o, conforme evidenciou Vigarello (2008a), ao explorar a ordem discursiva existente presente no século XVIII na Europa.

Em sentido oposto ao aqui até então retratado, próximo do fim de sua vida, no ano de 1780, Franklin publicou um texto de caráter humorístico denominado “*Dialogue between Franklin and the gout*”. Nessa obra encontra-se o pensador sendo protagonista da peça, acometido por um agravamento da doença de gota (provocada por excessos na alimentação e falta de exercícios físicos), em que conversava com a personificação da enfermidade, tentando entender porquê seu organismo chegou a tal estado. A doença da gota acaba por evidenciar que Franklin, durante sua vida sedentária, prezou por divertimentos e recreações que não eram fisicamente ativos.

O que você faz depois do jantar? Caminhar pelos lindos jardins na companhia dos amigos que jantaram ao seu lado seria a decisão mais sensata; mas você preferia jogar xadrez, empregando duas ou três horas! Essa foi sua recreação perpétua, a mais desaconselhável para qualquer homem sedentário, pois ao contrário de acelerar

---

55 (...) *If your adversary is long in playing, you ought not to hurry him, or express any uneasiness at his delay. You should not sing, nor whistle, nor look at your watch, not take up a book to read, nor make a tapping with your feet on the floor, or with your fingers on the table, nor do anything that may disturb his attention. For all these things displease; and they do not show your skill in playing, but your craftiness or your rudeness.*

o movimento dos fluidos, a atenção rígida requerida acabou por retardar a circulação e obstruir as secreções internas (FRANKLIN, 1780, s.p. - tradução livre)<sup>56</sup>.

Na sequência de sua análise o intelectual norte-americano retratou numa dramatização como seu comportamento desleixado acabou por afetar sua saúde: “Franklin: - O que eu fiz para merecer esses sofrimentos cruéis? Gota: - Muitas coisas; você comeu e bebeu muito livremente, e satisfez demais essas pernas em sua indolência” (FRANKLIN, 1780, s.p. - tradução livre)<sup>57</sup>.

O costume de comer e beber demais já era, no século XVIII, um comportamento visto como incivilizado, descontrolado, tal como indicam Vigarello (2008a), Overman (2011) e Quellier (2011). Tal mentalidade também se manifestou no pensamento do cientista americano, conforme pode ser visualizado na continuidade da dramatização: “Franklin: - (...) você não apenas atormenta meu corpo até a morte, mas arruína meu bom nome; você me faz ser reprovado por todos como um glutão e bêbado (FRANKLIN, 1780, s.p. - tradução livre)<sup>58</sup>.

Os apontamentos de Vigarello (2008a) acerca da estagnação dos humores e dos fluidos corporais serem a causa de doenças foi fielmente retratada por Franklin na seguinte passagem:

O que se pode esperar de tal curso de vida, senão um corpo repleto de humores estagnados, pronto para cair em todo tipo de enfermidades perigosas a não ser que eu, a Gota, ocasionalmente não lhe trouxesse alívio agitando esses humores, e assim purificando ou dissipando-os? Se fosse em algum canto ou beco em Paris, privado de caminhadas, que você jogasse algum tempo no xadrez depois do jantar, isso poderia ser desculpável; mas o mesmo gosto prevalece com você em Passy, Auteuil, Montmartre ou Sanoy, lugares onde há os melhores jardins para caminhadas, um ar puro, mulheres bonitas e a conversa mais agradável e instrutiva; tudo o que você pode gostar de frequentar em caminhadas. Mas estes são rejeitados por este jogo abominável de xadrez. (FRANKLIN, 1780, s.p. - tradução livre)<sup>59</sup>.

56 *What is your practice after dinner? Walking in the beautiful gardens of those friends, with whom you have dined, would be the choice of men of sense; but these are rejected for this abominable game of chess, where you are found engaged for two or three hours! This is your perpetual recreation, which is the least eligible of any for a sedentary man, because, instead of accelerating the motion of the fluids, the rigid attention it requires helps to retard the circulation and obstruct internal secretions*

57 *Franklin: - What have I done to merit these cruel sufferings? GOUT: - Many things; you have ate and drank too freely, and too much indulged those legs of yours in their indolence.*

58 *Franklin: -(...) you would not only torment my body to death, but ruin my good name; you reproach me as a glutton and a tippler.*

59 *What can be expected from such a course of living, but a body replete with stagnant humors, ready to fall prey to all kinds of dangerous maladies, if I, the Gout, did not occasionally bring you relief by agitating those humors, and so purifying or dissipating them? If it was in some nook or alley in Paris, deprived of walks, that you played awhile at chess after dinner, this might be excusable; but the same taste prevails with you in Passy, Auteuil, Montmartre, or Sanoy, places where there are the finest gardens and walks, a pure air, beautiful women, and most agreeable and instructive conversation; all which you might enjoy by frequenting the walks. But these are rejected for this abominable game of chess. Fie, then, Mr. Franklin!*

Observa-se no trecho acima destacado a presença da natureza como local para as caminhadas agradáveis, próprio para movimentar os “humores” que encontram-se estagnados no organismo. Aqui encontra-se uma materialização direta das análises de Vigarello (2008a). Fato que evidencia que o intelectual norte-americano estava em sintonia com a ordem discursiva da segunda metade do século XVIII. Ao fim da peça, Benjamin Franklin prometia “(...) nunca mais jogar xadrez, exercitar-se diariamente e viver com temperança” (FRANKLIN, 1780, s.p. - tradução livre<sup>60</sup>). Neste momento parece que o pensador americano não enxergava mais virtuosidades no xadrez, porém é evidente que escreveu isso devido às circunstâncias do sofrimento de sua doença, não apagando a importância dos seus escritos pioneiros acerca dos valores do xadrez anos antes.

Entretanto, uma importante e interessante análise pode ser efetuada acerca dessa peça. O xadrez, por ser um jogo intelectual e, portanto, de caráter não-físico, foi mostrado como uma atividade sedentária. Como aponta Vigarello (2008a), noções de exercício físico e suas relações com a saúde já estavam se constituindo desde o século XVI na Europa e, como foi visto na presente dissertação de mestrado, acabaram também permeando o regime discursivo no qual Benjamin Franklin se inseria. A saúde perdida seria fruto de um desequilíbrio e o único culpado era o próprio indivíduo que permitiu que sua dimensão corporal atingisse tamanho estado de degradação. Eliminava-se gradualmente as causas sobrenaturais de doenças e racionalizava suas origens e consequências. Nesse ponto encontra-se um elemento de aproximação ao que George Vigarello demonstrou ao pesquisar a ordem discursiva europeia do período:

A saúde é um estado de equilíbrio, sempre ameaçado, instável, entre o corpo humano, o universo, a sociedade. As influências devem ser mensuradas para contrabalançá-las melhor ou, simplesmente ajudá-las. Nesse sentido, a prevenção é a arte de viver de acordo com a natureza (VIGARELLO, 2008a, p. 448)

Franklin, como um pensador inserido nessa lógica discursiva, também defendia a prevenção como melhor remédio para se evitar doenças como a gota. O mesmo se mostrava como o único culpado por sua condição na velhice, fruto de um estilo de vida que permeou toda sua vivência. Tratam-se de noções orgânicas da saúde, mais racionalizadas, que já permitem as associações entre os hábitos do corpo e seus efeitos no organismo. Ainda assim, Benjamin Franklin não sugeria que atividades intensas deveriam ser utilizadas para combater

---

60 *I promise faithfully never more to play at chess, but to take exercise daily, and live temperately*



sua doença de gota. Bastariam as caminhadas com os amigos após as refeições. Ora, acerca disso, é evidente que o espaço para um exercício ainda não exigia ambientes específicos de treinamento e/ou uma formalidade. Seriam suficientes as caminhadas com os amigos, ou seja, provavelmente uma intensidade leve, a qual permitisse realizar uma conversa durante o esforço. Os apontamentos de Franklin parecem novamente inserir-se na lógica discursiva destacada por Vigarello (2008a, p. 374):

O exercício higiênico deve ser simples, cotidiano; uma caminhada, algum trajeto. Daí sua aplicação sempre possível, sua versão comumente acessível. O exercício ainda não necessita de tempo nem de espaços especiais (...) O objetivo de um exercício saudável limita-se à agitação de humores, seu universo limita-se ao espaço cotidiano.

As principais considerações a serem efetuadas acerca dos textos de xadrez de Franklin realçam o conceito de “aversão confusa” apontado por Vigarello (2008a), ou os paradoxos de aceitação/rejeição de jogos e divertimentos tal como exposto por Overman (2011). O xadrez seria útil, pois desenvolvia virtudes e habilidades, como também era ruim, visto que se tratava de uma prática sedentária, tomando o tempo de atividades que fariam bem para o organismo doente que carecia de exercício físico. Ao mesmo tempo que se louvava um jogo, se condenava a referida atividade.

## **2.5 – O corpo que aprende pelo movimento – preocupações pedagógicas em Benjamin Franklin**

Encontra-se nos textos de Benjamin Franklin uma clara proposta de educação do corpo. Pedagogia essa que ajudaria o indivíduo a se autocontrolar. Tal controle ia muito além do simples respeito às regras e bons comportamentos dentro do jogo de xadrez. Tal premissa inclusive era algo recorrente nos ditados formulados pelo pensador: “César não mereceu o carro triunfal mais do que aquele que conquistou a si mesmo” (FRANKLIN, 1732, p. 20 – tradução livre)<sup>61</sup>; “(...) deixa teus vícios morrerem em ti” (FRANKLIN, 1732, p. 21 – tradução livre)<sup>62</sup>. O domínio dos instintos mais animais no indivíduo, a negação dos prazeres da carne, o autocontrole perante os impulsos mais primitivos, toda uma noção de civilidade dos costumes estava se construindo no período em que Franklin viveu e acabaram se materializando com contundência em suas obras.

61 *Caesar did not merit the triumphal Car, more than he that conquers himself.*

62 *Let thy vices die before thee.*

O intelectual americano lembrava a todo momento que o indivíduo capaz de controlar a si controlaria os outros: “Observe todos os homens; a si mesmo, muito mais” (FRANKLIN, 1732, p. 27 – tradução livre)<sup>63</sup>. Esse autocontrole seria ampliado e reforçado pela vida social. Overman (2011) salienta que os olhares de vigilância entre as comunidades protestantes estariam associados à criação da Nova Jerusalém na própria Terra. O autor salienta que, sem efetuadas mudanças, tanto individuais quanto coletivas, a sociedade não se salvaria e poderia levar para a danação conjuntamente o indivíduo que nela se inseria. Nesse sentido, para Franklin, olhar para si e para os outros tratava-se de um processo conjunto, que visava a salvação tanto individual quanto da comunidade. Era necessário que o indivíduo possuísse autocontrole, mas que frequentemente fosse lembrado de seguir tais condutas por conta dos olhares vigilantes da moral dominante onde vivia.

Evidentemente, isso exigia uma educação do corpo. O que seria mais simples de aprender quando ainda fosse jovem. É por isso que, para as crianças, Franklin defendia que: “Deixe a primeira lição de seu filho ser a obediência, e a segunda poderá ser o que você quiser” (FRANKLIN, 1732, p.24 – tradução livre)<sup>64</sup>. A mentalidade do período advogava que a criança era um ser imperfeito e incompleto. Fatores que as aproximavam do mundo animal e explicava sua primazia pelos apetites naturais. Sendo assim, Franklin acreditava que o controle do corpo infantil facilitaria o processo educacional, que seria muito mais árduo se executado na idade adulta. Tais noções já permeavam obras como a de John Locke<sup>65</sup>, autor a que Benjamin Franklin estava muito familiarizado (ISAACSON, 2015), bem como o pensamento de Jean-Jacques Rousseau.

Ainda que as fontes elencadas não apontem de forma mais contundente se o intelectual norte-americano era um leitor de Rousseau, suas constantes defesas aos povos indígenas americanos da opressão por parte da metrópole colonial, podem ser indicativo de assimilação dos conceitos de “bom selvagem” que perpassam toda a obra de Rousseau<sup>66</sup>. Outros

63 *Observe all men; thy self most.*

64 *Let thy Child's first Lesson be Obedience, and the second may be what thou wilt.*

65 John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês, tido como o pai do liberalismo. Defendia um Estado de poderes limitados e regido por uma constituição, respeitando os direitos naturais e negando as teorias de direito divino. Suas obras influenciaram a independências das colônias inglesas na América, bem como parte da Revolução Francesa (SCRUTON, 2007).

66 Jean Jacques-Rousseau (1712-1778), nascido na Suíça, foi um importante escritor e filósofo do período na França, conhecido por obras como “Do contrato Social” e “Emílio”. Seu nome costuma ser associado às correntes do Iluminismo e Romantismo. Para ele, o corrompimento do indivíduo residia nas instituições que o próprio ser humano fabrica, e sua libertação se daria por uma educação através da natureza, já que essa última estaria livre da ação humana (SCRUTON, 2007).

indicativos de sua aproximação à obra roussoniana eram as constantes menções a natureza e a utilização das diversas práticas corporais nesse contexto. Como aponta Isaacson (2015), Franklin era amigo próximo de David Hume<sup>67</sup>, e esse por sua vez era muito ligado à Rousseau (inclusive tendo recebido-o em sua residência). Ainda assim, trata-se aqui de mera especulação se o pensador americano fora ou não influenciado por um filósofo tão conhecido na França do século XVIII. Entretanto, nesse sentido, destaca-se uma certa proximidade entre Franklin, Locke e Rousseau em defenderem a educação dos corpos das crianças, algo bastante presente na ordem discursiva do período.

Ainda no aspecto de educação dos corpos, um dos dados mais preciosos recolhidos nessa dissertação de mestrado advém de um panfleto escrito por Benjamin Franklin em 1749. “*Proposals relating to the Education of Youth in Pensilvania*” trata-se de um curto texto dedicado aos governantes do estado americano. Para o pensador americano, a Pensilvânia tinha sido colonizada por indivíduos que tinham recebido boa educação na Europa, entretanto, as limitações de tempo provocadas pelas tarefas de erigir uma estrutura colonial não lhe permitiram a adequação correta da educação local. Para sanar isso, Franklin prescrevia alguns elementos:

Para que possamos obter as vantagens advindas de um aumento de conhecimento, e evitar, tanto quanto seja possível, as consequências perniciosas que provocariam uma ignorância geral entre nós, as seguintes sugestões são oferecidas para a formação de um plano para a educação dos jovens de Pensilvânia (FRANKLIN, 1749, p. 1 – tradução livre<sup>68</sup>).

A falta de conhecimento, segundo indica seus apontamentos, geraria problemas que afligiam uma sociedade sem a presença de uma educação mais formalizada. Nesse sentido, tal questão passou a ser objeto de ponderação para Benjamin Franklin. A única saída seria a de criar um espaço para acomodar esses corpos jovens e ainda ignorantes num determinado espaço físico. Local esse que deveria ser regrado, hierarquizado e institucionalizado:

Que algumas pessoas de lazer e espírito público solicitem uma carta pela qual possam ser incorporadas com poder de erguer uma Academia para a educação da

67 David Hume (1711-1776), foi um filósofo escocês, marcadamente conhecido por seu profundo ceticismo e sua defesa do empirismo, em forte contraposição ao racionalismo cartesiano. Ainda assim, devido à sua natureza cética, é complexo associar Hume a uma escola de pensamento determinada, tanto que fora frequentemente utilizado como referência para sustentações argumentativas tanto por conservadores quanto por liberais (SCRUTON, 2007).

68 *That we may obtain the advantages arising from an increase of knowledge, and prevent, as much as may be, the mischievous consequences that would attend a general ignorance among us, the following hints are offered towards forming a plan for the education of the youth of Pennsylvania*



juventude, governar a mesma, providenciar mestres, fazer regras, receber doações, comprar terras, e se integrarem na mesma (FRANKLIN, 1749, p. 1 – tradução livre)<sup>69</sup>.

Essa instituição para educação da juventude da Pensilvânia evidencia o pensamento moderno na obra frankliana. A presença da modernidade era tanta que Benjamin Franklin indicava que essa Academia deveria ser próxima à natureza, entretanto, observa-se que deveria ser construída em um ambiente controlado, salubre e não-selvagem:

Que uma casa seja fornecida para a Academia, se não na cidade, a poucos quilômetros dela; que situe-se em local alto e seco, e, se assim o estiver, que não seja longe de um rio, tenha um jardim, pomar, prado e um campo ou dois. (FRANKLIN, 1749, p. 3 – tradução livre)<sup>70</sup>.

Nas páginas subsequentes desse escrito Franklin passou a discernir quais deveriam ser conhecimentos e conteúdos a serem explorados na Academia. Aqui não espanta novamente a presença de elementos evidentes da modernidade, visto que existiam a recomendação da utilização de elementos que constituiriam posteriormente o discurso da cultura física:

Que, para mantê-los saudáveis e para fortalecer e tornar ativos seus corpos, eles sejam frequentemente exercitados em corridas, saltos, lutas<sup>71</sup> e natação. Que eles tenham hábitos peculiares para distingui-los de outros jovens, caso a Academia esteja dentro ou perto da cidade; por isso, entre outras razões, que seu comportamento possa ser o melhor observado (FRANKLIN, 1749, p. 3 – tradução livre)<sup>72</sup>.

A primeira análise que poderia se empreender acerca dessa passagem é justamente acerca dessas práticas: saltar, nadar, lutar e correr, mas não de maneira livre. Os mesmos deveriam objetivar fortalecimento, proporcionar saúde, tornar ativos os corpos que realizariam tais atos. No confronto com a moral protestante da Pensilvânia, não seriam toleradas as atividades desvinculadas de uma utilidade prática, meros divertimentos descontrolados. Franklin, condescendente com isso, propunha atividades úteis para um fim

69 *That some persons of leisure, and public spirit apply for a charter, by which they may be incorporated, with power to erect an Academy for the education of youth, to govern the same, provide masters, make rules, receive donations, purchase lands, and to add to their number.*

70 *That a house be provided for the Academy, if not in the town, not many miles from it; the situation high and dry, and, if it may be, not far from a river, having a garden, orchard, meadow, and a field or two.*

71 O termo *wrestling* aqui é referido como luta, por não sabermos qual forma de combate Franklin estava recomendando especificamente. *Wrestling* pode ser também associado à luta livre.

72 *That, to keep them in health, and to strengthen and render active their bodies, they be frequently exercised in running, leaping, wrestling, and swimming. That they have peculiar habits to distinguish them from other youth, if the Academy be in or near the town; for this, among other reasons, that their behaviour may be the better observed*

racional. Vigarello (2008a, p. 352), ao analisar o contexto europeu, evidencia também alguns destes elementos de controle:

O estatuto particular desses jogos físicos, sua liberdade, seu esmiuçamento, provocam inevitavelmente um interminável confronto com a autoridade: oposição do excesso e do constrangimento, da efervescência e do poder (...) A desconfiança recai sobre a turbulência, talvez até sobre a suposta imoralidade de uma atividade julgada livre demais. Daí a tendência de regulamentá-la, mas também de inflecti-la e, algumas vezes, de suprimi-la. Portanto, a história desses jogos é a história de circunscrevê-los e de balizá-los. Ela é, em sentido mais amplo, a história de um insensível controle exercido sobre os corpos: uma vigilância supostamente capaz de conter melhor, no fim das contas, violências e paixões. Ela também é, por assim dizer, o desenvolvimento de práticas não partilhadas entre os sexos ou os grupos sociais, um modo bem concreto de confirmar pelo corpo distâncias ou distinções.

Evidencia-se portanto que Benjamin Franklin acabava por querer desenvolver uma juventude forte e ativa que realizasse atividades que as distinguissem das que não compusessem o quadro de alunos da Academia. “Que eles tenham hábitos peculiares para distingui-los de outros jovens (...) que seus comportamentos possam ser os melhores observados” (FRANKLIN, 1749, p. 3 – tradução livre<sup>73</sup>). Indício forte que, para o intelectual americano, correr, pular, lutar e nadar eram práticas que possuíam potencial de inculcação de comportamentos bem-vindos à formação da sociedade, mais civilizada e em caminho de progresso e por isso deveria fazer parte do processo de educação do corpo da juventude norte-americana.

A saúde seria elemento de análise indispensável. Os elementos da cultura física que Franklin propunha para compor o conteúdo programático da Academia tinha função sanitária e em certo sentido higienista. Novamente Franklin se mostra sintonizado com a ordem discursiva presente na Europa do século XVIII. Vigarello (2008a, p. 367), ao pesquisar o contexto francês, expõe uma importante questão que pode ser relacionada com os pontos levantados pelo pensamento frankliano:

(...) é impossível ignorar a vertente voluntariamente sanitária do exercício, esta prática da qual o autor espera um efeito sobre o corpo: saúde consolidada, órgãos reforçados. Não que todo jogador seja sensível a esta expectativa: o resultado está muito distante para ser um atrativo do jogo. Ele é suficientemente reconhecido, porém, para fundar desde sempre uma certeza, a de um ganho em vigor e em saúde obtido pelo movimento repetido.

---

73 *That they have peculiar habits to distinguish them from otheryouth, (...) for this, among other reasons, that their behaviour may be the better observed.*

Além do aspecto da saúde, vale lembrar que o período medieval via o “jogar com o corpo” como sinônimo de diversão, impulso da carne, prazer e lembrança do pecado (VIGARELLO, 2008a). Overman (2011) indica que a visão protestante não tolerava tais hábitos e costumes. Os divertimentos deveriam ser práticas orientadas para preparar o corpo para um objetivo sólido, produzindo sólidas recompensas morais. Ainda assim, salienta-se que repudiar certos jogos e valorizar outros, muitas vezes sem demarcar bem o que distinguirá os benefícios de um dos malefícios do outro, seria o que Vigarello (2008a) chama de “aversão confusa”. Como observado anteriormente, ocorriam mais interdições do que prescrições ao uso do corpo para diversão na cultura protestante. Franklin parece surgir buscando sanar tal “confusão”, estabelecendo objetivos, utilidades, fins que justifiquem o prazer caso exista, já que o indivíduo estaria inserido em uma atividade controlada, regrada e civilizada.

Poder-se-ia também pensar que tais práticas presentes na Academia tivessem a função de distração ou “descarrego” do corpo perante a rotina de estudos, porém seria tremendo engano limitá-los a isso. Franklin deixava claro que todos os conteúdos (o que pressupõe incluir o nadar, correr, saltar e lutar), seriam úteis e indispensáveis para um processo maior de educação corporal:

Quanto aos seus estudos, seria bom se pudessem ser ensinados coisas que lhes sejam úteis (...) Mas a arte é longa e seu tempo é curto. Propõe-se, portanto, que aprendam as coisas que provavelmente serão as mais úteis às profissões as quais se destinam (FRANKLIN, 1749, p. 5 – tradução livre)<sup>74</sup>.

Vale lembrar que tal indicação de Benjamin Franklin para as práticas na Academia ressaltavam a questão da força. Para Vigarello (2008a), a força no século XVIII era vista como um fator unificador. Tratava-se de um recurso orgânico específico escondido nos músculos e nervos. A juventude que adentrasse ao processo pedagógico da Academia frankliana estaria sujeita ao trabalho de desenvolver tal característica corporal levantada por George Vigarello. Mais do que explicitar resultados materializados no corpo, propunha-se:

(...) desenvolver um vigor considerado melhorável e oculto. Referência tanto mais marcante por associar-se à do progresso, a garantia de uma perfectibilidade indefinida, também esta de uma ação possível e nova, tanto sobre os organismos como sobre as coletividades” (VIGARELLO, 2008a, p. 378).

---

74 *As to their studies, it would be well if they could be taught everything that is useful (...) But art is long, and their time is short. It is therefore proposed, that they learn those things that are likely to be most useful (...) regard being had to the several professions for which they are in tended.*



Aperfeiçoar a juventude da Pensilvânia, através da educação do corpo, era considerado uma preparação para o melhoramento de toda a comunidade, visto que os indivíduos juvenis cresceriam da forma que Franklin considerava a mais útil, prática e virtuosa. Tendo em vista as contribuições do pensador no críquete, xadrez, bem como diferentes exercícios físicos envolvidos em uma finalidade pedagógica, fica saliente sua tentativa de controlar tais atividades e o corpo que as pratica. Fato que evidencia que o intelectual estava inserido na lógica discursiva que permeava a mentalidade da época. Franklin se apresentou nessa pesquisa como um indivíduo que nos permite compreender de fato como se materializavam as relações sociais que envolviam o corpo, jogos e divertimentos em uma cultura protestante de contexto americano. O pensador norte-americano, com sua originalidade e pioneirismo, era um indivíduo que não estava distante do contexto em que escrevia, muito pelo contrário. Era justamente pelo fato de estar inserido naquela comunidade tão religiosa e adversa às práticas físicas e divertimentos que Franklin notou a possibilidade de justificar de maneira utilitarista as atividades que lhe agradavam e que considerava importantes para o desenvolvimento do país que almejava construir.

Em um sentido não diferente do que foi aqui exposto, o próximo capítulo explicita melhor como se processava para Franklin os comportamentos do corpo no campo da saúde. Indica-se como um indivíduo virtuoso deveria se alimentar, beber, dormir, etc. Nesse sentido, não menos importante foi o acréscimo do ato de nadar como atividade que traria contribuições para a saúde. Tais características possibilitam o potencial de compreender uma outra faceta da ordem discursiva na qual Franklin estava inserido.

## CAPÍTULO TRÊS – NOÇÕES DE EXERCÍCIO FÍSICO, DIETA E SAÚDE NA PERSPECTIVA FRANKLIANA – O COMBATE AOS EXCESSOS E A DEFESA DA AUSTERIDADE

### 3.1 Nada de errado em nadar – o valor da natação para Franklin

Franklin, mesmo vivendo em uma comunidade que não enxergava com bons olhos os que perdiam tempo divertindo-se na água, pareceu não se importar com isso. Ao menos não o bastante para se limitar a não nadar. Entretanto, era necessário justificar tal atividade, tornando-a virtuosa e respeitável entre as ocupações do intelectual. No texto “*The art of Swimming rendered easy; with directions to learners*”, Franklin classificava o nadar como “(...) um dos divertimentos mais saudáveis e prazerosos” (FRANKLIN, 1790, p.3 – tradução livre<sup>75</sup>). Cabe destacar que o nadar nesse período, assim como outros elementos da cultura física, estava associado a uma ausência de dispositivos institucionais e organização seletiva, conforme apontam os estudos realizados na França por Thierry Terret (1994) e Georges Vigarello (1996; 2008a).

Torna-se importante salientar, primeiramente, conforme apontam Terret (1994) e Vigarello (1996), que o ato de se banhar somente muda de *status* no século XVIII. A mentalidade do período, mesmo com uma maior aceitação à prática do banho, acreditava que a água penetrava no corpo através dos poros. Fato que possibilitava uma atuação da mesma sobre o corpo, agindo sobre os órgãos e suas funções. Vigarello (1996) salienta ainda que os temores em relação às pestes e doenças diversas desapareceram em meados dos setecentos, entretanto, o historiador francês indica que o ato ainda sofria uma série de interdições e um grande número de prudências. Por estas questões o banho se manteve até o século XIX na França como uma prática das classes mais abastadas.

Contudo, Vigarello (1996) indica que um amplo trabalho de sensibilidade foi realizado a partir do século XVIII. Uma das primeiras medidas foi a de selecionar os períodos do ano no qual os banhos poderiam ser realizados. O historiador francês lembra que, na segunda metade do século XVIII na França, os banhos eram interditos no inverno, sendo a primavera e o verão as estações mais favoráveis para a sua realização. Vigarello (1996) lembra que o banho de rio, até então reservado a alguns divertimentos isolados, passa a ser percebido na

---

75 (...) *a healthy and delightful amusement.*

segunda metade do século XVIII como um instrumento de saúde. Tornava-se uma prática ascética, tanto moral como física, pois o endurecimento do corpo buscava mobilizar energia e afirmar sua solidez.

Para evidenciar suas colocações, Vigarello (1996) aponta a figura de Rousseau. O historiador francês refere-se à figura do selvagem utilizada por Rousseau e na qual Benjamin Franklin também se baseia. A relação utilizada por Vigarello refere-se sobre os costumes rudes utilizados pelos selvagens, que acabariam por produzir uma robustez física considerável. Inclusive o historiador francês faz uma alusão aos índios canadenses que mergulhavam seus filhos nos rios desde o momento do nascimento. Cabe lembrar que Benjamin Franklin, assim como Rousseau, era um admirador da estrutura física dos selvagens e os índios norte-americanos eram sempre valorizados em seus escritos. A sintonia de Franklin com esse período era tanta que o próprio Vigarello (1996, p. 139) utilizou escritos franklinianos para escrever sua história dos banhos frios:

Outro exemplo diferente, ainda, é a paixão com que Benjamin Franklin falou dos banhos de rio ou das imersões tônicas, as quais se entregava regularmente a partir de 1760. Testemunho importante, decerto, porque Franklin insiste numa verdadeira mania assim como insiste numa prática de substituição. Nada equivale às virtudes do banho frio, mas o choque que ele produz pode tomar corpo, abalá-lo. Pode até violentar certas constituições.

O nadar para Franklin estava sintonizado as lógicas discursivas apontadas por Vigarello (1996). Tanto que o pensador norte-americano recomendava o nadar para as estações quentes, uma atividade que, se praticada por até duas horas, ajudaria a limpar os poros, combater diarreias, além de causar uma boa noite de sono pelo cansaço provocado (FRANKLIN, 1790). Tal perspectiva do orgânico estava em plena consonância com a noção pré-moderna de exercício do corpo exposta por Vigarello (2008a, p. 303): “(...) o movimento físico ajudaria a evacuar as ‘partes’ internas, expulsando os humores cuja estagnação seria um perigo”. O historiador francês indica que desde o século XVI existiam evidências da presença de discursos que afirmavam que os exercícios ajudavam a melhorar o funcionamento das atividades internas do organismo:

A natação tem vantagem sobre o banho simples, pois os movimentos fortes e repetidos feitos para vencer a resistência da água são bem mais favoráveis para fazê-la penetrar todas as partes do corpo, possibilitar a secreção e as excreções mais fáceis e mais favoráveis, aplicar, em suma, o selo da saúde sobre as melhores constituições (VIGARELLO, 1996, p. 141).



Como exemplo desses aperfeiçoamentos corporais Vigarello (1996; 2008a) cita que a questão da evacuação e das diarreias representariam a fraqueza dos canais de expulsão dos excrementos. O exercício interviria, auxiliando na conservação, fortalecimento e controle da expulsão de líquidos. Nesse aspecto é importante frisar que o exercício como remédio para a diarreia estava em alinhamento com os ideais de Franklin de repúdio aos medicamentos para uma vida mais saudável, aonde o exercício seria uma opção natural de automedicação para essa enfermidade, ou seja, se tornava um importante elemento de aprimoramento da dimensão orgânica.

Entretanto, cabe destacar que o nadar não seria o único remédio que Franklin defendia para a diarreia:

É certo que a natação é o meio de parar uma diarreia e até mesmo de produzir uma constipação. Com relação àqueles que não sabem nadar, ou que são afetados por uma diarreia em um período que não lhes permite fazer uso desse exercício, um banho morno, limpando e purificando a pele, é algo muito benéfico e, muitas vezes, resulta em uma cura radical. Falo de minha própria experiência, frequentemente repetida, e a dos outros também a quem eu recomendei isso (FRANKLIN, 1790, p. 4 – tradução livre)<sup>76</sup>.

De tal passagem é imprescindível destacar as percepções ainda confusas do que causava uma diarreia. O trecho não estabeleceu uma relação com a ingestão de determinada substância nociva, a falta de outra necessária, ou mesmo uma condição causada por fatores internos ao orgânico. Pela escrita, impõem-se que seria a pele a porta de entrada do mal. Ainda que esse último esteja objetificado na figura da evacuação, sua causa era confusa, ligada ao imaginário das doenças que entravam pela superfície cutânea, ou como na própria fala do autor, pelos poros. Evidência de uma plena associação com a descrição do cenário da época feita por Georges Vigarello (2008a, p. 482):

Sempre se atribuíam numerosas doenças a fatores pessoais – ascendência ou constituição física de má qualidade, falta de higiene, excessiva indulgência ou estilo de vida nefasto. Esse conceito de doença ‘constitucional’ ou fisiológica baseado no humorismo tradicional, decisivo até meados do século XVIII, permitia compreender de maneira satisfatória a dispersão irregular e imprevisível da doença.

Nota-se, portanto, que a importância ao exercício ainda não estava consolidada. Quando o indivíduo tivesse sua prática de exercício inviabilizada, poderia substituí-lo por

<sup>76</sup> *It is certain that much swimming is the means of stopping a diarrhrea and even of producing a constipation. With respect to those who do not know how to swim, or who are affected with a diarrhrea at a season which dees not permit them to use that exercise, a warm bath, by cleansing and purifyngthe skin, is found very salutary, and often effects a radical cure. I speak from my own experience, frequently repeated, and that of otherstoo whom I have recommeded this.*

atividades passivas, porém de eficácia semelhante, segundo apontava o conhecimento empírico do período. Assim, conforme evidencia Vigarello (2008a), não se distinguiam os efeitos da equitação, dos banhos quentes e da fricção da pele, para os demais exercícios físicos que agitavam a carne.

No aspecto dos poros a que Franklin recomendava a limpeza propiciada pelo nadar, prosseguia-se a noção dos humores contidos no corpo. Sua estagnação seria nociva à saúde, cabendo portanto a sua exudação e seu movimento. Os poros teriam potencial de, através da superfície cutânea, remover o mal físico contido na carne. No entanto, vale salientar que os poros para Franklin não eram apenas vias de saída, tendo função de entrada e filtro de substâncias.

O exercício racionalizado por Benjamin Franklin demandava uma quantificação de tempo para sua eficiência: duas horas, e não mais que isso. Torna-se importante salientar que não existe uma justificativa do porquê desse número, além da própria experiência prática do autor. Contudo, cabe destacar que já se começa a notar a necessidade de controlar o tempo das práticas físicas. Algo próximo daquilo que Georges Vigarello (2008a) denominou de ciframento.

Outro elemento a ser destacado no pensamento de Franklin era o utilitarismo que o pensador manifestava na atividade própria para os dias de calor, bem como o impacto positivo na qualidade de sono. O nadar contribuía para aliviar o calor extremo e melhorar o sono. Novas evidências de racionalização e utilitarismo nos exercícios na obra de Benjamin Franklin, em que corroboram claramente com as premissas da ética protestante e seu papel no controle do corpo, conforme apontou Overman (2011).

Destaca-se ainda a importância que o pensador norte-americano dava para a superação do medo no aprender a nadar:

A primeira coisa que deve ser aprendida é despojar-se de todo medo; e então, se você seguir as instruções dadas nesta pequena obra, e praticá-las frequentemente, você logo alcançará a agradável arte da natação, que, uma vez obtida, jamais poderá esquecer (FRANKLIN, 1790, p. 5 – tradução livre)<sup>77</sup>.

O nadar, portanto, assumia uma necessidade de prática constante. A internalização do movimento decorria da repetição, sendo possível efetuar primeiras aproximações, ainda que

---

<sup>77</sup> *The first thing that must be learnt, is to divest ourself of all fear; and then, if you follow the Instructions given in this little work, and practise them frequently, you will soon attain the pleasant Art of Swimming, which, once obtained can never forget.*

rudimentares, do ato de treinar no sentido exposto por Vigarello (2008b). Benjamin Franklin se aproxima, mas não atravessa plenamente o conceito de treinar, visto que ainda faltava o objetivo de melhora de uma valência física específica. Fato que segundo aponta Georges Vigarello (2008b) só seria sistematizado com mais detalhes no final do século XIX e sobretudo nas primeiras décadas do século XX. A frequência a que o pensador americano se referia parecia estar mais associada a uma superação de medos e a um primeiro pedagogismo do movimento, para que o indivíduo não se esquecesse nunca mais de como efetuá-lo.

Vale frisar que não menos importante era a condição de superioridade dada a tal atividade: “(...) arte elegante e útil” (FRANKKLIN, 1790, p. 3 – tradução livre<sup>78</sup>). Cabe destacar que a atribuição de elegância aos exercícios já vinha de períodos anteriores, em um processo denominado por Vigarello (2008a, p. 311) de etiqueta que complementava a técnica, tal como sinaliza a seguinte passagem: “(...) jogar para mostrar-se, senão deslumbrar”. Afinal os comportamentos sociais relacionados aos jogos e ao uso do corpo estavam intimamente ligados ao alvorecer das sociedades de corte na Europa.

Como demonstrado por Norbert Elias em seu clássico livro denominado “*Sociedade de Corte*” (2001), a centralização do poder pelo rei, bem como o monopólio da violência pelo Estado, favorecia que indivíduos, ávidos por cargos e favores, refreassem comportamentos impulsivos e adquirissem refinamento de gestos, atitudes, sensibilidades e respeito às normas de convívio. Foi nesse ínterim que se denotou maiores graus de civilidade, representados nas condutas de etiqueta. Ao se estender para os diferentes aspectos da vida em corte (vestuário, alimentação, sociabilidade), os passatempos não conseguiram escapar dessa influência. O cortesão precisava seguir a etiqueta em todas as esferas sociais, inclusive em seus momentos de divertimento. Tais comportamentos passaram a formar uma lógica discursiva que iria se expandir para além do contexto da nobreza europeia e atingiria posteriormente segmentos populacionais mais amplos.

Elias (2001) lembra que tais características de civilidade dos costumes e etiqueta do corpo não se limitaram a sociedade de corte, apresentando também seus reflexos graduais na burguesia. Nesse quesito, existe uma dificuldade em representar Benjamin Franklin em apenas uma das categorias (burguês ou nobre). Como indicado em sua biografia, publicada em 1791 e salientado por Isaacson (2015), o americano viveu boa parte de sua vida como um burguês, apesar de ter tido ricas experiências nas sociedades de corte europeias. Entre as suas

---

78 (...) *an elegant and useful art*,



variadas profissões, foi embaixador dos Estados Unidos da América na França, estabelecendo boas relações com a corte em Versalhes. Suas ações diplomáticas devem ter tido algum impacto no auxílio dos franceses durante a Guerra da Independência contra a Inglaterra (ISAACSON, 2015). Entretanto, o que se deve destacar desse relato é que, além de burguês, era um frequentador da corte, e portanto, hábitos de civilidade adquiridos no além-mar podem ter influenciado suas noções de elegância, sua visão de corpo e como esse deveria se comportar e divertir-se.

Ainda situado no aspecto de “jogar para se mostrar” exposto nos argumentos levantados por Georges Vigarello (2008a), apresenta-se ênfase ao fato de que, na biografia de Franklin, constem suas experiências de, quando sob olhar de amigos, jogava-se em um rio para exibir suas habilidades aquáticas. Como o mesmo relata, em viagem pela Inglaterra com amigos, Franklin, em determinado momento dentro do barco, despiu-se e pulou no rio:

Em nosso retorno, a pedido dos companheiros, me despi e saltei ao rio, nadando das proximidades de Chelsea até Blackfairs; executando, no trajeto, muitos tipos de atividades, tanto sobre como sob a água, o que surpreendeu e agradou a todos aqueles a que lhes eram novidades (FRANKLIN, 1791, p. 60 – tradução livre)<sup>79</sup>.

O processo de hierarquizar o nadar como atividade elegante e útil, portanto, pode ter sua origem nas sociedades de corte, mas o fenômeno de expansão do mesmo não se limitou a tais lugares. O fato de tal aspecto se mostrar nas ações de Franklin pode também ser analisado pelas contribuições de Vigarello (2008a, p. 336):

(...) uma sociedade nova difunde definitivamente um modelo corporal e seu ensinamento como as atenções à “boa graça” e à aparência; acabam por referir-se a grupos sociais mais amplos do que a simples nobreza. Uma arte mundana do corpo, independente da habilidade adquirida pelas armas, pela dança ou pelo cavalo, mas que atua como modelo nobre, impõe-se definitivamente à pedagogia: ela cria por isso exercícios que lhe são exclusivos, próximos, para dizer a verdade, à sociedade de corte que os inspirou.

Por fim, a nova aproximação pedagógica prescrita por Franklin foi efetuada tendo a natação como objeto. Sobre o nadar, o intelectual norte-americano afirma o seguinte:

(...) eu gostaria que todos os homens fossem ensinados a nadar em sua juventude; em muitos casos, seriam mais seguros de si por terem essa habilidade, bem como muito mais felizes, livres de dolorosas situações de perigo, para não falar do divertimento, que é tão prazeroso e saudável como exercício. Os soldados deveriam, em minha

79 *In our return, at the request of the company, whose curiosity Wygate had excited, I stripped and leaped into the river, and swam from near Chelsea to Blackfriers; performing in the way many feats of activity, both upon and under the water, that surprised and pleased those to whom they were novelties.*

opinião, serem ensinados a nadar; talvez pudesse ser de uso frequente tanto para surpreender um inimigo quanto para se salvar. E se eu tivesse agora meninos para educar, eu preferiria que nas escolas (...) fossem oferecidas oportunidades para adquirir essa arte tão vantajosa, que, uma vez aprendida, nunca é esquecida (FRANKLIN, 1790, p. 9 – tradução livre)<sup>80</sup>.

Nadar para Franklin seria, portanto, atividade digna de elogios, sem vícios que lhe viessem a memória para contar a seus leitores. Para além disso, deveria ser uma prática ensinada em escolas para meninos, bem como para militares, ou seja, a natação deveria ser inserida num amplo dispositivo pedagógico, assim como já acontecia na França setecentista (TERRET, 1994; VIGARELLO, 1996).

Tendo em vista as aproximações de Franklin do nadar à ordem discursiva do período acerca do corpo, suas funções orgânicas e seus costumes sociais, pensa-se ter explorado suficientemente a questão. No entanto, ainda cabe destacar a sua invenção durante sua juventude de palmares e nadadeiras, que ajudavam a nadar mais rápido (ISAACSON, 2015)<sup>81</sup>. As criações franklinianas manifestam uma busca por racionalização e maior eficácia da ação de nadar por parte do intelectual norte-americano. Franklin relatava em seus escritos como observou a mecânica dos movimentos com os tornozelos no rendimento de seu nado. Relatou que, para cruzar grandes distâncias, variava o nado em decúbito ventral e dorsal, na busca de evitar a fadiga (FRANKLIN, 1790). Observa-se aqui movimentos mais pensados, percebidos, racionalizados e passíveis de correção, sendo aplicados às circunstâncias que exigem determinada eficácia. Desenrolam-se os indícios de “rendimento” da ação corporal, na qual a velocidade e a técnica receberiam posição de destaque no dispositivo que estava sendo instalado na segunda metade do século XVIII.

As palavras de Vigarello (2008a, p. 392) indicam com riqueza de detalhes os elementos que eram valorizados na mentalidade do período:

Além dos efeitos musculares, além das expectativas de estimulação, o exercício muda muito de sentido; o que conta é, sobretudo, a eficácia adquirida (...) As referências burguesas ascendentes em meados do século XVIII privilegiam modelos de eficiência em detrimento dos simples modelos de pertença.

---

80 *I wish all men were taught to do in their youth; they would on many occurrences be the safer for having that skill, and on many more the happier, as free from painful apprehensions of danger, to say nothing of the enjoyment is so delightful and wholesome as exercise. Soldiers particularly should, me thinks, all be taught to swim; it might be of frequent use either in surprising an enemy, or saving themselves. And if I had now boys to educate, I should prefer those schools (...) where an opportunity was afforded for acquiring so advantageous an art, which, once learned, is never forgotten.*

81 Tais invenções posteriormente o levaram a ser incluído no *International Swim Hall of Fame* (ISHOF, 2018).

Uma carta de Benjamin Franklin, de 1769, endereçada a um amigo, Oliver Neave (FRANKLIN, 1769), mostra-o defendendo que a idade avançada de seu colega não poderia ser uma desculpa para não querer aprender a nadar. O risco de cair de um bote e ser capaz de nadar até a margem ou boiar até que alguém viesse lhe resgatar justificariam a necessidade de tal habilidade. Franklin segue a carta indicando os procedimentos de aprendizado de inserção do corpo na água, técnicas de boiar, o uso dos pulmões no auxílio de sustentar o corpo na flutuação, além dos movimentos a serem efetuados com os braços e pernas. Havia também a indicação de exercícios para acostumar um iniciante, tal como atirar um ovo em água clara e funda, de forma que o aprendiz deveria ser capaz de mergulhar para recuperá-lo. No entanto, o pensador americano deixava claro que todas essas dicas, que poderiam ser utilizadas por quem acidentalmente viesse a se encontrar em uma grande concentração de água, sofrendo risco de afogamento, não deveriam ser aplicadas sem antes praticá-las de maneira segura. Portanto, Franklin advogava que todos os indivíduos deveriam aprender a nadar em sua juventude, evitando dessa forma futuros riscos (FRANKLIN, 1790). Nota-se no intelectual americano uma intensa preocupação em pedagogizar os movimentos, através de exercícios que facilitem a assimilação, tal como indica o dispositivo que desde o final do século XVI estava se sistematizando.

Todavia, a aproximação realizada com a ordem discursiva do período torna-se ainda mais evidente quando Benjamin Franklin explora as questões relativas a dieta e o combate aos excessos. Foi nesse momento que um amplo processo de educação do corpo se evidenciou na obra do intelectual norte-americano.

### **3.2 Dieta virtuosa e o combate aos excessos pecaminosos: o corpo equilibrado para Franklin**

“Aquele que vive carnalmente não viverá eternamente”.  
(FRANKLIN, 1732, p. 5 – tradução livre).<sup>82</sup>

A epígrafe acima, retirada de um dos almanaques de conselhos para uma vida melhor (*Poor Richard's Almanack*), representa em parte o pensamento de Benjamin Franklin em relação aos cuidados a serem tomados com a conduta corporal. O trecho deixa evidente a condenação das atitudes prazerosas da “carne”, evidenciando uma noção de corpo profundamente entrelaçada à religiosidade protestante do período em questão e que exigia um

---

82 *He that lives carnally, won't live eternally.*



modelo corporal muito específico e que necessitava passar por um amplo processo de educação.

Nesse sentido, esse subcapítulo se restringiu a abordar toda a perspectiva frankliana no tocante aos cuidados com a saúde do corpo, buscando estabelecer um diálogo com o referencial e a mentalidade do período em que o mesmo escrevia. Aqui novamente ampara-se principalmente na produção historiográfica do historiador francês George Vigarello (2008a; 2008b). Isaacson (2015), salienta que Franklin dedicou muitas máximas do *Poor Richard's Almanack* (1732) para tratar de conselhos à medicina, nutrição e saúde geral, não sendo a toa que posteriormente o mesmo recebeu títulos de doutor *honoris causa* de instituições como Oxford e St. Andrews. Cabe ainda indagar que não menos importante seria a análise de como Benjamin Franklin entendia o controle do corpo como ferramenta para proliferação das virtudes do indivíduo de maneira que a negação de suas vontades de prazer gradualmente civilizariam os costumes. Tais prescrições seriam uma das principais metas do processo de educação do corpo que o pensador americano considerava fundamental. Ainda assim, Isaacson (2015, p. 140) lembra que:

As atitudes políticas de Franklin, em conjunção com as religiosas e científicas, se encaixam numa perspectiva bastante coerente. Mas, assim como ele não era um teórico religioso ou científico profundo — nenhum Tomás de Aquino ou Newton —, tampouco era um filósofo político profundo da ordem de um Locke ou de um Jefferson. Sua força (...) era mais prática do que abstrata.

A citação mostra com riqueza de detalhes que Franklin era um filósofo da ação, ou seja, um intelectual que acreditava que a filosofia deveria ser sobretudo de caráter prático. Sendo assim, o pensamento frankliano advogava claramente a favor de um determinado modelo corporal e para que isso se efetivasse era necessário que uma outra pedagogia para a educação do corpo dos norte-americanos fosse sistematizada. Defendia ensinamentos que fossem muito mais práticos do que teóricos, tal como preconizava sua filosofia. Um outro ponto que também não pode se ignorado na leitura geral da trajetória de Benjamin Franklin refere-se ao contexto histórico no qual o pensador norte-americano estava inserido. O intelectual participava de uma conjuntura na qual sua ordem discursiva evidenciava que o progresso da sociedade não era mais compreendido como algo determinado apenas pelas virtudes da classe aristocrática e/ou dos governantes. Seria algo que deveria ser realizado cotidianamente por todos em suas vidas práticas (TOCQUEVILLE, 2000; ISAACSON, 2015).

Por meio da leitura de Overman (2011) pode-se notar que as noções franklinianas de civilização e progresso perpassavam as *virtudes individuais* como condutora do processo. Essas só poderiam florescer se o indivíduo lutasse contra os desejos de prazer, focasse no autocontrole e na realização pessoal. Tratava-se de uma releitura protestante do estoicismo, afinal valorizava o autocontrole sobre o corpo como elemento fundamental, assim como preconizava essa corrente de pensamento no passado (MARCONDES, 1997). Só que agora adaptado aos valores de uma moral protestante que defendia um determinado tipo de desencantamento do mundo moderno (WEBER, 2004). Para atingir este objetivo, Franklin (1732) enfatizava que uma condição saudável era um elemento imprescindível para alcançar os elementos acima elencados, pois um corpo doente impediria a prática da vocação e a concretização das virtudes protestantes.

À primeira vista já pode se aviltar, através da leitura das fontes, aspectos presentes na ordem discursiva da segunda metade do século XVIII. Franklin acreditava, por exemplo, que a exposição à água permitia enfrentar a sede pela absorção de líquido pelos poros. Inclusive, acreditava que, caso algum indivíduo estivesse flutuando em água salgada, sua pele poderia filtrar o sal e permitir a entrada de água no organismo, mantendo o corpo hidratado. Conceito ultrapassado para os parâmetros atuais, mas estritamente vinculado a uma observação existente nos padrões da época, visto ser empírica, leia-se prática, baseada nos estudos acerca dos poros na pele humana, que vinham ocorrendo naquele tempo, como apontado pelas diversas pesquisas realizadas por Vigarello (1996; 1999; 2008a). Franklin testava o próprio corpo na água, tendo o alicerce da ideia dos poros para suas constatações, tal como indicado em uma de suas cartas redigidas em 1761:

Eu frequentemente observei que, não importa o quão sedento estava antes de começar a nadar, tal sensação não persistia na água. Os poros do corpo parecem filtrar muito bem o sal da água (...) por mais que durante minha infância tenha permanecido várias horas dentro da água salgada nadando, por vários dias consecutivos, nunca observei meu sangue ou fluidos tornarem-se salgados. (...) É notável que os peixes, que vivem em ambiente de água salgada, não tem esse gosto (FRANKLIN, 1844, p. 233 – tradução livre)<sup>83</sup>.

Cabe destacar que não pretende-se elencar aqui o que era verdadeiro e o que era falso na obra de Franklin, e sim extrair em que sentido e a que interesse almejava o pensador norte-

83 *I have often observed myself that however thirsty I may have been before going into the water to swim, I am never long so in the water. These imbibing pores, however, are very fine, perhaps fine enough in filtering to separate salt from water; (...) for though I have soaked (by swimming, when a boy) several hours in the day for several days sucessively in salt-water, I never found my blood and juices salted by that means (...) its remarkable that the flesh of sea fish, though bred in salt water, its not salt.*

americano ao fazer recomendações e conselhos de caráter genérico no âmbito da saúde e do processo de educação do corpo. Ademais, novamente destaca-se o quanto o nadar para Franklin não lhe parecia ser um divertimento preguiçoso, nocivo à sua salvação e incoerente com uma vida pragmática defendida pela moral protestante. Pelo contrário, as várias horas que ele empreendia nadando lhe conferiam um profícuo objeto de análise científica, em que questionava os motivos do corpo ter uma sensação de sede reduzida em ambiente aquático. Nesse sentido, seus escritos forneciam de forma constante vários conselhos aos leitores, tal como observa-se numa carta endereçada a um amigo em 1761:

(...) imaginei que as pessoas no mar, quando afligidas pela sede, e toda a água doce já tiver sido tomada, usem banheiras de água vazias e as encham com água do mar, uma ou duas horas por dia, poderão ficar muito aliviadas (FRANKLIN, 1844, p. 233 – tradução livre)<sup>84</sup>.

Tais observações relativas ao corpo, seus comportamentos fisiológicos e consequentemente seus apontamentos, estavam inseridos contextualmente em um longa temporalidade que, conforme indica Vigarello (1999; 2008a), desde o Renascimento, empreendia uma expansão dos conhecimentos acerca dos diversos sistemas que compunham o organismo. Tais olhares, segundo o historiador francês, estavam vinculados à diferentes campos de uma forma ainda nascente de ciência moderna, em que os conhecimentos de física, química, biologia, fisiologia, biomecânica e tantas outras áreas ainda se confundiam e muitas vezes ainda estavam organizados e agrupados em uma mesma área do saber e/ou disciplina científica. Vigarello (1999; 2008a) lembra que, ao estar mais livre para exploração científica, novas cartografias do corpo foram escritas pelos cientistas, contestando ideias antigas e colocando novas hipóteses sob apreciação de seus pares.

Exposto isso, tem-se para análise o *Poor Richard's Almanack* de 1732. A autoria é de um pseudônimo de Benjamin Franklin, que escrevia as anedotas, ditados e conselhos, chamando-se “Richard Saunders”. O pensador americano defendia, logo na primeira edição da obra, a seguinte premissa: “Coma para viver, e não viva para comer” (FRANKLIN, 1732, p. 3 – tradução livre)<sup>85</sup>. Tal passagem evidencia uma noção de austeridade, de controle da gula, que se repetia em outros conselhos, tal como “(...) para prolongar sua vida, diminua

84 (...) *I imagine that if people at sea distressed by thirst when their fresh water is unfortunately spent would make bathing tubs of their empty water casks and filling them with sea water sit in them an hour or two each day they might be greatly relieved.*

85 *Eat to live, and not live to eat.*



suas refeições (...)” (FRANKLIN, 1732, p. 4 – tradução livre)<sup>86</sup>. Ainda no mesmo sentido, uma outra máxima foi escrita por ele: “(...) uma cozinha gorda, uma vontade magra (...)” (FRANKLIN, 1732, p. 4, tradução livre)<sup>87</sup>. Por sua vez, a frase “(...) muitos pratos, muitas doenças”<sup>88</sup> associava a alimentação à ocorrência de enfermidades causadas pelo excesso (FRANKLIN, 1732, p. 6 – tradução livre).

Todas as passagens acima reproduzidas indicam claramente que o exagero e descontrole em relação à alimentação eram características reprováveis à moral frankliana, pois poderiam acarretar doenças e disfunções aos corpos dos indivíduos. Fato que prejudicaria em muito o desenvolvimento da nova sociedade que se almejava construir nos Estados Unidos da América. Além disso, cabe destacar que as máximas escritas por Benjamin Franklin eram representações coerentes da moral protestante circulante na ordem discursiva do período em questão.

No que refere-se a alimentação, encontra-se no pensamento de Franklin evidências nítidas da materialização da moral protestante. O historiador francês Florent Quellier (2011), ao analisar a gastronomia protestante, evidencia que a mesma nasceu de uma reação aos “hipócritas” dias magros praticados pelos católicos nos dias considerados santos. O autor lembra, por exemplo, que ainda no século XVI, Erasmo de Roterdã condenava veementemente a prática realizada pelos católicos durante a Quaresma. Quellier (2011) ainda aponta que as críticas em relação a alimentação dos praticantes do catolicismo também foram feitas por figuras importantes do protestantismo como Lutero e Calvino.

A seguinte passagem utilizada pelo historiador francês resume bem a mentalidade protestante em relação a alimentação:

O jejum protestante é acima de tudo a apologia de uma mesa sóbria e sem excesso, é sinônimo de moderação e temperança. Para os protestantes, o verdadeiro sentido do jejum é uma prática constante da sobriedade que não exclui forçosamente a carne, e sem qualquer excesso, qualquer volúpia e qualquer cobiça da carne (QUELLIER, 2011, p. 82).

A passagem reproduzida acima indica que a moral protestante valorizava a moderação e a temperança no momento de se alimentar. Afinal o que se almejava era a sobriedade e a recusa de se alimentar com iguarias requintadas, permitindo ao protestante encontrar nos alimentos comuns o verdadeiro sabor e o legítimo prazer que os alimentos apresentam. Tais

86 *To lengthen thy Life, lessen thy Meals.*

87 *A fat kitchen, a lean Will.*

88 *Many dishes many diseases,*

mentalidades se mostraram bastante presentes na obra de Benjamin Franklin e se tornaram um dos elementos trabalhados pelo pensador no momento em que prescrevia elementos necessários para uma correta educação do corpo dos norte-americanos.

O termo latino “*Principis obsta*” abre um dos capítulos do Almanaque (FRANKLIN, 1732, p. 6), vocábulo esse que pode ser entendido de forma mais literal como “negar o mal ainda no começo”. Tal como a remoção das ervas daninhas deveria ser feita antes de criar raízes na planta, os vários tipos de mal que afligem o indivíduo deveriam ser combatidos logo no início da vida dos indivíduos. Aqui se encontram poderosos indícios da valorização de um novo processo de educação corporal na obra de Benjamin Franklin, visto que estava começando a ser valorizada uma saúde trabalhada na prevenção, que estava profundamente relacionada com a medicina higienista europeia do século XVIII, que para Vigarello (2008a), baseava-se no controle das gerações presentes e futuras para garantir um aperfeiçoar da espécie humana. Nesse ponto torna-se bastante interessante a ponderação do historiador francês acerca dessa atitude de refinamento do processo educacional dos corpos dos indivíduos:

(...) é enunciada tanto como um projeto de homem político, de médico, nesta segunda metade do século XVIII. O cálculo desloca-se para melhorias progressivas, exercícios graduais, uma “perfectibilidade indefinida”. O futuro desempenha um papel que antes não tinha: Um libertino que prejudica sua saúde é mais culpado em relação à sua posteridade do que o pródigo que dissipa seu bem o bem de outrem (VIGARELLO, 2008a, p. 477).

Ao prosseguir em suas recomendações, Franklin mostra que estava em sintonia a mentalidade existente no século XVIII relatada acima por Georges Vigarello. Tanto que de forma bastante sistemática o pensador norte-americano apresentava reflexões relativas a saúde, como por exemplo, nos indícios de moderação à mesa sugeridos por ele: “Queijo e carne salgada, coma-se moderadamente” (FRANKLIN, 1732, p. 5 – tradução livre)<sup>89</sup>. “Eu vi poucos morrerem de fome. Já por comer, mais de dez mil”. (FRANKLIN, 1732, p. 16 – tradução livre)<sup>90</sup>. A inserção de Franklin nessa ordem discursiva era tanta que ele também não deixava de ironizar o indivíduo que “(...) valoriza muito provisões moderadas e abstinência em público, mas no privado é guloso” (FRANKLIN, 1732, p. 12 – tradução livre)<sup>91</sup>. Afinal, a mentalidade do período indicava, conforme apontam Vigarello (1999; 2008a) e Quellier

89 *Cheese and salt meat, should be sparingly eat.*

90 *I saw few die of Hunger, of Eating 100000.*

91 *(...) moderate fare and abstinence much prizes In public, but in private gormandizes.*

(2011) que não bastava ser civilizado e controlado em público. Era necessária incorporar uma nova educação corporal, em que os bons costumes deveriam permear todos os âmbitos da vida, inclusive os momentos particulares.

Tal ponto se materializa com contundência em outra frase escrita por Franklin: “Contra as doenças, a cerca mais forte, a virtude defensiva, a abstinência” (FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre). A panaceia universal, a cura para todos os males, encontrava-se no pensamento frankliniano justamente na ausência de algo, ou seja, em sua abstinência. O corpo vazio por vontade própria tornava-se o mais virtuoso, pois era uma manifestação racional, visando a manutenção e/ou a melhora de sua saúde. Para alcançar isso necessitava-se de autocontrole, virtude cada vez mais privilegiada para uma educação corporal pelo pensador norte-americano. Isso, por sua vez, não deveria se aplicar apenas a algum tipo específico de indivíduo, tal como eram os conselhos monásticos dirigidos aos sacerdotes ascetas do período medieval. Os escritos de Benjamin Franklin eram conselhos aplicados a todos os membros de sua comunidade que desejassem obter algum progresso em suas vidas.

Refletir sobre o corpo, seus hábitos e sua saúde, pareciam inserir-se em um contexto burguês em que Franklin mobilizava valores e virtudes que podiam extrair do indivíduo o máximo desempenho para uma vida de sucesso na sociedade. Para tal, torna-se conveniente realizar novamente uma aproximação com a reflexão empreendida por Vigarello (2008a, p. 478):

Uma mudança na sociedade guia essas mobilizações, onde valores higiênicos do corpo se opõem ao ideal aristocrático: o investimento na descendência contra o prestígio das linhagens. A burguesia, cujos valores dominam no século XVIII, afirma-se sempre mais por essa busca de forças físicas: as mais imediatas, da saúde, e as mais diferidas, de um reforço das gerações futuras. (...) cria-se uma sociedade de “progresso” que promove uma vigilância sobre o futuro físico de uma comunidade.

Ainda acerca do binômio saúde/alimentação Franklin emitiu posicionamentos que evidenciaram elementos da ordem discursiva levantada acima por Georges Vigarello. Por exemplo, a frase “Três boas refeições por dia é viver mau”<sup>92</sup> (FRANKLIN, 1732, p. 19 – tradução livre) estava em consonância com a vida prática e cotidiana do cientista da Pensilvânia, que costumava, segundo aponta Isaacson (2015) se alimentar a pão e água boa parte de sua vida, mesmo tendo riqueza suficiente para realizar fartas refeições. Franklin também declarou em sua biografia que chegou a ser vegetariano por muitos anos para que

92 *Three good meals a day is bad living.*



tivesse dinheiro para comprar livros. Indulgência racionalmente imposta ao próprio corpo com fins utilitários, já que queria mais livros para alimentar sua alma do que alimentos para satisfazer seu corpo (ISAACSON, 2015). Aqui novamente encontra-se a presença dos elementos do platonismo e do estoicismo associados a moral protestante no pensamento de Benjamin Franklin.

Outra passagem do pensador americano que evidencia com clareza os enunciados circulantes na ordem discursiva do século XVIII é a frase “(...) coma menos refeições e precisará de menos remédios” (FRANKLIN, 1732, p. 32 – tradução livre)<sup>93</sup>. No pensamento frankliano os remédios representavam a muleta que nenhum indivíduo deveria carregar e, caso se observassem os conselhos preventivos de controle do corpo no *Poor Richard's Almanack*, tais questões seriam minimizadas na vida prática. Dessa maneira, os indivíduos estariam menos suscetíveis a terem sua saúde deteriorada e seriam mais úteis a sua comunidade. Aliás, para a noção de corpo frankliano, os remédios não eram necessariamente algo ruim, porém o condenável era a necessidade da sua utilização se dar pelo desleixo do indivíduo que não se preveniu, que não se exercitou adequadamente, aquele que dormiu e comeu em demasia, ou seja, viveu uma vida marcada por excessos. Aqui a inexistência de uma educação corporal mais austera entrava em confronto e oposição direta com as virtudes de racionalização e controle preconizadas pela moral protestante.

Todo esse autocontrole do corpo em relação aos alimentos estava atrelado aos conceitos espirituais que Franklin experimentava no cristianismo. A seguinte passagem dá indícios disso: “Não é de se admirar que Tom, o pecador pesado, engorde. Faz de toda sua vida um jantar contínuo” (FRANKLIN, 1732, p. 26 – tradução livre)<sup>94</sup>. Como pode ser visto, as motivações apontadas pelo intelectual norte-americano eram sempre utilitárias mas também se apoiavam em elementos religiosos. Ser um indivíduo virtuoso era se afastar dos pecados e isso só poderia ser feito por um corpo controlado pelos ditames racionais. Nessa mistura de religião e ciência, Vigarello (2008a p. 448) comenta o seguinte: “(...) o começo da tradição científica continua misturado com a tradição popular. As doutrinas da elite, centradas na ideia da ordem natural e divina, foram reforçados pela religião”.

Cabe salientar que Franklin não pregava uma negação total dos alimentos. Suas críticas residiam no excesso, exagero e fartura. Como bem lembrado pelo autor: “(...) saco

93 *Eat few Suppers, and you'll need few Medicines.*

94 *No wonder Tom grows fat, th' unwieldy Sinner, Makes his whole Life but one continual Dinner.*

vazio não pára em pé” (FRANKLIN, 1732, p. 26 – tradução livre). A lógica apresentada pelo pensador americano valorizava uma certa temperança, na qual a alimentação deveria ter um fim utilitário e jamais ser apenas uma fonte de prazer, entretanto, não deveria ser também passível de total privação. Afinal, o exercício das virtudes equilibradamente não permitia o descontrole da mesma forma que não tolerava a falta. Nesse sentido, comer em demasia e jejuar eram facetas de uma mesma moeda e deveriam ser elementos a serem extirpados em uma pedagogia corporal.

Vigarello (2008a, p. 447), ao refletir sobre a saúde e suas modificações conceituais ao longo do século XVIII, aponta elementos semelhantes aos levantados por Benjamin Franklin:

A saúde é um estado de equilíbrio, sempre ameaçado, instável, entre o corpo humano, o universo, a sociedade. As influências devem ser mensuradas para contrabalançá-las melhor, ou, simplesmente ajudá-las. Neste sentido, a prevenção é a arte de viver de acordo com a natureza.

A prevenção como elemento primordial para a saúde, tal como levantada pelo historiador francês, também se mostrava de alguma forma presente na obra de Franklin, conforme pode ser visto na seguinte passagem: “Coma e beba uma quantidade exata ao que a constituição de seu corpo permite, em referência aos serviços da mente” (FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre)<sup>95</sup>. Nesse sentido, as noções de abstinência, marcadas no período medieval pela mortificação da carne através de jejuns pelos monges católicos (LE GOFF; TRUONG, 2006; VIGARELLO, 2008a; OVERMAN, 2011; QUELLIER, 2011), não apresentavam um sentido de dieta em Franklin. O corpo deveria beber e comer o que lhe convém, mas regrado pelos costumes e sobretudo por um amplo processo de racionalização, conforme apontou uma outra máxima escrita por Franklin: “A quantidade e a qualidade, quando encontradas, devem ser constantes”(FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre)<sup>96</sup>.

Observa-se que a austeridade e o controle eram lembrados a todo o tempo, não sendo tolerados dias de fuga desse controle corporal. O indivíduo virtuoso deveria ser constante e inabalável. “O excesso de qualquer coisa, na carne e na bebida, deve ser evitado” (FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre)<sup>97</sup>, ainda que, de acordo com a idade e doença, Franklin defendesse quantidades diferentes, ou seja, já existia uma individualização maior dos conselhos e das prescrições. O que era bom para uma pessoa poderia ser ruim para a outra. “O

95 *Eat and drink such an exact Quantity as the Constitution of thy Body allows of, in reference to the Services of the Mind.*

96 *The exact Quantity and Quality being found out, is to be kept to constantly.*

97 *Excess in all other Things whatever, as well as in Meat and Drink, is also to be avoided.*

que é demais para um homem fleumático pode ser insuficiente para um colérico” (FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre)<sup>98</sup>. Contudo, para uma maior prescrição dos elementos da saúde, a moral frankliana realizou uma certa “evangelização” das práticas a ela relacionadas.

### 3.3 O corpo como residência do Espírito Santo – A “evangelização” da saúde

Foi explícito na leitura das fontes a forma como a religião se manifestou na obra de Benjamin Franklin. A aproximação entre saúde e religião manifestava-se nos detalhes da vida cotidiana. Tanto que o pensador norte-americano pregava, em certo sentido, sua doutrina, pois ora dava conselhos nutricionais para que se tivesse um corpo saudável, ora relacionava essas prescrições a elementos religiosos, visto que intentava que os pecados não tomassem conta do ser. Nessa aproximação o pensamento frankliano acabou por sistematizar uma educação do corpo baseada numa certa “evangelização” da saúde.

Essa missão “evangelizadora” prosseguiu em seus escritos, saltando à vista as colocações a respeito do que comer e de que forma tal ato deveria ser realizado. Na tentativa de mensurar esses alimentos, algo indispensável para a prescrição de uma dieta, Franklin evidenciava nitidamente os contornos de sua doutrina: “Pode ser ingerida uma quantidade maior de determinadas comidas, visto que algumas são de digestão mais leve que outras” (FRANKLIN, 1732, p. 34 – tradução livre)<sup>99</sup>. Todavia, como um autêntico religioso inserido na moral protestante, não poderia se desviar das recomendações relativas a necessidade espiritual, conforme a seguinte passagem indica: “A dificuldade reside em achar a mensuração exata; coma por necessidade, não por prazer, pois a luxúria não conhece os limites da necessidade” (FRANKLIN, 1732, p. 34 – tradução livre).

Sobre esse ponto cabe chamar atenção para o desejo da mensuração exata, fruto da racionalização apregoada pela mentalidade do período, algo que também era caríssima aos protestantes. Vigarello (2008a, p. 465), ao explorar a emergência do ideário da racionalização na sua relação com a dimensão corporal, característica que já estava em processo de formação durante o século XVIII, aponta elementos interessantes: “(...) o crescente prestígio das ciências físicas despertou (...) a necessidade de medir as operações da máquina corporal”. O historiador francês indica que a partir da segunda metade do século XVII começaram a surgir

<sup>98</sup> *For that which is too much for a flegmatick Man, is not sufficient for a Cholerick.*

<sup>99</sup> *A greater Quantity of some things may be eaten than of others, some being of lighter Digestion than others.*



os primeiros cálculos elaborados para o peso do indivíduo, a quantificação das refeições e até dos excrementos, nem mesmo a transpiração escapavam de medidas e cifras sistematizadas pelo discurso científico.

Para além da questão da quantificação, o olhar de Franklin também foi dirigido às enfermidades. Tanto que algumas doenças foram retratadas em seus escritos: “Beba água, ponha o dinheiro no bolso e deixe a ‘dor da barriga seca’ na poncheira”<sup>100</sup> (FRANKLIN, 1732, p. 9 – tradução livre). Moléstia causada pelo consumo de rum, a ‘dor da barriga seca’ era muito frequente nos Estados Unidos setecentistas. A disfunção era provocada pela presença de chumbo existente no processo de fabricação dessa bebida alcoólica. Nesse quesito relativo ao ato de beber novamente Franklin se mostra com um pensador atrelado a uma moral protestante.

Quellier (2011) salienta que para os protestantes o ato de se embriagar era o verdadeiro pecado da gula. A bebida era excessivamente perigosa, pois levaria o indivíduo a perda da razão e a prática de inúmeros vícios. A citação abaixo ilustra muito bem os pontos relativos a mentalidade existente no século XVIII no que refere-se as práticas de comer e beber bebidas alcoólicas em excesso:

(...) o corpo do glutão ‘zoomorfiza-se’ até provocar a repulsa dos outros convivas: seu apetite era feroz e ele punha tanto esforço em saciá-lo que, durante a refeição veias de seu pescoço saltavam e o víamos tomado por uma transpiração abundante. Da mesma forma, a embriaguez é vista como um retrocesso, um espetáculo grotesco e obsceno de um corpo sem razão, que perdeu o senso de limites, da moderação e do comportamento; numa palavra a decência. Pela embriaguez o homem perde sua dignidade (QUELLIER, 2011, p. 125).

Ainda que aparentemente ciente da causa fisiológica da doença causada pelo consumo excessivo do rum, Franklin visualizou a deixa para realizar seu processo de “evangelização” protestante, lembrando que ao evitar o gasto com essa bebida poupava não apenas a vida mas também o dinheiro no bolso. A saúde aqui novamente era casada com o utilitarismo protestante, mas, sobretudo, passava a ser algo que poderia ser racionalizado, visando um maior controle da máquina corporal.

A presença dos elementos racionais se mostram presentes na citação a seguir: “Não vá ao médico por qualquer enfermidade, nem ao advogado por qualquer disputa, nem ao pote por

---

100 *Drink Water, Put the Money in your Pocket, and leave the Dry-bellyach in the Punchbowl.*

qualquer sede” (FRANKLIN, 1732, p. 19 – tradução livre)<sup>101</sup>. A ideia de buscar sempre se manter saudável, sem depender da ajuda de médicos, implicava cuidados muito específicos com o corpo que, paradoxalmente, incluíam não beber água sempre que tiver sede, pois saciá-la seria uma forma de prazer, que deveria ser evitado na moral defendida por Franklin.

Em uma outra passagem, o pensador norte-americano acaba por evidenciar pontos interessantes: “Tenha medo de adoecer, e não precisará temer mais nada” (FRANKLIN, 1732, p. 28 – tradução livre)<sup>102</sup>. Para Benjamin Franklin o doente não trabalhava, não produzia e não rendia para a sociedade. Combater a doença era para ele, em certo sentido, um combate à preguiça e à indolência. Ao estar longe das enfermidades, o indivíduo se aproximava mais do trabalho, da ação, e isso o dignificava. Dignidade que, por sua vez, não poderia ser encontrada em ambientes inapropriados para isso. O processo de civilização e racionalização dos costumes, atrelado à moral religiosa e a sua missão “evangelizadora”, não permitia frequentar locais onde os indivíduos tendiam ao descontrole. Tais questões eram uma constante nos escritos de Franklin, como poder ser visto num pequeno poema que o autor escreveu condenando os divertimentos em bares:

Aquele que por causa da bebida negligencia seu comércio  
E passa cada noite em tavernas até tarde  
E levanta-se quando o Sol já tem quatro horas de altura  
E nunca mais toma em consideração sua faminta família  
Deus em sua misericórdia pode fazer muito para salvá-lo  
Mas que pena de sua esposa, cujo destino é tê-lo como marido (FRANKLIN, 1732, p. 9 – tradução livre)<sup>103</sup>.

Aqui novamente observa-se, tal como levantado no capítulo anterior, uma separação entre os bons divertimentos e os considerados ruins. A moral frankliana, tal como a protestante, não tolerava que os prazeres atrapalhassem o trabalho e a vida prática, pois “Feliz é a nação (...) cuja história não é divertida” (FRANKLIN, 1732, p. 26 – tradução livre)<sup>104</sup>. Benjamin Franklin advogava que o sofrimento era moralizante e a diversão era degradante, por isso deveria ser evitada a todo custo.

---

101 *Don't go to the doctor with every distemper, nor to the lawyer with every quarrel, nor to the pot foreverly thirst.*

102 *Fear to do ill, and you need fear nought else.*

103 *He that for sake of Drink neglects his Trade, And spends each Night in Taverns till 'tis late, And rises when the Sun is four hours high, And ne'er regards his starving Family; God in his Mercy may do much to save him. But, woe to the poor Wife, whose Lot it is to have him.*

104 *Happy that nation (...) whose history is not diverting.*

No que refere-se a temática do corpo e da dor Franklin prossegue na mesma linha argumentativa: “A dor castiga o corpo, os prazeres o entendimento”(FRANKLIN, 1732, p. 12 – tradução livre)<sup>105</sup>. Essa relação com a dor, um tanto estoica e ascética, manifestava-se a todo momento no pensamento do filósofo norte-americano. “Abnegar de si para salvar o eu (FRANKLIN, 1832, p. 12 – tradução livre)<sup>106</sup>”, expressão paradoxal que evidencia seu descompromisso com as vontades do corpo e que valorizava uma metafísica de salvação individual. Os prazeres eram recorrentemente alvos de críticas em sua obra, visto que o autocontrole representava o apogeu da racionalização do corpo. Esse maior controle sobre a máquina corporal operada pela razão se manifestara claramente nas máximas subsequentes: “Nada traz mais dor que o prazer” (FRANKLIN, 1732, p. 20 – tradução livre)<sup>107</sup>; “Fuja dos prazeres e eles o seguirão” (FRANKLIN, 1732, p. 20 – tradução livre)<sup>108</sup>. As duas citações acima reproduzidas denotavam a luta constante do protestante em manter-se afastado dos prazeres, resistindo sempre as tentações da carne.

Um dos capítulos do Almanaque denominado “Regras para uma saudável e longa vida, e como se prevenir de febres malignas e doenças em geral”<sup>109</sup>, mais especificamente na página 33, Franklin aplica noções de dieta ainda mais particulares para a preservação da saúde. Na busca por uma quantificação exata, fruto do processo de racionalização do protestantismo do período em que escrevia, Franklin desejava conceder conselhos ainda mais precisos e individualizados: “A juventude, a idade e a doença exigem quantidades diferentes”<sup>110</sup>, ao referir-se ao quanto se deveria comer e beber. (FRANKLIN, 1732, p. 33 – tradução livre). A obsessão protestante por quantificar os diferentes aspectos da vida cotidiana, tal como discutido por Guttman (2004) e Overman (2011) já era manifesta na ordem discursiva do período em que Benjamin Franklin escrevia:

A dificuldade reside em achar a exata medida; mas coma por necessidade, não por prazer, pois a luxúria não começa onde a necessidade termina (...) Se você comer tanto que o torna incapaz de estudar, ou realizar outras atividades, então você ultrapassou a medida certa (...) se você se sente lento e pesado após comer carne, é um sinal de que ultrapassou a medida ideal; a carne e a bebida devem revigorar o corpo e torná-lo bem-disposto, e não pesado e oprimido (FRANKLIN, 1732, p. 34 – tradução livre)<sup>111</sup>.

105 *Pain wastes the Body, Pleasures the Understanding.*

106 *Deny Self for Self's sake.*

107 *Nothing brings more pain than too much pleasure.*

108 *Fly Pleasures, and they'll follow you.*

109 *Rules of Health and long Life, and to preserve from Malignant Fevers, and Sickness in general*

110 *Youth, Age, and Sick require a different Quantity.*



A passagem mostra que o intelectual americano, além da forte relação com a moral protestante, estava em total sintonia com a ordem discursiva do século XVIII no que refere-se ao processo de codificação da vida. Conforme lembra Quellier (2011), o tempo universalmente mecânico do relógio substituíu o tempo pessoal do estômago. A codificação das refeições eram uma constante no pensamento frankliano, que também acabou por extrapolar as questões relativas a alimentação, sugerindo e prescrevendo também exercícios físicos:

Faça um pouco de exercícios, um quarto de hora antes das refeições, tais como balançar seus braços com um pequeno peso em cada mão; pular, ou algo parecido, pois isso agita os músculos do peito (...). Uma dieta moderada prepara o corpo contra todos os acidentes externos; de modo que ele não seja tão facilmente ferido pelo calor, frio ou trabalho; se a qualquer momento ele for prejudicado, será mais facilmente curado, seja por feridas, deslocamentos ou contusões (FRANKLIN, 1732, p. 34, tradução livre)<sup>112</sup>.

Aqui novamente se evidencia que o filósofo norte-americano era um indivíduo inserido nas entranhas da lógica discursiva de seu tempo. Vigarello (2008a), ao explorar a mentalidade relativa a dimensão corporal do século XVIII na França, salienta que as formas de usar o corpo, nesse período, ainda eram bastante confusas e não tinham uma especificidade detalhada, oriunda de um maior processo de racionalização. Saltar poderia servir para agitar os músculos peitorais. Isso parecia estar também vinculado a uma melhor digestão, quando analisado no contexto do escrito de Franklin, embora a correlação fisiológica atualmente seja totalmente estranha a levantada pelo pensador americano. Mas o que mais se extrai de precioso na transcrição da fonte é a seguinte ocorrência: exercitar-se justifica-se, na moral frankliana, quando executado para um melhor aproveitamento da refeição moderada. O ato de praticar alguma atividade em prol da saúde passava a ser uma coisa válida, justa e boa em mais um aspecto. Sendo passível de tornar-se algo digno de uma missão “evangelizadora” e que deveria estar presente no processo de educação do corpo dos norte-americanos.

---

111 *The Difficulty lies, in finding out an exact Measure; but eat for Necessity, not Pleasure, for Lust knows not where Necessity ends. (...) If thou eatest so much as makes thee unfit for Study, or other Business, thou exceedest the due Measure (...) If thou art dull and heavy after Meat, it's a sign thou hast exceeded the due Measure; for Meat and Drink ought to refresh the Body, and make it chearful, and not to dull and oppress it.*

112 *Use now and then a little Exercise a quarter of an Hour before Meals, as to swing a Weight, or swing your Arms about with a small Weight in each Hand; to leap, or the like, for that stirs the Muscles of the Breast. A temperate Diet arms the Body against all external Accidents; so that they are not so easily hurt by Heat, Cold or Labour; if they at any time should be prejudiced, they are more easily cured, either of Wounds, Dislocations or Bruises.*

A referida missão “evangelizadora” era um elemento fundamental no pensamento de Franklin, pois o mesmo não negava sua religiosidade como elemento que deveria estar associado ao que estava por advogar:

Uma dieta sóbria faz um homem morrer sem dor; mantém os sentidos em vigor; mitiga a violência das paixões e afeições. Preserva a memória, ajuda no entendimento, alivia o calor da luxúria; faz o homem realizar uma consideração a respeito de seu último fim; faz do corpo um Tabernáculo adequado para o Senhor habitar; que nos faz feliz neste mundo, e eternamente feliz no mundo por vir, através de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador (FRANKLIN, 1732 – tradução livre, p. 35)<sup>113</sup>.

Tal passagem permite estabelecer uma relação direta e contundente com o fenômeno de cristianismo muscular discutido por Overman (2011) e que se consolidaria posteriormente nos Estados Unidos do século XIX. O corpo cristão, quando controlado, livre de paixões e impulsos violentos, manifestava o espaço para habitar a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Seria então um tabernáculo vivo para a experiência de fé do cristão. Um corpo controlado, civilizado e saudável tornava-se a moradia terrestre do divino. Foi nesse sentido que o protestante precisava privar-se do que lhe fazia mal, porém em uma proporção devida, visto que não deveria passar fome nem sede, mas apenas saciar sua necessidade natural. Tudo além disso seria luxúria e perdição, e portanto, descontrole que levaria a perda da salvação. Sendo assim, a busca por esse controle seria o intento dessa missão “evangelizadora” protestante advogada por Benjamin Franklin na segunda metade do século XVIII nos Estados Unidos da América.

---

113 *A sober Diet makes a Man die without Pain; it maintains the Senses in Vigour; it mitigates the Violence of Passions and Affections. It preserves the Memory, it helps the Understanding, it allays the Heat of Lust; it brings a Man to a Consideration of his latter End; it makes the Body a fit Tabernacle for the Lord to dwell in; which makes us happy in this World, and eternally happy in the World to come, through Jesus Christ our Lord and Saviour.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao serem derrotados no empreendimento de reformar a Igreja Anglicana na Inglaterra, os protestantes dirigiram-se às colônias americanas com o objetivo principal de terem liberdade para empregarem a moral que advogavam ser a mais correta para os olhos de Deus. Nesse propósito, advogavam que certos comportamentos e costumes eram indignos, incivilizados e profanos, tal como observado nas fontes levantadas e analisadas na presente dissertação de mestrado. A tentativa fracassada de banir tais práticas do contexto inglês parece ter concedido mais força ao movimento religioso quando transportado para a América do Norte. Prova disso foram os primeiros conjuntos de leis produzidos nas colônias, em que qualquer tipo de divertimento poderia ser considerado uma perda de tempo que manchava a reputação do indivíduo que a praticasse. Caso os divertimentos fossem realizados em dias sabáticos, a moral vigente entre os protestantes era ainda mais intolerante, manifestando-se em punições severas, tal como foi demonstrado pelas fontes analisadas.

Tal controle vindo de cima, da figura do Estado colonial, indicava duas possíveis conclusões: 1) que tais divertimentos existiam e eram praticados, mesmo com uma moral que as proibia e ainda que inerentes a toda uma gama de dificuldades próprias da vida colonial, ainda em desenvolvimento; e 2) eram rigidamente controlados pelas leis do Estado, tendo em vista as punições explicitadas nas legislações aqui estudadas.

As famílias que assentaram-se nas colônias assimilaram modos de vida que integravam os períodos destinados a trabalho, religião e tempo livre. Os dois primeiros eram condições primordiais para a manutenção de uma reputação favorável e uma rede de interdependência “saudável” entre os colonizadores. O tempo livre, ainda que incipiente nos primeiros anos da formação das colônias americanas, acabou por expandir-se, fruto de mudanças na estrutura urbana, no regime de trabalho e nas próprias relações sociais. Ainda assim, a moral protestante não sabia ao certo como lidar com um tempo que não era destinado nem para Deus e nem para trabalho. Em diversos momentos acabava-se por continuar condenando-se práticas de divertimentos. Mesmo com o controle proibitivo, presume-se, com base na materialidade das fontes apresentadas, que atividades como *carteado*, *damas* e *blood sports* gozavam de popularidade suficiente para adquirir atenção das autoridades.



Nessa lógica discursiva, a presente dissertação de mestrado realizou uma análise de uma importante figura da história americana: Benjamin Franklin. Esse pensador, filho de puritanos, era fruto de tal criação religiosa e, portanto, um indivíduo de seu tempo. A pesquisa de seus textos, escritos e obras indicou que, dentro de um rígido controle do tempo livre, o espaço para divertimentos precisava ser justificado por valores próprios ao puritanismo.

Nessa perspectiva, Franklin defendeu certas práticas, tais como o xadrez, o nadar, o caminhar, correr, saltar e lutar, como atividades que atendiam a propósitos úteis, tanto para a formação individual como para a sociedade como um todo. Ao atribuir características, tal como promoção da saúde e cultivo de valores, o intelectual norte-americano conseguiu em certo sentido circunscrever o espaço dos divertimentos dentro de uma moral protestante. Nesse sentido, tais práticas passam a ser justificadas, ainda que continuem, no período analisado, subjugadas ao espaço destinado ao trabalho e às atividades religiosas.

Tais perspectivas de controle, seja no sentido macro (as legislações), seja em sentido micro (a moral frankliana), acabam por preparar um terreno fértil para a proliferação de novas atividades que estivessem em consonância com o discurso religioso dos Estados Unidos da América. Divertir-se poderia então ser bem-visto se fosse útil, atendendo a propósitos elevados e considerados civilizados. Ainda assim, em poucos casos Franklin acabou por admitir em seus escritos que estava se divertindo, como ao realizar o ato de nadar. Afinal, na moral protestante, o prazer precisava estar velado, não-declarado e submetido a um propósito maior.

Cabe destacar que a atribuição de valores positivos aos elementos da cultura física não foi algo realizado exclusivamente pelo pensador americano. A primeira fonte analisada na dissertação de mestrado, a lei *Declaration of Sports* da Inglaterra, já imbuía certas práticas físicas como úteis para a formação militar da população, bem como a recuperação de energia após períodos exaustivos de trabalho. Entretanto, Franklin parece protagonizar essa postura de anexar valores às práticas corporais no contexto norte-americano, sendo um dos primeiros naquele período e local a fazer isso com atividades como xadrez, natação, corridas, entre outras.

Mensurar o potencial de Franklin, no tocante às práticas físicas, divertimentos e nos demais elementos da cultura física no decorrer dos eventos históricos norte-americanos é uma tarefa de proporções maiores às almejadas pelos objetivos dessa pesquisa. McKenzie (1936) chegou a afirmar que Benjamin Franklin seria o “pai americano da Educação Física”, em uma

clara alusão à expressão *founding father* que já era associada ao político da Filadélfia. Freeman (2013) em sua obra “*Physical education, exercise and sport science in a changing society*”, salientou a importância de Franklin no estabelecimento da natação, em um período e contexto onde ainda era uma atividade muito estranha e impopular. Alguns indícios da influência do pensador se estendem para momentos posteriores à sua morte, em que o norte-americano foi inclusive referenciado por um importante nome da Ginástica Alemã, o prussiano Johan Guts Muths (1759 – 1839).

Quitau (2015) indica que Guts Muths é considerado um dos primeiros criadores de sistematizações de exercícios com fins médicos e pedagógicos, sendo atribuído a sua autoria um dos mais importantes manuais de ginástica da história alemã, o “*Gymnastik für die Jugend*” (Ginástica para a Juventude), em 1793. Torna-se possível deparar-se com Guts Muths citando Benjamin Franklin e sua metodologia de ensino da natação proveniente da obra “*The art of Swimming*” (GUTS MUTHS, 1793, p. 531 – tradução livre), visto que o professor prussiano atribui a Franklin o título de “excelente nadador”, tal como pode ser observado no seguinte trecho de *Gymnastik für die Jugend*:

Eu não poderia me omitir de falar do testemunho do Dr. Franklin, que foi um excelente nadador, dado nas palavras de Campe. “Nada, na verdade”, diz ele, “pode ser mais fácil do que aprender a nadar. Pouco mais é necessário do que se convencer de que você pode nadar se quiser.” Isso me foi ensinado pelo célebre Franklin, lendo suas cartas, quando eu tinha trinta e seis anos de idade. Com sua autoridade, pus à prova e consegui. Ele (Franklin) diz: “Todos os homens podem nadar, assim como todos os animais: nada mais é necessário além de que se tenha a coragem de colocar-se em uma posição adequada e que se faça os mesmos movimentos com suas mãos e pés como você vê os sapos fazerem. Mas você não terá essa coragem até que tenha encontrado, por experiência própria, que você pode se manter flutuando dessa maneira<sup>114 115</sup>”.

114 Ich darf jedoch vorher eine Anweisung nicht überspringen, die von Franklin herrührt, und von Herrn Campe empfohlen wird Seine Worte darüber find diese: “In derThat ist nichts leichter als Schwimmen zu lernen; es gehört fast nur die Ueberzeugung dazu, daß man es schon könne, um es wirklich zu können. Das lehrte mich der grosse Franklin (siehe deffen Briefe) in meinem fechs und dreißigsten Jahre; ich verfuchte es auf fein Wort, und konnte schwimmen. Er sagt nämlich: alle Menschen können schwimmen, fo wie alle Thiere, und es kommt nur darauf an, daß sie den Muth haben, sich in die gehörige Lage zu versetzen, und diejenige Bewegung mit den Händen und Füßen zu machen, die uns jeder Frosch vormacht.

115 É importante destacar que nem todas as edições do *Gymnastik für die Jugend* possuem esse trecho. Uma análise das edições disponibilizadas pela plataforma *Google Books* apresenta diferentes edições, o qual a autoria pertence a Guts Muths, porém os títulos variam nas diferentes versões. Por exemplo, a edição de 1847 da editora Hoffmann, *Gymnastik für die Jugend: Enthaltend eine praktische Anweisung zu Leibesübungen* (Ginástica para a Juventude: Contendo uma instrução prática sobre exercícios físicos) a qual apresenta um número de páginas diferente, 408, em comparação a que foi citada na presente pesquisa, com 633 páginas. A que foi analisada na pesquisa também possui um subtítulo diferente: *Gymnastik für die Jugend: enthaltend eine praktische Anweisung zu Leibesübungen : ein Beytrag zur nöthigsten Verbesserung der körperlichen Erziehung*, algo que pode ser traduzido como “Ginástica para jovens: contendo uma instrução prática sobre exercícios físicos: um pedido para a melhoria necessária da educação física”. Há



Sem dúvidas, os escritos de Franklin de alguma forma reverberaram dentro da cultura europeia, visto terem atingido a distante Prússia de um dos expoentes da Ginástica Alemã. Fato que mostra que Franklin estava em sintonia à ordem discursiva circulante no século XVIII no que refere-se aos processos de educação do corpo.

Para além disso, destacou-se na pesquisa o papel do controle do corpo nos aspectos de dieta, sono e privações. A moral protestante, ao considerar todos os elementos da vida como possíveis ferramentas para condenação ou salvação do espírito, não podia excluir o que se fazia com o corpo na alimentação e nos seus cuidados higiênicos. Controlar o quanto se comia e bebia, bem como o quanto se dormia, eram regulações que antes do surgimento do protestantismo pareciam estar muito bem estabelecidas no meio monástico do catolicismo. Nos textos de Franklin, tal controle do corpo espalhava-se por toda a sociedade de maneira muito mais disseminada, tornando-a quase desvinculada de seus fundamentos religiosos. Em breve, ser saudável não seria apenas uma exigência para a salvação do espírito, mas uma condição fundamental para ser um indivíduo bem-sucedido. Era uma verdadeira missão “evangelizadora” a ser realizada.

As formas de controle de jogos e divertimentos, tal como discutidas por Guttman (2004) e Overman (2011), parecem ter caminhado para processos cada vez mais evidentes de racionalização, próprios do processo de modernização demonstrado por Max Weber (2004). Nessa esteira de desenvolvimento, o esporte em sua forma moderna, tido aqui como um fenômeno manifesto ao fim do século XIX, parece ter sido influenciado por tal lógica

---

também outra edição de 1804, constando em torno de 500 páginas, o qual não cita Franklin. Por fim, encontra-se em inglês uma edição de 1800, da editora J. Johnson, com pouco mais de 400 páginas, o qual intitula-se *Gymnastics for Youth, Or A Practical Guide to Healthful and Amusing Exercises for the Use of Schools: An Essay Toward the Necessary Improvement of Education, Chiefly as it Relates to the Body*, o que pode ser traduzido como “Ginástica para a juventude ou um guia prático para exercícios saudáveis e divertidos para o uso de escolas: um ensaio para a melhoria necessária da educação, principalmente no que se refere ao corpo”. Essa última edição, por sinal, tem como autor na capa o pedagogo Christian Gotthilf Salzmann, o qual era fundador de uma instituição educacional que Guts Muths trabalhara (QUITZAU, 2012). O porquê Salzmann tenha sido referenciado nessa edição ao invés de Guts Muths é um mistério, entretanto a plataforma *Google Books* credits à Guts Muths essa publicação, mesmo tendo o nome de Salzmann como autor na capa. Pode-se especular que a variação dessas edições no tocante à páginas e conteúdo relativo à Franklin decorra de questões como ampliações e revisões editoriais, o papel dos tradutores que muitas vezes “incrementam” a escrita com fatores não-abordados originalmente pelo autor, bem como a atualização ou supressão de determinados conteúdos pela própria intencionalidade do autor. Ademais, visto que não se efetuou a leitura dessas obras por não serem enfoque principal da pesquisa, apenas destacou-se que uma edição alemã de *Gymnastik für die Jugend*, datada de 1793 e assinada por Guts Muths, tanto na capa quanto na plataforma *Google Books*, referencia Franklin como um intelectual influente na pedagogia da ginástica alemã na questão referente à natação.



discursiva inerente a esses divertimentos cada vez mais controlados, conforme evidenciam Guttman (2004) e Vigarello (2008a; 2008b). Gradualmente, elementos religiosos foram desaparecendo das motivações e fundamentos das práticas esportivas, dentro do processo de desencantamento do mundo tal como explicitado por Weber (2004). Um mundo racional, materialista e desencantado não poderia mais justificar o corpo saudável como forma de preservar o tabernáculo do Espírito Santo. Os valores próprios do jogar e exercitar seriam então os de rendimento, eficácia, longevidade, saúde, fortalecimento, cidadania, integração e até mesmo a pura e simples vontade e direito de se divertir.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, F. **História da Igreja – Idade média**. Cleofás, 2013.

BASEBALL MEMORY LAB. **Early Baseball Milestones – Cricket**. 2019. Disponível em: [http://mlb.mlb.com/memorylab/chronology/index.jsp?sub\\_section=cricket](http://mlb.mlb.com/memorylab/chronology/index.jsp?sub_section=cricket)

BEDNAR, M. Sport, Asceticism and Hedonism. **Journal of Outdoor Activities**, v. 2, p. 4-11, 2009.

BETTS, J. Mind and body in early American thought. **The Journal of American History**, v. 54, n. 4, p. 787-805, 1968.

BREWER, E. **Wordsworth Dictionary of Phrase and Fable**. Wordsworth Editions, 2001.

CAMPBELL, B. Agricultural progress in medieval England: some evidence from eastern Norfolk. **The Economic History Review**, v. 36, n. 1, p. 26-46, 1983.

DAY, D; VAMPLEW, W. Sports History Methodology: Old and New. **International Journal of History of Sport**, v.32, n.15, p.1715-1724. 2016.

DELSAHUT, F. From Baggataway to Lacrosse: An Example of the Sportization of Native American Games. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 7, p. 923-938, 2015.

DEWEY, J. The development of American pragmatism. **Scientiae Studia**, v. 5, n. 2, p. 227-243, 2007.

DULLES, F. **A history of recreation – Americans learn to play**. Appleton-Century-Crofts: 1965.

ELIAS, N. **What is sociology?**. Columbia University Press, 1978.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação – desporto e lazer no processo civilizacional**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador, vol. 1**. Zahar, 1994a.

ELIAS, N. **O processo civilizador, vol. 2**. Zahar, 1994b.

ELIAS, N. **A sociedade de corte – investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Zahar, 2001.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Morris Dance**. 2018. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/art/Morris-dance>

FAGLIONI, F. A harmônica de vidro de Benjamin Franklin e as relações de Wolfgang Amadeus Mozart com o instrumento. In: **XXVII Congresso da Anppom-Campinas/SP**. 2017.

FEDERAÇÃO MORRIS. **The Morris Federation**. 2018. Disponível em:  
<https://www.morrisfed.org.uk/>

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da prisão**. Petropolis, Vozes, 2002

FRANKLIN, B. **Poor Richard's Almanck**. 1732.

FRANKLIN, B. **Proposals Relating to the Education of Youth in Pennsylvania**. 1749.

FRANKLIN, B. **From Franklin to Oliver Neave (before 1769)**. 1769.

FRANKLIN, B. **Dialogue between Franklin and the gout**. 1780.

FRANKLIN, B. **Morals of chess**. 1786.

FRANKLIN, B. **The autobiography of Benjamin Franklin**. 1791.

FRANKLIN, B. **The art of swimming rendered easy; with directions to learners**. 1790.

FRANKLIN, B. **The Works of Benjamin Franklin: Containing Several Political and Historical Tracts Not Included in Any Former Edition**. 1844.

FURTADO, H; QUITZAU, E; MORAES E SILVA, M. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, v. 24, p. 665-676, 2018.

GEMS, G; BORISH, L; PFISTER, G. **Sports in American History: From Colonization to Globalization**. Human Kinetics, 2017.

GREENBERG, J. The Protestant work ethic and reactions to negative performance evaluations on a laboratory task. **Journal of Applied Psychology**, v. 62, n. 6, p. 682, 1977.

GUTS MUTHS, J. **Gymnastik für die Jugend, Enthaltend eine praktische Anweisung zu Leibesübungen**. 1793. Disponível em:  
<https://play.google.com/store/books/details?id=ZblCAQAAMAAJ>

GUTTMANN, A. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 2004.

HILL, C; **Eleito de Deus – Oliver. a Revolução Inglesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.



HOLT, R. Cricket and Englishness: the batsman as hero. **The International Journal of the History of Sport**, v. 13, n. 1, p. 48-70, 1996.

HOWAT, G. Cricket in the United States: Puritan and Nationalist Attitudes, 1776–1893. **Sports Historian**, v. 14, n. 1, p. 13-20, 1994.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Inglaterra. **The King's Majesty's Declaration to his Subjects Concerning Lawful Sports to be Used**. 1633. Disponível em:  
<https://history.hanover.edu/texts/engref/er93.html>

ISAACSON, W. **Benjamin Franklin: Uma vida americana**. Editora Companhia das Letras, 2015.

ISHOF – International Swim Hall of Fame. **Benjamin Franklin**. 2018. Disponível em:  
[https://ishof.org/benjamin-franklin-\(usa\).html](https://ishof.org/benjamin-franklin-(usa).html)

JABLE, J. **Pennsylvania's early Blue Laws: a Quaker experiment in the suppression of sport and amusements, 1682-1740**. *Journal of Sport History*, v. 1, n. 2, p. 107-121, 1974.

KARNAL, L (org). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. Editora Contexto, 2007.

KIRK, D. Physical culture, physical education and relational analysis. **Sport, Education and Society**, v. 4, n. 1, p. 63-73, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória. 3ª. Edição**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LE GOFF, J; TRUONG, N. **Uma História Do Corpo Na Idade Media**. Editora Record, 2006.

LUCAS, J. A Prelude to the Rise of Sport: Ante-bellum America, 1850–1860. **Quest**, v. 11, n. 1, p. 50-57, 1968.

MCKENZIE, R. Benjamin Franklin: Illustrious pioneer in physical education. **The Journal of Health and Physical Education**, v. 7, n. 2, p. 67-125, 1936.

MARCHI JÚNIOR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2016.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Zahar, 1997.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, K; ENGELS, F. **O capital: crítica de economia política**, volume I. Boitempo, 2011.

MIRELS, H.; GARRETT, J. The Protestant ethic as a personality variable. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 36, n. 1, p. 40, 1971.

MORAES E SILVA, M; QUITZAU, E; SOARES, C. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. 178-293, 2018.

MORAES E SILVA, M. Comportamentos urbanos e Esportes: contribuições para a esportivização do Turfe e da Pelota Basca em Curitiba (1899-1905). **Licere (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online)**, v. 18, p. 86-115, 2015.

NASCIMENTO, E. Pragmatismo: uma filosofia da ação. **GT-20—Encontro de pesquisa em educação da UFPI—2010**. 2010.

NAURIGHT, J. Towards an Expansion of the Place of Cricket, Rugby and Soccer in United States Sporting History. 2014.

Disponível em:

<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31541963/>

[Towards an Expansion of the Place of Cricket 4 .pdf?](#)

[AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1525741322&Signature=X%2B3yiangyIrnwbGPggoYh%2B08sF4%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DCricket\\_Soccer\\_and\\_Rugby\\_in\\_the\\_USA.pdf](#) Acesso em: 07/05/2018

OVERMAN, S. **The protestant ethic and the spirit of sport: How calvinism and capitalism shaped America's games**. Mercer University Press, 2011.

Pensilvânia. **Great body of Law**. 1682. Disponível em:

<http://www.phmc.state.pa.us/portal/communities/documents/1681-1776/great-law.html>

PRYKE, S. The popularity of nationalism in the early British Boy Scout movement. **Social History**, v. 23, n. 3, p. 309-324, 1998.

PUTNAM, R. **Bowling alone: The collapse and revival of American community**. Simon and Schuster, 2001.

QUELLIER, F. **Gula: história de um pecado capital**. Editora Senac, São Paulo, 2011.

QUITZAU, E. " O trabalho na forma de alegria juvenil": a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich Guts Muths. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 34 (2), p. 359-373, 2012.

QUITZAU, E. Da 'Ginástica para a juventude' a 'A ginástica alemã': observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 111-118, 2015.

QUITZAU, E. **Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil (1858-1938)**. Tese de doutorado. UNICAMP, 2016.

REMINI, R. **A Short History of the United States: From the Arrival of Native American Tribes to the Obama Presidency**. Harper Collins: 2009.

ROBERTS, W. Benjamin Franklin's Poor Richard's Almanack and its maxims on physicians, medicine and nutrition. **American Journal of Cardiology**, v. 68, n. 6, p. 703-706, 1991.

SANDEL, M. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Editora José Olympio, 2015.

SCHOLE, J. In: GUTJAHR, P. **The Oxford Handbook of the Bible in America**. Oxford University Press, 2017.

SCRUTON, R. **The Palgrave Macmillan dictionary of political thought**. Springer, 2007.

SEIFERT, K. **How american football is becoming a worldwide sport**. NFL Nation. ESPN, 2016. Disponível em: [http://www.espn.com/nfl/story/\\_/id/15273529/how-american-football-becoming-worldwide-sport-europe-china-beyond](http://www.espn.com/nfl/story/_/id/15273529/how-american-football-becoming-worldwide-sport-europe-china-beyond)

STRUNA, N. Sport and society in early America. **The International Journal of the History of Sport**, v. 5, n. 3, p. 292-311, 1988.

SUL, H. The King's Book of Sports: The Nature of Leisure in Early Modern England. **The International Journal of the History of Sport**, v. 17, n. 4, p. 167-179, 2000.

TAYLOR, M. **The association game: A history of British football**. Routledge, 2013.

TERRET, T. **Naissance et diffusion de la natation sportive**. Paris: L'Harmattan, 1994.

THEORARIS, M. In: ARP, R. **1001 Ideias que mudaram nossa forma de pensar**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

THE ONLINE GUIDE TO TRADITIONAL GAMES. **Shove Ha'penny - History and Useful Information**. 2019. Disponível em: <https://www.tradgames.org.uk/games/Shove-HaPenny.htm>

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. Martins Fontes: 2000.

TOTA, A. **Os americanos**. Editora Contexto, 2009.

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **Penn's Heritage**. 2019. Disponível em: <https://www.upenn.edu/about/history>

VARTANIAN, A. From deist to atheist: Diderot's philosophical orientation 1746-1749. **Diderot studies**, p. 46-63, 1949.



VIGARELLO, G. **O Limpo e o sujo**: uma história da higiene pessoal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGARELLO, G. **História das Práticas de Saúde**: a Saúde e a Doença desde a Idade Média. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: VIGARELLO, G; CORBIN, A; COURTINE, J. **História do corpo 1** – Da Renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008a.

VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBIN, A; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo 3** – As Mutações dos Olhar. O Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

WAGNER, H. The Protestant Ethic: A Mid-Twentieth Century View. **Sociological Analysis**, v. 25, n. 1, p. 34-40, 1964.

WATSON, N.; WEIR, S.; FRIEND, S. **The development of muscular Christianity in Victorian Britain and beyond**. Journal of religion and society, v. 7, 2005.

WEBER, M. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lusosofia, 1997.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **O que é a burocracia**. Brasil: Conselho Federal de Administração, 2013.

WORLD CHESS HALL OF FAME. **Benjamin Franklin**. 2018. Disponível em: <https://worldchesshof.org/hof-inductee/benjamin-franklin>

ZALD, M.; DENTON, P. From evangelism to general service: The transformation of the YMCA. **Administrative Science Quarterly**, p. 214-234, 1963.